UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Mariana Paula Oliveira

**As masculinidades nos homens:
representações de gênero na fala e na fotografia de jovens paulistanos**

SÃO PAULO

2017

Mariana Paula Oliveira

**As masculinidades nos homens:
representações de gênero na fala e na fotografia de jovens paulistanos**

(Versão corrigida)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade São Paulo como parte dos requisitos
para obtenção do grau de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Prof^a. Dra. Audrey Setton Lopes de
Souza

São Paulo

2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Paula Oliveira, Mariana

As masculinidades nos homens: representações de gênero na fala e na fotografia de jovens paulistanos / Mariana Paula Oliveira; orientador Audrey Setton Lopes de Souza. -- São Paulo, 2017. 185 f.

Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

1. Masculinidades. 2. Identidade de gênero. 3. Psicanálise. 4. Teoria dos Campos. I. Setton Lopes de Souza, Audrey, orient. II. Título.

Nome: Oliveira, Mariana Paula. (SUBSTITUIR ESSA PAGINA)

Título: As masculinidades nos homens: representações de gênero na fala e na fotografia de jovens paulistanos

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Doutora em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Ao meu pai e à minha mãe

Mário e Mércia

pelo amar

AGRADECIMENTOS

Meus quatro anos de doutorado se misturam com meus quatro anos de vida em São Paulo, um tempo de expansão de horizontes, que chegou concretamente até o velho continente no ‘período sanduíche’, e simbolicamente foi além, sinto. Foram quatro anos de encontros fortes, reencontros e desencontros idem. De certa forma, significativa certamente, acredito que essa experiência tão intensa e viva está nas entrelinhas dessa tese, e naquelas do meu percurso profissional, de maneira ampliada. Por isso, além de agradecer àqueles que contribuíram diretamente para que esse trabalho se tornasse o que está nas páginas que se seguem, quero agradecer igualmente aos que fazem parte de suas entrelinhas, seus cantos, contornos, esquinas, avessos.

Audrey, obrigada por ter topado essa parceria. Do início ao fim tive a segurança de que poderia contar contigo e isso fez imensa diferença! Obrigada e obrigada!

Obrigada a Fundação CAPES que subsidiou essa pesquisa.

Stephen Frosh, thank you for your wonderful welcome and guiding during my visiting time at Birkbeck. I learned a lot, not only from the subjects you taught and the questions you made about my research, but also from the way you teach and guide. Please, let professors Daniel Pick, Bruna Seu and Amber Jacobs know how grateful I am for the opportunity to exchange with them. They were all very generous, like you.

Anna, Lenita, Dionysios, Marita, Raluca, many thanks for your company and exchanges!

Ana Loffredo e Patrícia Porchat, obrigada pelas contribuições no exame de qualificação através de críticas pertinentes e instigantes e de boas sugestões.

Agradeço imensamente aos cinco participantes entrevistados nessa pesquisa, pela tamanha disponibilidade e generosidade de cada um.

Obrigada aos professores e colegas de Pós-Graduação pelas inúmeras trocas nas conversas acadêmicas e papos diversos em sala de aula ou regados a café e pão-de-queijo no corredor do Instituto, e que às vezes se estenderam para territórios particulares. Em especial, a Carolina Castelli, Anita Machado, Beatriz Saks, Lucas Bulamah, Victor Barão, Pedro Ambra, Adriana Bosco, Aline Martins.

Aline e Pedro, obrigada também pela acolhida na clínica.

Lucas, muito você tem me proporcionado desde aquele encontro-acolhimento após meu primeiro “fora” acadêmico de um doutor uspiano. Tantas trocas de afeto, músicas, batata-doce, ombro e infinitas risadas gostosas. Obrigada por ler meus textos e minhas entrelinhas, e por compartilhar comigo apenas parte delas, bom analista que é. Bom demais da conta ter você por perto. Te amo, trem!

Maria Lúcia, obrigada pelo carinho e incentivo constantes, presentes até nas carinhas e caretas virtuais. Pela metáfora de mãe acadêmica (brava e doce) vivida na nossa relação, e que deixou em mim referências e inspiração para a prática de uma Psicanálise poética e de resistência.

Fabíola, Rafa, Zé, Chris, amigos mineiros em solo paulistano, obrigada pelas trocas, carnavais, shows, abraços familiares e prosas com sabores agora intercalados aos do pão-de-queijo, o do pão-na-chapa.

Fefa, Leo, Sol, Andrey, Tati, Babi, Aline Bueno, Aline Schwartz, Marcela, Karla, Priscila, Rita e Fran, amigos que se fazem presentes apesar da lonjura, obrigada por isso!

Fabíola, obrigada em especial pela leitura dedicada e comentários entusiasmados de parte da tese. Sua companhia/amizade é forte e divertidíssima, até quando acadêmica!

Chris e Elô, obrigada pelo acolhimento durante meu período nômade. Ter um lugar quentinho pra me ancorar num tempo de travessia foi reconfortante!

Mirian, *I had the time of my life* naqueles 187 dias contigo, desbravando o velho mundo. Obrigada de coração! Logo menos estaremos juntas para novos capítulos!

À Adriana Pereira, analista companheira das aventuras e desventuras do meu mundo interno, que somente a arte de psicanalisar pode proporcionar, obrigada.

Aos queridos e queridas do grupo Arte do Movimento, em especial à Priscila, Ricardo, Beto, Gladys, Dani, Ari, Rosa, Thaís, Eloá, Sílvia, Tânia, Dilza, Gláucia, André, Agustín, companheiros de uma dança que contagia os passos afora, obrigada por dançarmos verdadeiramente juntos.

Regina e Gabriel, obrigada por compartilharem lar e vida comigo. Obrigada também pelo entendimento das demandas desse meu momento e a tolerância com as faltas e falhas do cotidiano. Saibam que tê-los encontrado e ter encontrado a paz que vocês transmitem foi profundamente significativo nessa fase tão intensa.

Carol, você é família escolhida. Não é à toa que temos o mesmo sobrenome. Seu afeto, sua disponibilidade (e paciência) em me ouvir, seu acolhimento das angústias que essas escritas me geraram, seu café, seu sofá-cama da sala-quarto por dois meses tão bons, suas marmitas providencias (e aproveito aqui para agradecer à tia Marta que me deu esse colo, indiretamente)... Enfim, não caberia aqui tudo o que você fez por mim e o que você representa na minha vida, que são os motivos pelos quais te agradeço. Levo você comigo para sempre. E por enquanto, quero continuar aproveitando da sorte de tê-la como vizinha. Quando poderia imaginar que, saída do interior de Minas, aqui eu viveria a maravilhosa experiência de buscar e levar “xícaras de açúcar” na casa da frente! Te amo, amiga-irmã-prima-vizinha!

Anita, você foi a primeira pessoa com quem criei laço de afeto nessa cidade. E que permaneceu se fortalecendo a cada movimento nosso. Abriu meu coração para essa selva que chamaram de pedra, e que para mim é de pedras e flores, cinzas e cores. Me sinto abençoada por ter te encontrado, e honrada com os frutos desse laço, que me permitem hoje tocar sua barriga e me sentir tia-do-coração desse bebê, que já amo. É também delicioso poder compartilhar contigo dos outros laços que trazemos, e multiplicar o afeto. Amo muito você! Obrigada por tudo isso, e também pelas contribuições diretas à tese.

Bia, laço partilhado com Anita, triângulo paulistano com gostinho mineiro. Que bom que você também ficou aqui dentro, e que gostoso partilhar da vida afora contigo! Obrigada, para além, pelas contribuições diretas com a tese, pela leitura cuidadosa, pelas sugestões, por se importar, por me incentivar. Amo você, lindeza!

Querida e grande família, vocês são parte importante e permanente do que eu sou. Embora muito em mim tenha mudado, e percebo o estranhamento nos seus olhares, tenho certeza de que sabem que carrego vocês comigo por onde for. Tenho muito orgulho de minhas origens e acho um privilégio poder voltar sempre para Uberlândia e ser recebida nas suas casas acolhedoras, sempre cheias de gente e de vida. Obrigada pelo sustento afetivo e pela torcida. Amo todos vocês!

Murilo, Arakele e Maria Rita, apesar da distância física, acredito que estamos cada vez mais próximos, pelo aprendizado que temos adquirido em lidar com nossas diferenças. Fico feliz com isso e grata pelo amor compartilhado. Obrigada!

Pai, como diz a música que cantei pra você um bocado de vezes nessa vida, “*guardei comigo tudo que você falou*”. Agora que as palavras faltam, ou falham, guardo o amor que transborda dos seus olhos, guardo quem você foi e é, guardo você comigo. Obrigada por ter apoiado o meu voo mais difícil, quando quase ninguém poderia. “*Você é tão importante pra mim, que eu até mudaria o destino...*”

Mãe, minha mainha, todos os meus olhares pra você são de amor e gratidão, e cada dia mais, de orgulho também. Que grande mulher você é, tão humana, forte e sensível, e com um humor fantástico! Foi um privilégio ter você como leitora e revisora de parte desse trabalho. Mas é um privilégio sem igual poder me aninhar nos seus braços. Se houver outra vida, quero nascer de novo direto pro seu colo.

*Mas é preciso ter manha
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida*

Milton Nascimento

RESUMO

Oliveira, M. P. (2017). *As masculinidades nos homens: representações de gênero na fala e na fotografia de jovens paulistanos*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade São Paulo, São Paulo.

Esta pesquisa é uma investigação concernente ao tema do homem e de suas representações de masculinidade. Ela parte de percepções advindas da clínica e do cotidiano de que há homens vivenciando com dificuldades – desde incômodos a crises – as transformações socioculturais que envolvem a ascensão profissional, financeira e social da mulher. Tais transformações, motivadas por ideais de igualdade social, afetam as relações entre homens e mulheres, dado o histórico de dominação masculina de nossa sociedade, e atingem também as identidades de gênero masculina e feminina, já que colocam em questão as linhas (imaginárias) que separaram algumas representações que permanecem reconhecidas como próprias aos homens daquelas próprias às mulheres. Para realizar essa investigação, entrevistamos cinco homens com idades em torno de trinta anos, moradores da metrópole paulistana, todos de classe média, heterossexuais, casados ou que convivem com a companheira. Esses critérios foram selecionados previamente com a intenção de encontrar sujeitos que se enquadrassem minimamente em pressupostos de uma masculinidade tradicional, para verificar como eles percebem/vivem suas masculinidades em tempos de maior emancipação da mulher. Nossa metodologia consistiu em solicitar a cada um deles que fotografasse a sua experiência cotidiana de ser homem em doze fotos. O conteúdo dessas e a experiência de fotografar foram os disparadores para as entrevistas. Trata-se de um procedimento baseado no método autotográfico apresentado por Neiva-Silva e Koller (2002). Nossos objetivos centrais foram desvelar as lógicas psíquicas envolvidas nas construções daquelas identidades masculinas, e relacionar a sustentação dessas na cultura de nosso tempo. A Psicanálise é a ciência que sustenta essa investigação através de seu método interpretativo. E na Teoria dos Campos, nome com que ficou conhecido o conjunto da obra do psicanalista brasileiro Fabio Herrmann, foi onde encontramos construções teóricas de grande valor interpretativo para nosso tema e problema.

Palavras-chave: Masculinidades, identidade de gênero, Psicanálise, Teoria dos Campos.

ABSTRACT

Oliveira, M. P. (2017). *The masculinities of men: gender representations in the speech and photography of young men from São Paulo. (PhD Thesis)*. Psychology Institute, University of São Paulo, São Paulo.

On the grounds of the theme of manhood and representations of masculinity, this research aims to uncover the psychic logics involved in constructions of masculine identities, relating the support of these identities in the culture of our times. The research stems from perceptions gathered from observations of everyday life and the psychoanalytic clinic that there are men living with difficulties – ranging from discomforts to crises – regarding sociocultural transformations that involve women’s professional, financial and social ascension. Such transformations, motivated by ideals of social equality, affect relationships between men and women, given the history of masculine domination in our societies, also reach masculine gender identities, along with the feminine, as they question the (imaginary) lines that split some of the representations that remain recognized as belonging exclusively to men or to women. To perform this investigation, we interviewed five men, aging around 30 years, living in the Sao Paulo metropolitan area. All of them middle class, heterosexual, married or living with the female companion. These criteria were previously selected, with the intent to find subjects that are minimally framed within assumptions of a traditional masculinity, to verify how they perceive/live their masculinities in times of a broader female liberation. Our methodology consisted in requesting each participant to photograph his everyday experience as a man in twelve pictures. The contents of these pictures and experience of taking them were the triggers of these interviews. This is a procedure based on the self-photography presented by Neiva-Silva and Koller (2002). Psychoanalysis is the science that sustains this investigation through its interpretive method and, specifically, Multiple Fields Theory, the name given to the work of Fabio Herrmann, aided us in finding valuable theoretical constructions for our interpretive efforts regarding our objective.

Keywords: Masculinities, gender identity, Psychoanalysis, Fields Theory

SUMÁRIO

1-	INTRODUÇÃO	11
2-	REPRESENTAÇÕES DA MASCULINIDADE NA CULTURA.....	20
2.1-	Masculinidades brasileiras	28
3-	A PSICANÁLISE E AS TEORIAS DE GÊNERO: ENCONTROS E DESENCONTROS.....	33
3.1-	Os primeiros psicanalistas e suas primeiras noções de gênero.....	33
3.2-	De fora para dentro	39
3.3-	Psicanalistas contemporâneos nos estudos de gênero	43
3.4-	Psicanalistas brasileiros	45
3.4.1-	O masculino como uma questão identitária – pensamentos a partir da Teoria dos Campos.....	46
4-	ESTUDO DOS CASOS	52
4.1-	Metodologia.....	52
4.2-	caso 1: Danilo	54
4.3-	caso 2: Lucas	69
4.4-	caso 3: Fabrício	94
4.5-	caso 4: Túlio	115
4.6-	caso 5: Arthur	139
4.7-	Análise do conjunto	164
5-	CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
	REFERÊNCIAS	174
	ANEXOS	179

1- Introdução

Se perdermos as qualidades viris, masculinas, e afundarmos numa nação de meros mascates, colocando o ganho acima da honra nacional, e subordinando tudo à vida fácil, então deveremos de fato alcançar uma condição pior do que aquela das civilizações antigas nos anos de sua decadência
Theodore Roosevelt. 1897

Segunda década do século XXI. Um jovem de 19 anos chega para a sessão de análise e conta, feliz, que conseguiu seu primeiro emprego. Diz, depois, que almeja subir de cargo o quanto antes, pois acredita que quando estiver em uma posição de chefia, as garotas vão "chegar" nele. Esse jovem quer muito ter uma namorada. Pouco consegue se aproximar das garotas, pois é muito tímido, se sente envergonhado.

Outro jovem, esse, de 23 anos, procura a análise para trabalhar sua ansiedade, sintoma que lhe atormenta desde que teve uma experiência sexual ruim com uma garota que, no final, lhe pergunta: "Será que você não é bi (bissexual)?". Ele conta que se identifica com vários aspectos femininos: é carinhoso, sensível, apaziguador. Desde a pergunta da garota, se viu no meio de uma série de dúvidas obsessivas quanto ao seu objeto de desejo, até então, não questionado.

As duas vinhetas apresentam duas possibilidades de vivências de representações da masculinidade (e da feminilidade) para homens, e as consequências dessas para as suas relações. Os casos pincelam como as representações de gênero oferecidas pela cultura, e internalizadas por cada um, podem afetar as noções de eu e as relações interpessoais.

Há incontáveis formas de se estudar a masculinidade. Poderíamos investigá-la na cultura, através de textos de literatura ou poesia, no cinema, nos programas de televisão, nas redes sociais, na decoração de quartos infantis, nos laudos médicos, jurídicos, etc. Poderíamos entrevistar meninos, meninas, adolescentes, homens e mulheres cisgêneros¹ e transgêneros, travestis, homossexuais, intersexos² e pessoas que não se identificam com nenhum gênero (não-binários).

Em 2015, Jennifer Siebel Newsom usou do cinema para fazer uma pesquisa. Ela dirigiu e produziu o documentário "The mask you live in" (A máscara em que você vive)³ para contar que o modelo machista não é vivido sem custo para os homens. Já conhecemos bem o custo

¹ Pessoas para as quais o gênero está de acordo àquele designado pelo sexo ao nascimento.

² Pessoas de genitália ambígua ou hermafroditas

³ As traduções feitas ao longo do texto são nossas, à exceção daquelas apontadas nas referências bibliográficas.

desse para as mulheres, mas com uma série impactante de entrevistas com meninos e homens, Jennifer mostrou como eles foram educados a se distanciar de suas emoções e a inferiorizar a mulher e os homens que demonstram algum aspecto considerado feminino. O filme é norte-americano, com foco naquela cultura, mas é possível identificar nele muito da educação para a masculinidade pela qual passam os meninos brasileiros, também.

O grupo de dança Barely Methodical Troupe, da Inglaterra, apresentou em São Paulo, em 2015, o espetáculo "Bromance", termo que é a junção de "brother" (irmão) e "romance", para designar o amor fraternal, não sexual, entre homens amigos. O espetáculo é a narrativa através dos corpos em dança sobre o tensionamento dos limites de proximidade e intimidade, as expressões dos afetos, os sentidos dos gestos, dos olhares, os jogos nas relações a dois e a três (são três bailarinos, jovens e homens). É possível contrastar a delicadeza do afeto atingida entre aqueles corpos com a agressividade e a distância percebidas nas relações entre os corpos dos homens que encontramos no cotidiano, mais comumente na nossa cultura. Carinho, por exemplo, é um afeto que raramente vemos os homens, principalmente adolescentes e adultos, expressarem uns pelos outros. A criança do sexo masculino provavelmente o faz, mas é repreendida, ouvindo, muitas vezes, que aquilo é "viadagem". Tapas e empurrões, por outro lado, são gestos comuns entre amigos.

Fazendo um passeio pela internet a fim de encontrar mostras de discursos dos homens sobre a masculinidade, alguns espaços chamaram nossa atenção. Um deles é o blog "Clube dos Homens"⁴, há 5 anos online, cuja página no Facebook é seguida por mais de 570 mil pessoas. Fundado por Geon Tavares, principal autor do blog, seu objetivo é educar os homens para a masculinidade viril. Em um texto recente, procura responder aos leitores "Porque você se sente perdido", dizendo que a mídia e o "establishment" têm provocado um problema sério na sociedade ocidental: a destruição "da célula familiar", justificada pela suposta busca por "transcendência do homem e da mulher em meio à era moderna, corroendo e danificando aquilo que fazia de nós, homens puros e imaculados, nos taxando de opressores"⁵. Ao mesmo tempo em que Tavares aponta essa suposta destruição social da masculinidade pura, no texto anterior, intitulado "Heitor e Aquiles: Dois caminhos para a masculinidade", o autor diferencia homens que seriam como Aquiles (raros) - aqueles que nascem com a *andrea* (masculinidade, coragem masculina) e que seriam o exemplo do homem ideal, grande guerreiro -, dos homens como Heitor, homens bons (no sentido de terem bondade com o outro), capazes de reconhecer sua mortalidade/ humanidade, mas que não teriam a força e a braveza de natureza e precisariam

⁴ Recuperado de <http://www.clubedoshomens.blog.br/blog/>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

aprender a *andrea*, a serem guerreiros corajosos, a superar seus medos e sair de posições entendidas como mais confortáveis. O autor do blog diz se identificar com Heitor; conta que preferiria ficar ao sofá jogando videogame a empreender ou lutar as batalhas do nosso tempo. Mas, por acreditar que "o desenvolvimento da *andrea* é essencial para alcançar a *arête* [excelência] e o *eudemonia* [florescimento] enquanto homem"⁶, escolheu se educar para a virilidade e hoje busca ensinar o que aprendeu/tem aprendido a outros homens (os “perdidos”), como uma espécie de guru da masculinidade. Lançou recentemente o livro "Semper Viri", sob a seguinte propaganda: "Conheça mais a respeito do nosso pequeno presente para a humanidade!"⁷

Encontramos também os blogs “Homens da casa – decoração sem frescura”⁸, uma resposta ao "monopólio feminino” nos blogs de decoração, o “Moda para Macho – Moda Masculina para Homem Sem Frescura!”⁹, inspirado em homens que são "empreendedores de sua própria vida", mas "principalmente aqueles encantadores de mulheres, que têm milhares à seus pés". E por fim, o “Entenda os homens”¹⁰, que em 2015 trazia na sua apresentação os dizeres:

Entender os Homens é entender você, me entender, até porque no fundo somos todos iguais. (...) Cativamos com o nosso jeito homem de ser, com as nossas caixinhas do nada, esquecimentos rotineiros, jeito bronco, mas tudo isso regado de esmero e tesão pelo conhecimento. Então no meio dos nossos desastres trazemos o melhor conteúdo para esses seres que ainda não acreditam o quão sexy ficam de coque e uma camisa extra grande. Sem mais, garantimos suspiros, orgasmos, reflexões e sorrisos. Todos eles, múltiplos.

Já em 2017 a apresentação é outra:

Para quem não sabe, e claro quer saber haha, o nome é uma ironia para com as revistas femininas que são, algumas vezes, muito apelativas. (...) “Entender os Homens” é algo abrangente e que engloba, entender você, me entender, entender os nossos sonhos, nossas vontades, anseios, independentemente de ser homem ou mulher.

Os blogs citados têm conteúdos que parecem reações às transformações nas representações de masculinidade (e feminilidade), como se limites para o que é ser homem estivessem sendo defendidos e/ou reconfigurados. Para uns, há o entendimento de que a

⁶ Recuperado de <http://www.clubedoshomens.blog.br/heitor-e-aquiles/>

⁷ Recuperado de <http://www.clubedoshomens.blog.br/blog/>

⁸ Recuperado de <http://homensdacasa.net/>. Acesso em 12 de janeiro de 2017. Observação: ao acessar novamente no mês de março, vi que tiraram a frase “sem frescura” do título do blog.

⁹ Recuperado de <http://modaparamacho.com.br/>

¹⁰ Recuperado de <http://www.entendaoshomens.com.br/>. Acessos em 20 de junho de 2015 e 12 de fevereiro de 2017.

sociedade moderna ameaça a masculinidade e é preciso resgatar/ reforçar valores viris para que os homens não se percam. Para outros é possível requisitar espaços até então considerados do universo feminino (decoração e a moda) como também espaços deles, sem que isso signifique uma mudança na orientação sexual.

Nessa navegação pelos blogs encontramos também outros que se arriscam a repensar as relações entre gêneros, e que apresentam um discurso diferente, aparentemente menos defensivo, como o “Papo de Homem”. O espaço, criado em 2006, com uma estimativa (do próprio blog) de 2 milhões de visitas por mês, se coloca: “Não acreditamos em sermos salvos pelo resgate de uma masculinidade antiga ou por ‘novos homens’. Propomos deixar de lado as narrativas heroicas e os machos alfa, tão frágeis em sua eterna autoafirmação. É tempo de homens possíveis”.¹¹ Guilherme Valadares, o principal criador, afirma ter tido a iniciativa motivado por “solidão”, por não saber “como ser homem”¹², se sentir deslocado, fraco, talvez mais um “perdido”, como diria Geon Tavares. No início ele criou um grupo de e-mails para conversar com amigos a respeito, grupo que se tornou um fórum, e depois um blog, à medida que as conversas viravam reflexões maiores e outros homens se interessavam. O intuito do blog era inaugurar um tipo de conversa entre homens que não havia, ou que ele não havia encontrado até então. Autenticidade é uma palavra muito usada por Valadares quando relaciona quem ele é e o que sente em contraste ao é esperado dele em uma performance masculina. Hoje o “Papo de Homem” é uma empresa com 15 membros e realiza palestras, cursos, consultorias. O site é alimentado com a colaboração de outras centenas de pessoas (mais de setecentas já tiveram seus textos publicados), de vários países.

Encontramos também, em uma linha de discurso semelhante, um movimento chamado “Homens, Libertem-se!”¹³, uma ação do grupo Mo[vi]mento-MG/RJ juntamente com grupo de teatro de Nova Iorque *The Living Theatre* que foi criada para estimular com que os homens libertem-se das “amarras machistas”. Segundo uma das criadoras, a atriz Maíra Lana, “nosso maior alvo é o homem hétero [...]. Queremos que ele reveja seu conceito de masculinidade e identidade, como os homossexuais e as mulheres já fazem há décadas.” O grupo entende que há uma opressão e uma violência forte sobre os homens para que “ajam como homens”. Diante da extrema violência que causam às mulheres, aos homossexuais, travestis, transgêneros e a

¹¹ Recuperado de: <https://papodehomem.com.br/nossa-visao>. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

¹² Entrevista recuperada de: <https://papodehomem.com.br/nossa-visao>

¹³ “Ação ‘Homens, libertem-se’ lança manifesto pelo direito de brochar, falir e chorar”, de 13 de julho de 2014. Recuperado de <http://oglobo.globo.com/sociedade/acao-homens-libertem-se-lanca-manifesto-pelo-direito-de-brochar-falir-chorar-13237298>

eles mesmos – lembrando que o número de suicídios de homens é maior que o de mulheres¹⁴ – sugere que a libertação dos homens de tais estereótipos – machão, viril, homofóbico, insensível, durão, etc. – poderia ajudá-los e a toda sociedade.

Os exemplos acima ilustram como o homem e a masculinidade têm sido temas de interesse e de debate no cotidiano. Para as ciências da sociedade, da cultura e as psicológicas, apenas há poucas décadas o homem veio a se tornar objeto privilegiado de pesquisa, dada a naturalização da masculinidade. Os estudos sobre a mulher foram de grande interesse para essas áreas, principalmente a partir da década de 60, com a segunda onda do feminismo, e só no final da década de 80 e início dos anos 90 é que os estudos sobre o homem tiveram um crescimento expressivo¹⁵. Confluem para esse fato as conquistas feministas, a epidemia de AIDS, a consolidação da teoria Queer e a percepção de uma "crise da masculinidade" que coloca em cheque a sua naturalização e de sua sustentação em representações de virilidade.

Nosso trabalho parte de percepções advindas da clínica e do cotidiano de que há homens vivenciando com dificuldade – desde incômodos¹⁶ a crises¹⁷ - as transformações sociais que envolvem a ascensão profissional, financeira e social da mulher. Essas transformações, por imporem condições de igualdade, demandam deles novas formas de se relacionar, e de se entender enquanto homens.

Algumas pesquisas acadêmicas confirmam essas dificuldades. Em um experimento recente nos Estados Unidos, Hatliff e Oishi (2013) avaliaram a influência do sucesso do parceiro amoroso na autoestima implícita e explícita. O experimento testava separadamente homens e mulheres que formavam casais, através de questionários. Eram colocadas situações como: o sucesso profissional (como uma promoção na empresa) ou pessoal (como a perda de peso) do(a) parceiro(a) em dieta, e avaliados os efeitos dessas na autoestima do entrevistado, de forma direta (explícita) ou indireta (implícita). Os resultados apontaram que os homens exibiam uma queda da autoestima quando colocados na situação de sucesso da companheira, avaliado nos resultados indiretos (implícitos).

¹⁴ O índice de suicídios por 100 mil habitantes por ano foi de 15,0 para homens e 8,0 para mulheres em 2012, segundo dados da Organização Mundial de Saúde em 2014. Recuperado de http://www.cvv.org.br/downloads/suicidio_informado_para_prevenir_abp_2014.pdf

¹⁵ São referências dessa década: XY: Sobre a identidade masculina, de Elizabeth Badinter (1993), O mito da masculinidade, de Sócrates Nolasco (1993), Masculinities, de Roberto Connel (1995) e A dominação masculina, de Pierre Bourdieu (1998)

¹⁶ Para exemplificar o que seria um incômodo trago a fala de um colega com quem conversei sobre a pesquisa. Ele disse que não são tempos fáceis para ser homem, já que precisa se policiar o tempo todo para não atuar machismos, tão enraizados na sua criação e na cultura.

¹⁷ Um exemplo de crise seria aquele do início do capítulo, do garoto que acreditava que só conseguiria se relacionar com mulheres e viver o namoro sonhado quando fosse gerente da empresa onde era estagiário.

Em outro estudo, Grazielle Tagliamento e Maria Juracy Tonelli (2010) investigam duas famílias em que o homem, que antes era o (principal) provedor da casa, naquele momento enfrentava situação de desemprego. Na primeira delas, a mulher já trabalhava anteriormente, mas seu dinheiro era voltado para ela e as crianças, sem que precisasse contribuir para as contas da casa. Com a perda do emprego, ela aumentou sua carga de trabalho para conseguir cuidar de todas as despesas da família. Em entrevista, ela relatou incômodo com a posição de provedora. No discurso do marido percebeu-se negação do papel de “dono de casa” (mesmo sem trabalhar e ficando em casa, ele pouco realizava tarefas domésticas e pouco se aproximou dos filhos), e não reconhecia a esposa como provedora. Na segunda família entrevistada, uma nova configuração se colocou como recurso possível para a família lidar com a mudança: o marido passou a ocupar o lugar de “filho” da esposa, no discurso de ambos, devido à sua dependência financeira e perda de autoridade decorrente. Transcrevo parte de um relato dessa mulher: “eu virei um homem, eu sou um homem, eu só não tenho pinto, mas eu virei um homem, porque eu pago conta, eu tenho que brigar, eu estou com características competitivas no mercado”. (p. 351)

Nós, brasileiros e latino-americanos, estamos vivendo o que tem sido considerado uma quarta onda do feminismo, com pressupostos de uma democracia participativa, com ênfase sobre dimensões políticas de justiça social (MATOS, 2010) e que acontece com a popularização do feminismo pelo advento da internet. Através desse meio, feministas se encontram, se unem e se fortalecem. Campanhas e marchas feministas se multiplicam, em proporções virais (Marcha das Vadias, Marcha das Mulheres Negras, Marcha das Margaridas, 8M – Paralisação Internacional do Dia das Mulheres, para citar algumas). Grande parte de sua pauta são reformulações de antigas e outra parte advém de demandas de nosso tempo. São exemplos: a luta pela descriminalização do aborto, pelo direito de decidir sobre o próprio corpo (“Meu corpo, minhas regras”), contra o assédio (campanha “Primeiro assédio”¹⁸), contra a violência, desde suas formas mais sutis (“Meu amigo secreto”¹⁹ e “Chega de Fiu-fiu”²⁰), pela sororidade – termo que se refere à empatia, compreensão e apoio mútuo entre as mulheres, pela quebra de padrões de beleza, pelo protagonismo da mulher em espaços predominantemente ocupados por homens (como a campanha no jornalismo: “Agora é que são elas”). Cabe aqui

¹⁸ Na campanha “Primeiro Assédio” mulheres compartilhavam nas redes sociais relatos do primeiro assédio que haviam sofrido.

¹⁹ Nessa campanha as mulheres relatavam cenas machistas protagonizadas por amigos, conhecidos, parentes, enfim, homens próximos a elas.

²⁰ Campanha contra o assédio (as “cantadas”) nas ruas.

uma observação: a maioria dos/das internautas brasileiros/as são da classe C, 54%, 36% são das classes A e B²¹ e apenas 10% das classes pobres.

As denúncias constantes feitas por mulheres (considerando, então, principalmente as da classe média) sobre comportamentos machistas exigem dos homens mudanças de atitude, caso eles queiram/precisem se relacionar com elas, seja no campo pessoal, no profissional, ou mesmo nos espaços públicos em geral. Além de não mais aceitar tais comportamentos nas suas relações pessoais, muitas mulheres têm buscado punições legais ou morais para barrá-las (indenizações, exposição e humilhação pública via redes sociais, prisões, processos trabalhistas, proteção via Lei Maria da Penha²² diante de ameaça de violência, etc.).

Diante desses contextos é que surgem as nossas perguntas: quais são as representações de masculinidade que hoje amparam a noção de identidade masculina para os homens? Para além das representações machistas, viris (de dominação, agressividade, força, patriarcado), haveria outras, talvez novas? Ou os homens têm percebido suas masculinidades integradas a representações antes consideradas do feminino, em um movimento semelhante ao que os blogueiros de moda e de decoração para homens citados o fizeram, ou seja, requisitando que tais representações não sejam mais vistas como exclusivas delas?

Enfim, nossa pesquisa se propôs a investigar como alguns homens percebem/vivenciam e representam suas masculinidades no nosso tempo, na nossa cultura. Entrevistamos cinco homens com idades em torno de 30 anos, moradores da metrópole paulistana, todos heterossexuais, casados ou que convivem com a companheira, e de classe média. Esses critérios foram selecionados previamente, com a intenção de investigar sujeitos que se enquadrariam minimamente em pressupostos de uma masculinidade hegemônica²³ ou ideal, para verificar como eles percebem/vivem suas masculinidades em tempos de maior emancipação da mulher. Entendemos que eles estão inseridos na internet, têm acesso a um campo amplo de informações e são, de alguma forma, atingidos por questões feministas, dentro e/ou fora de casa. O nosso olhar buscou encontrar aspectos da cultura nas representações de masculinidade oferecidas pelo nosso tempo e a subjetivação delas em cada um. Entre esses dois aspectos, social e psíquico, está o campo de atuação da Psicanálise, a ciência que suporta metodologicamente nossa investigação, lembrando que o seu método é a interpretação.

²¹ Dados de uma pesquisa feita pelo Instituto Data Popular em 2015, encomendada pela empresa Google, Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/05/1623764-internet-faz-20-anos-no-brasil-e-ve-perfil-de-usuario-mudar.shtml>. Acesso em 19 de março de 2017.

²² Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, recuperado de <http://www2.camara.leg.br/responsabilidade-social/acessibilidade/legislacao-pdf/lei-maria-da-penha>

²³ Termo de Robert Connell (1995)

A fim de enriquecer o material das entrevistas e favorecer as falas dos participantes, pedimos a cada um que fotografasse a sua experiência cotidiana de ser homem em 12 fotos, processo baseado no método autofotográfico colocado por Neiva-Silva & Koller (2002) e que conhecemos através da pesquisa de mestrado de Adriana Bosco (2009). A autora realizou o mesmo pedido para mulheres, considerando as experiências delas com o feminino. As entrevistas foram norteadas pelos conteúdos das fotos e pela experiência dos homens em fotografá-las.

Nosso trabalho se insere dentro daquilo que Fabio Herrmann chamou de clínica extensa: a clínica que considera não apenas o homem e seu mundo, mas o mundo e seu homem, dentro ou fora do consultório com divã. Como explicita Leda Herrmann “o que conta não é o mundo subjetivo de cada homem, mas a subjetivação de cada mundo, seja ele um homem, uma cultura, uma obra literária, um grupo, um setor da sociedade”. (L. Herrmann 2007, p. 199). A clínica extensa é a consideração de que a Psicanálise deve ir onde há uma demanda de escuta²⁴.

Tomar a masculinidade como objeto de estudo psicanalítico é reconhecer a desnaturalização desse gênero – empreendimento começado por Freud, mas que se perdeu frente à sua própria vivência do patriarcado –, ampliar as possibilidades interpretativas das diferenças entre os sexos e reconhecer a função da cultura nas normas que produz, que se manifestam nos discursos dominantes e que, entrelaçadas ao psiquismo individual, são determinantes nas noções de eu e das relações humanas.

No próximo capítulo discorreremos sobre a(s) masculinidade(s) a partir de contribuições de ciências vizinhas (Antropologia, História, Sociologia) que se debruçaram sobre o tema. Traremos um breve histórico dos sentidos da masculinidade na cultura, focando principalmente as representações na contemporaneidade, onde se localizam os nossos sujeitos da pesquisa.

No capítulo 3, trataremos da relação entre Psicanálise e as teorias de gênero, trazendo autores importantes de outras áreas que criticaram os primeiros achados da nossa ciência no que diz respeito às questões de gênero, denunciando os momentos em que ela serviu como justificativa a princípios patriarcais, mas também apontaram a sua potência dentro desse campo de estudos. Reconhecemos a fertilidade desse encontro e que o diálogo da Psicanálise com essas teorias, às vezes tenso e polêmico, acaba por provocar o desenvolvimento de novas teorias psicanalíticas no terreno amplo da sexualidade, mais atentas às relações de poder tanto denunciadas pelo filósofo Foucault.

²⁴ Como costuma dizer a professora Ana Maria Loffredo.

Esse capítulo nos leva até o conceito de identidade desenvolvido pelo psicanalista brasileiro Fabio Herrmann, a partir do qual vamos tomar a identidade de gênero. Para nós, o conceito do autor favorece entendermos como se estabelecem as noções de masculinidade para o/um homem e, principalmente, o que acontece em um momento de transformação ou crise nessas representações.

Adentraremos a pesquisa de campo no capítulo seguinte, onde apresentamos as cinco entrevistas que realizamos, acompanhadas de suas análises. E para terminar, seguem nossas considerações finais e uma síntese de nosso pensamento teórico proporcionado pela pesquisa.

2- Representações da masculinidade na cultura

Menino quando sai não tem hora
Bate lata
Mesmo quando a mãe chama
não volta
Vem sem pressa
É que ela não sabe o sabor que tem
Descer a ladeira na banguela
Bola a tarde inteira e só parar
Para ver passar a morena
Sem caô, se você pular
Juro que em seguida eu pulo também
Pode acreditar
Pés descalços pra vadiar
Mesmo depois que perde o tampão do pé
Quer continuar
 Coisa de Garoto [2015] - Guilherme Moscardini

A partir da conhecida afirmação de Simone de Beauvoir (1967) “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, pensamos que, de fato, nem mesmo humanos nós nascemos, mas nos tornamos quando atravessados pela cultura, pagando por toda a vida o preço dessa identidade que nos dá pertencimento à civilização. Freud discorreu sobre isso em *O Mal-estar na Civilização* (1930/2006). Junto do processo de nos constituirmos humanos, nos tornamos humanos sob a referência de um determinado gênero a nós socialmente atribuído, via de regra. Esse também não é um processo sem custos.

A primeira pergunta que se faz a uma mulher grávida é “Qual o sexo do bebê?”, cuja resposta determinará as fantasias a respeito daquele/daquela que virá a ser. Corpos fêmeos (ideia já aculturada) serão feminizados e corpos machos, masculinizados. Mas, sendo o repertório humano variável historicamente, o que significa masculinizar o corpo macho para nós, sujeitos da contemporaneidade? E quais preços pagamos por essa construção?

Ao nascer, é comum que o menino brasileiro vista roupas azuis, verdes, amarelas,²⁵ com estampas de animais, carros, personagens de desenho masculinos, especialmente super-heróis norte-americanos (Batman, Superman, Hulk). Ele aprende a andar ao mesmo tempo em que aprende a chutar uma bola. Se o garoto tiver um quarto decorado (principalmente nas classes média e alta), será próximo do que Susana Funck (2008) encontrou na sua pesquisa sobre representações de masculinidade em quartos de meninos, que trazem instrumentos musicais, carros, barcos, videogames e bandeiras de países nas decorações, simbolizando ação,

²⁵ Os kits de enxoval que o programa Mãe Paulistana da Prefeitura de São Paulo distribui nas maternidades públicas são unissex. As roupinhas normalmente são verdes, amarelas e brancas, e a bolsa branca com laranja. Raramente há itens rosas ou lilás. Cores escolhidas a partir do referencial convencionalizado masculino ou neutro.

mundo externo, proximidade com a tecnologia. A autora contrasta esses elementos com os dos quartos das meninas, que têm espelhos, pôsteres e murais com fotos, estantes com livros e bonecas e que remetem ao mundo interno, à contemplação da imagem, à passividade. Esses signos sinalizam os lugares a eles e a elas designados, bem como o modo de funcionamento de cada um em cada espaço (ação, contemplação, atividade, passividade).

O menino brasileiro, com maior naturalidade, cresce ouvindo dos adultos, quando diante de um conflito: “engole o choro”, “não leve desaforo para casa”, “vira homem!” – a prova verbalizada de que a masculinidade não vem da natureza, como colocou Elisabeth Badinter a respeito do “Seja homem!” (1993, p.3). O documentário de Jennifer Siebel Newsom, “The mask you live in”, traz outros inúmeros imperativos ditos aos meninos, grande parte designados para que, direta (“Don’t cry!” – Não chore!) ou indiretamente (“Man up!” – correspondente ao “Vira homem!”), calem suas emoções, com exceção daquelas agressivas, que são alimentadas. As expressões “Don’t be a pussy” e “Grow some balls” são, dentre outras, interessantes porque trazem referência aos corpos; poderíamos traduzir a primeira por “Não seja uma mulherzinha”, sendo *pussy* um nome popular para a genital feminina e a segunda por “Deixe crescer bolas”, referindo aos testículos e à masculinidade que a existência deles ou seu desenvolvimento implicaria. Esses imperativos são recomendações para que os garotos assumam uma postura masculina viril, dominante e reprimam quaisquer aspectos que se aproximem com representações do feminino.

Newsom mostra, no desenrolar do filme, dados estatísticos bastante alarmantes sobre taxas de suicídio e homicídio entre homens, especialmente entre os jovens, e sobre a baixa procura por ajuda nos casos de transtornos e/ou sofrimentos mentais. Esse ideal de masculinidade transmitido aos meninos desde muito cedo prejudica a saúde e a vida de todos, é o que o filme afirma.

Apesar de o filme se referir à educação dos meninos residentes nos Estados Unidos, podemos identificar nele muito do que é transmitido aos meninos brasileiros e de outras culturas próximas. Recentemente, um homem que cresceu em Sergipe contou-nos que ouvia da mãe: “Se apanhar na rua, vai apanhar em casa também!”, uma fala que certamente não fica restrita ao contexto de sua terra natal.

Retomando o crescimento dos meninos brasileiros, não há um acontecimento específico que estabeleça, em nossa cultura, a passagem de menino a homem²⁶, papel conferido aos ritos de passagem em várias culturas. Temos algumas poucas exceções, como a do Ritual da

²⁶ Para as meninas, a menstruação é uma marca dessa passagem.

Tucandeira, pelo qual passam os adolescentes homens da tribo indígena dos Sateré Mawé, da fronteira entre Amazonas e Pará, que precisam vestir luvas cheias de formigas - as tucandeiras ou tocandiras -, cujas picadas causam dor fortíssima, por 10 minutos, enquanto dançam, ingerem bebida alcóolica e fumam (Botelho & Weigel, 2011). A dor pode durar até 24 horas; muitos chegam a ter febre, outros, convulsão, mas a tradição permanece como prova das identidades masculina e étnica, ao mesmo tempo, sendo geralmente repetida por 20 vezes para reforçá-las: “De acordo com o mito, as formigas estão relacionadas aos pelos pubianos da sedutora mulher-cobra existente no reino subterrâneo. [...] A luva adornada de penas representa a vagina e os pelos pubianos da mulher-cobra” (ibid, p. 732). Apesar de o rito poder parecer estranho a nós, o que ele simboliza nos é bastante familiar: uma masculinidade heterossexual que silencia as dores para provar virilidade e obter do grupo reconhecimento. A repetição do ritual é sintomática, já que coloca o valor do homem na capacidade de tolerar o sofrimento. Essa é uma importante questão da virilidade, que será retomada abaixo.

A virilidade na história

Corbin, Courtine e Vigarello (2012/2013) são três autores franceses que se debruçaram a pesquisar a virilidade e organizaram a obra “História da Virilidade”, em três volumes. O ideal viril seria considerada uma virtude e traria entre suas características a dominação masculina, a potência para dominação sexual, a coragem, o autocontrole, a honra e o reconhecimento. São características referentes ao homem das guerras, com origem na *andreia* grega (ibid, 2012/2013a). Pesquisando sobre a virilidade grega, Sartre (2012/2013a) se deparou muito mais com aquilo que a sociedade esperava dos homens do que com uma descrição real de seus comportamentos e práticas. Não é à toa que se trata de um ideal: as falhas do modelo não são colocadas. E a oposição dos gêneros é pressuposta na sua construção.

O modelo de virilidade se reconfigura com o passar do tempo, mas a referência à potência física, ao vigor e à dominação permanecem (ibid, p. 13). Na era medieval, o cavaleiro é a grande referência e ao seu sangue é dado sentidos de pertencimento, temperamento, força. Já na Idade Média, a força física se dá na relação com instrumentos, como as lanças, a partir do domínio do ferro. A virilidade vai se instrumentalizando com a dominação do homem sobre a natureza. Comer e beber sem medida são também valores viris, em contraposição ao autocontrole.

No século XVI há uma mudança exemplificada pela estética do manejo firme, mas delicado, do cavalo pelo cavaleiro, que agora se torna cavalheiro. No mesmo século e no

seguinte, a flexibilização dos corpos também aparece na etiqueta dos palácios, quando os homens se preocupam com a aparência, a elegância, os sinais de nobreza e o poder. Nesse contexto, o controle é a máxima viril. O exercício físico, antes relacionado à preparação para os combates, agora também se relaciona ao bem-estar e à diferenciação pela aparência. Essas mudanças não aconteceram sem o questionamento de homens que acreditavam que a virilidade – aquela dos guerreiros, a “verdadeira” - corria riscos (ibid, p.14)

No século XIX, o ideal de virilidade segue como máxima referência para os homens. O dimorfismo sexual é reforçado pelos naturalistas e os fisiologistas afirmam a relação da virilidade com o corpo masculino, associando a ele “tudo o que destina à ação energética, à expansão, ao engajamento nas questões sociais, à dominação”²⁷ (Corbin, Courtine & Vigarello 2012/2013c). A ideia de morrer pela pátria, própria dos heróis, é exaltada. Nas fábricas, é sinal de virilidade não demonstrar cansaço, sendo que o esgotamento chega a levar à morte, o que se aproximaria de um ato heroico. Multiplicam-se os espaços voltados exclusivamente para homens (pensionatos, seminários, bordéis, salas de armas, fumódromos, etc.). A dominação da natureza, a colonização (dominação de povos e territórios) e a expansão econômica são grandes valores viris desse tempo.

Até o século XX, temos registro de duas crises da masculinidade. Segundo Elisabeth Badinter (1993), a primeira delas se deu entre os séculos XVII e XVIII, na França e na Inglaterra, e atingiu apenas as classes dominantes. As mulheres francesas reivindicavam conhecimento e atacavam o casamento e a maternidade, enquanto as inglesas exigiam igualdade sexual (direito ao orgasmo) e que os homens fossem mais femininos, delicados e não as abandonassem durante a gravidez. A segunda crise aconteceu na virada do século XIX para o XX, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, advinda do processo de industrialização e das investidas para a democratização da vida política. Os homens temiam a emancipação das mulheres e a feminização da cultura. As guerras vão acalmar esse momento de crise, devolvendo ao homem o papel do guerreiro viril.

No século XX, especialmente no início da segunda metade, se consolida uma terceira crise. Essa é fundamentalmente determinada pelo (re)conhecimento da não-naturalidade da virilidade e da masculinidade (como também da feminilidade). Para Cortine (2012/2013c, p.8), “o conjunto dos papéis sociais e dos sistemas de representações que definem o masculino e também o feminino não podem se reproduzir, enquanto tais, senão se a hegemonia viril aparecer como pertencendo à ordem natural e inelutável das coisas”. O ideal viril da dominação

²⁷ Como exemplo, citamos Brown-Séquard, que foi um neurologista que experimentalmente injetava nele mesmo resíduos testiculares para obter vigor e juventude (Corbin, Courtine & Vigarello 2012/2013c, p. 38)

masculina é posto em cheque quando antropólogos e demais pesquisadores reeditam sua história na linguagem, na cultura.

São elementos desse tempo que confrontaram a naturalização da virilidade: a maquinização das guerras e do trabalho – a força das máquinas é soberana à força e à coragem do homem; as conquistas feministas – conquista de direitos (dentre eles, a criminalização e a punição da violência praticada pelos homens) e dos espaços públicos, que exigem o reajuste dos papéis sexuais; a “obsessão erétil” criada a partir da difusão da pornografia e da cultura da impotência gerada pelo mercado de produtos e técnicas para a ereção (idid, p. 10) Esses aspectos, conclui Courtine, implicaram na dissociação entre virilidade e corpo masculino, ou seja, na constatação da sua não-naturalidade.

Como já dito, um dos pontos centrais sobre a virilidade é o do reconhecimento enquanto ser masculino, posto que é para obtê-lo que os homens desempenham comportamentos viris. Para que fique claro, esse reconhecimento se dá entre os homens. A mulher está nessa cena como objeto, apenas. A experiência da virilidade exige o olhar de, no mínimo, outro homem. Um olhar que reconhece e aplaude o semelhante viril, mas também pune e humilha aquele que falha em manter tal status.

No final do século XX, já não encontramos com frequência grupos exclusivos para homens, como os internatos, fumódromos, clubes de caça, etc., espaços propícios para o reconhecimento dos pares viris. Mas a solidariedade masculina, a fraternidade entre os homens, permanece e chega até os tempos atuais. A união dos homens fortalece uma espécie de espírito de dominação que a autoriza mutuamente e que podemos observar constantemente em práticas violentas voltadas principalmente contra mulheres, homossexuais, travestis e transexuais. Temos exemplos quase que diariamente nos noticiários. Em maio do último ano, por exemplo, tivemos o caso emblemático de uma garota de 16 anos, residente no Rio de Janeiro, abusada sexualmente por mais de 30 homens, que filmaram algumas cenas e colocaram na internet.²⁸ Em fevereiro desse ano, cinco homens torturaram e mataram uma travesti em Fortaleza.²⁹ Também gravaram as cenas. Nesses dois casos, as imagens gravadas nos fazem pensar na possibilidade de extensão do reconhecimento do ato e de seus significados por quem não estava na cena e que o desejo de exibir aquelas imagens parece ser mais relevante do que o medo de uma punição, já que configuravam prova dos crimes.

²⁸ Recuperado de http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/31/politica/1464713923_178190.html

²⁹ Recuperado de <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/travesti-e-espancada-torturada-e-morta-por-5-homens-em-fortaleza/>

Voltando às análises da história da virilidade, no clássico “A dominação masculina”, o sociólogo Pierre Bourdieu faz uma análise etnográfica e sociológica da naturalização da dominação do homem a partir da sociedade de Cabília, na Argélia, considerada por ele um exemplo paradigmático da construção de uma sociedade “falo-narcísica” (1998, p. 14), que ele associa à sociedade europeia. Embora – ou talvez porque – nessa sociedade a sexualidade não se constitua enquanto ordem, Bourdieu percebe a divisão sexual - a oposição entre masculino e feminino - a partir de um sistema de oposições diversas que lastram as relações entre os sexos:

Alto/baixo, em cima/ embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/mole” (...). Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças, todas igualmente naturais em aparências; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo (ibid, p. 16).

É no corpo biológico e pelas diferenças anatômicas que se inscrevem e são naturalizadas as oposições citadas na construção de uma “visão mítica do mundo” (p.20). Nessa visão, a força da ordem masculina se impõe e ao mesmo tempo se ratifica, sem a necessidade de uma explicação. Ela se estabelece na divisão do trabalho, na separação dos espaços (o mercado para os homens, a casa para as mulheres, sendo que mesmo dentro da casa há cômodos específicos para os homens e outros para as mulheres), na associação entre as mulheres e gestação, e entre homens e fecundação (e enchimento, associado à ereção do pênis, sendo que a gravidez, o “enchimento” da barriga, é resultado da potência masculina), nas práticas da agricultura. Na leitura dos corpos feita pelos cabilas há uma acentuação das diferenças e uma negação ou diminuição das proximidades e semelhanças, uma lógica binária e hierarquizada (ibid, p. 23). Os corpos são construídos e entendidos a partir de um referencial masculino neutralizado - uma visão androcêntrica do mundo. Bourdieu usa o termo “inconsciente androcêntrico” (ibid, p. 13). Para ele, não é o falo que institui a diferença que valoriza o homem, mas essa visão androcêntrica que estabelece os sentidos de virilidade e de poder relacionados ao falo.

Bourdieu afirmou, naquele ano de 1998, que ainda havia condições para o exercício pleno da dominação masculina (ibid, p. 45), principalmente na forma de violência simbólica. Um exemplo é a ideia de “intuição feminina”, uma crença que coloca a mulher na condição

de estar atenta ao outro/homem, prever seus desejos, pressentir desacordos, adivinhar emoções não ditas (idib, p. 42). Semelhante para nós é a ideia de “instinto materno”, que faz com que às mulheres permaneça atribuída a função de principal cuidadora de bebês e crianças, já que saberiam instintivamente como lidar com seus choros, febres, demandas. O autor explica como entende a permanência das condições para a dominação masculina:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum” (p. 47).

Ele explica que tal “concessão” não é consciente, muito menos dependente da vontade. Entendemos que pode não ser consciente também para o dominante, apesar de se beneficiar da dominação. Bourdieu diz ainda que a violência simbólica não pode ser vencida apenas com o esforço da vontade, movida pela consciência.

Apesar de entender que essa explicação pode ser atribuída a inúmeras situações de perpetuação da dominação masculina mesmo nos dias de hoje, sabemos que cada vez mais mulheres têm adquirido suas condições de pensar e de barrar tais violências. Essas condições nos colocam na quarta onda feminista, citada no capítulo anterior, com repercussões na crise atual da masculinidade, sobre a qual falaremos mais adiante.

Para Bourdieu, o caminho para entender as mudanças que percebemos nas condições das mulheres e nas relações entre os sexos exige a análise “das transformações dos mecanismos e das instituições carregadas de garantir a perpetuação da ordem dos gêneros” (1998, p. 103). Essas instituições são, segundo ele, a Família, a Igreja, a Escola e o Estado. Podemos acrescentar a Ciência e a Mídia a essa lista, pelo valor e pelo poder que exercem nos tempos atuais.

As relações familiares são hierarquizadas, mas vivenciadas como sentimentos, como o amor e o respeito filial. Ainda segundo o autor, a Família é a principal instância responsável pela reprodução da dominação masculina e da visão androcêntrica. É nesse espaço onde se dá, precocemente, a experiência da divisão sexual do trabalho que se inscreve na linguagem e no inconsciente.

Quanto à Igreja, não é preciso muito esforço para constatar sua defesa histórica da inferioridade e submissão da mulher ao homem. Podemos citar desde a Bíblia, com a noção da origem da mulher na costela do homem, na sua iniciativa frente ao pecado original, no papel de Maria, a virgem que gerou o salvador, até o fato de que não há lugar para as mulheres nas

funções privilegiadas designadas à pregação (padres, bispos, papas). Mesmo as Igrejas Evangélicas, que permitem que algumas mulheres se tornem pastoras, transmitem discursos de submissão da mulher sob uma forma romantizada de amor e dedicação à família. Ferreira (2015) encontrou em sua pesquisa que, embora mulheres exerçam o ministério pastoral nas suas Igrejas, algumas de suas atividades (como visitas a instituições como presídios, hospitais e orfanatos) são barradas porque elas encontram dificuldades em obter a credencial da Ordem dos Pastores Batistas de São Paulo, concedida por homens.

A Escola, diz Bourdieu (1998), reedita a lógica de dominação homem-mulher na relação adulto-criança. Além disso, com o tempo, as meninas acabam, por incentivo dos adultos, se voltando para disciplinas e graduações das áreas de Humanas e Biológicas, enquanto os meninos se voltam para as Exatas, as “ciências duras”.

O Estado se infiltra e regula diretamente as instâncias citadas anteriormente. Nas palavras de Bourdieu, “os Estados modernos inscreveram no direito de família, especialmente nas regras que definem o estado civil dos cidadãos, todos os princípios fundamentais da visão androcêntrica.” (1998, p. 105) No Brasil, a disciplina de “Educação Moral e Cívica”, decretada obrigatória no currículo escolar, em 1969, durante o Regime Militar, é mais um exemplo de infiltração direta do Estado na Educação para fomentar, sob uma moral religiosa, princípios de família (Filgueiras, 2006). Trazendo para a atualidade, podemos pensar noutro aspecto que favorece a dominação masculina via Estado, que está na baixíssima proporção de mulheres nos cargos do governo: em 2014, havia apenas 9,94% de mulheres no Senado e 14,8% no Congresso Nacional.³⁰ São basicamente os homens aqueles que fazem as políticas que regem a vida das mulheres, e isso não facilita para que ocorram mudanças sociais práticas necessárias à igualdade.

Em todas essas instâncias, da mesma forma que temos exemplos históricos e atuais de culturas machistas e ideais viris propagados, direta e indiretamente, temos também exemplos de tentativas e de conquistas de rupturas nessa herança, com a inserção de outras ordens: não-binárias, não-identitárias, não-heteronormativas, não-patriarcais. Desde ações práticas que podem incomodar, mas que pouco representaram uma ameaça ao patriarcado, como a Resolução n. 175, de 14 de maio de 2013³¹, que reconhece a união civil homoafetiva, até vivências que, para além do incômodo provocado, causam um abalo maior por tensionarem o paradigma vigente nas suas bases – como a criação de crianças sem a designação de uma identidade de gênero pelos responsáveis.

³⁰ Dados do IBGE, 2014

³¹ Recuperado de http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/resolu%C3%A7%C3%A3o_n_175.pdf

Com esse levantamento histórico de representações da masculinidade, amparadas principalmente nas representações da virilidade, chegamos ao momento atual, contrastando os ideais de masculinidade com as realidades 1) da própria impossibilidade dos homens de vivenciá-los, posto que são ideais; 2) do reconhecimento de que não há uma natureza masculina, mas construções culturais de masculinidades e 3) da ameaça de alguns pressupostos da masculinidade viril, como o da dominação sobre a mulher, com as conquistas feministas e também de um questionamento sobre a ideia de identidade. Esse último ponto é tema central das teorias *Queer* que, embora tenham começado pela problemática da identidade de gênero, a extrapolam. É um debate do nosso tempo amparado em pensamentos pós-colonialistas e pós-neoliberalistas, ainda bastante limitado aos campos acadêmicos e das artes; assim, é ainda difícil medir suas ressonâncias no senso comum.

2.1 – Masculinidades brasileiras

Dominar e ser dominado são formas de relação impregnadas na história do nosso país e na história dos homens que aqui vive(ra)m. Com a chegada dos portugueses, os índios nativos dessa terra foram mortos, escravizados ou “domesticados” para a obediência. Os primeiros homens dessa terra foram dominados física e culturalmente. Junto a eles, foram trazidos para cá africanos, aqui escravizados e submetidos. Depois de séculos de dominação direta, sangrenta, via escravidão (XVI a XIX), seguiu-se a dominação cultural e física dos corpos negros e indígenas, amparadas ou acobertadas por leis e discursos que deveriam garantir suas liberdades. Índios e negros por vezes ainda precisam pedir licença ou mesmo gritar para existirem e terem suas culturas de origem respeitadas, fatos que nos levam a esse entendimento: 1) ameaças de morte e morte de indígenas por fazendeiros em brigas por terras³² e frequentes manifestações de indígenas em Brasília a respeito das leis de demarcação de seus territórios³³ e 2) número de homens assassinados no Brasil é significativamente maior entre os negros, especialmente os jovens³⁴ - para cada não-negro vítima de homicídio entre 2004 e 2014, 2,4

³² Assassinatos de índios crescem 130% em 2014, aponta relatório. Recuperado de <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/06/19/assassinatos-de-indios-crescem-130-em-2014-aponta-relatorio.htm> e Morte de índios é a maior desde 1988, diz Pastoral da Terra. Recuperado de <http://oglobo.globo.com/brasil/morte-de-indios-a-maior-desde-1988-diz-pastoral-da-terra-11302588>

³³ “*Indígenas protestam por demarcação de terras e fortalecimento da Funai*” Recuperado de: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-02/indigenas-protestam-por-demarcacao-de-terras-e-fortalecimento-da-funai> e <https://mobilizacao nacionalindigena.wordpress.com/>

³⁴ “Brasil bate recorde no número de homicídios, segundo Ipea”. Recuperado de <http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/03/brasil-bate-recorde-no-numero-de-homicidios-segundo-ipea.html>

negros foram mortos. Diferenças raciais e econômicas foram (e ainda são) vividas como incentivos para disputas (Priore e Amantino, 2013).

No período de transição entre colônia e república, no século XIX, quando ainda não havia se consolidado uma identidade nacional, práticas corporais foram institucionalizadas e se estabeleceram como um referencial para os corpos e identidade masculinos. São elas a ginástica (ensinada, sobretudo, por imigrantes, da França, Espanha e Prússia, por exemplo), o turfe (corridas de cavalo), a dança e, no final do século, as práticas de esporte: remo, atletismo, futebol³⁵, basquete, esgrima. Segundo Vitor Melo (2013), de forma incentivada ou obrigatória, como nas escolas e nos espaços militares, essas práticas acabaram oferecendo uma oportunidade de “performance pública para os homens”. Elas “ofereceram modelos de comportamento para os homens, tanto no que se refere à exposição corporal quanto no tocante às atitudes desses esperadas” (ibid, p. 129). Essas experiências os diferenciavam uns dos outros. Eram chances de exhibir e de competir nas características viris: coragem, superação, autocontrole, disciplina.

Nesse mesmo período, tanto no final do Império quanto na República, havia um esforço das lideranças em formar as Forças Armadas para a defesa do território brasileiro. Mas a história aponta que a carreira militar não era verdadeiramente desejada pelos homens aqui (Izeckson, 2013). Ela é marcada por recrutamentos compulsórios, por condições de vida degradantes (houve mais mortes por disenterias e infecções do que em batalhas), pela falta de incentivos, como pensões e garantias para as famílias dependentes. O apelo heroico da morte pela pátria ou pela honra não era suficiente para atrair soldados.

No início, recrutamento e prisão eram termos associados, já que havia escravos e criminosos entre os soldados. O dito popular “Deus é grande, mas o mato é maior” (Izecksohn, 2013, p.268) demonstra o temor dos homens em serem recrutados: muitos se escondiam nos matos. Alguns homens se submetiam aos poderosos locais em troca de proteção contra o recrutamento. Havia fugas constantes dos quartéis.

Depois da Guerra do Paraguai, conflito que escancarou o despreparo das Forças Armadas brasileiras, apesar da vitória, o governo tentou algumas medidas para melhorar a imagem do exército e levantar a honra nacional. As iniciativas buscaram atrair voluntários da elite e da classe média, mas isso resultou na formação de um grupo prestigiado lá dentro, ao invés de universalizar a composição. A partir de 1908, tempos de paz, com a aprovação da lei do Serviço Militar Obrigatório, a proliferação dos clubes de tiro, o interesse crescente nas

³⁵ O futebol parece ter sido introduzido inicialmente por um sacerdote docente no colégio São Luiz da cidade de Itu (São Paulo), em 1880. (Melo, 2013, p. 126)

atividades físicas – incorporadas na formação dos soldados - e a participação de oficiais estrangeiros, a carreira militar passou a ser mais valorizada e considerada. Havia um culto ao nacionalismo republicano (Izecksohn, 2013, p. 294). Ainda assim, não houve de fato a universalização do trabalho. A reforma atraiu jovens pobres interessados na respeitabilidade que o Exército passou a oferecer, mas continuou deixando de fora a elite e parte da classe média. Essa diferença de classes leva a crer que a passagem pelo exército supria uma demanda de prestígio para os homens pobres que a classe econômica e social já dava aos demais.

Ainda hoje, a carreira militar não é alvo de interesse entre os jovens. Os maiores incentivos para o alistamento são punitivos: aquele que não se alista não pode fazer seu passaporte, ingressar em emprego público através de concurso ou mesmo entrar em uma universidade pública. A vida no serviço militar impõe uma disciplina forçada em hábitos como levantar cedo, manter o espaço em ordem, repetir exercícios físicos, sofrer humilhações das hierarquias superiores e, ao final, os soldados certamente não saem com a imagem de heróis. Essa imagem aparece no nosso cotidiano de forma mais frequentemente associada aos super-heróis americanos do que a possíveis defensores de nossa pátria, nosso povo.

Angelica Muller (2013) contribui com um recorte de influência significativa na construção da masculinidade brasileira: o período³⁶ de 1968. Especialmente para a classe média urbana, esse foi um período de transformações sociais e de comportamentos que provocaram tensões na cultura androcêntrica dominante de então, mesmo antes da eclosão dos movimentos feminista e gay no Brasil (p. 300). O jovem homem dos anos 1968 tinha com o cigarro e a bebida sua entrada na vida adulta. A maconha também ganhou espaço nessa época. A disciplina de “Educação Moral e Cívica”, em resposta, condenava as drogas com discursos de moralidade.

A produção cultural foi um forte amparo na construção da identidade dos jovens, que tinham como ídolos músicos, cantores, atores de cinema. Nessa época, a TV se popularizou e a publicidade influenciava com as imagens de masculino e de feminino que transmitia – para os homens, o volante dos carros e motos; para as mulheres, os eletrodomésticos e cosméticos. Ao mesmo tempo, a moda unissex (a calça boca-de-sino é exemplo) chegou e contestou um padrão de gênero (ibid, p. 306). Homens deixavam os cabelos crescerem e usavam acessórios. Era uma forma de a juventude questionar os valores tradicionais.

Em alguns casos, o questionamento se dava mais nas aparências do que ameaçava efetivamente as grandes tradições. Era o que inspirava a Jovem Guarda, com seu “rock ingênuo” (ibid, p. 309). Um dos principais representantes desse movimento, Roberto Carlos,

³⁶ Período, já que não se trata apenas do ano de 1968, mas do tempo em seu entorno e do que representou.

afirmou em entrevista que desejava mulheres femininas, simples e bonitas, e que o homem é polígamo, enquanto mulheres bem educadas se casavam virgens (p. 317). Outra influência do período com diferente estética e caráter questionador/político veio da Música Popular Brasileira e de seus Festivais da Canção, que consagraram músicos como Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil e Geraldo Vandré. A Tropicália também surge, como a MPB, com grande força de contestação nas suas letras e performances.

O cinema ofereceu ídolos que tiveram sua masculinidade admirada e copiada por nossos jovens homens: James Dean e Marlon Brando são dois ícones aos quais associamos a figura do “rebelde sem causa”. Eles representaram uma imagem de virilidade desligada da obediência e do moralismo. Liberdade era a principal aspiração dessa geração, um ideal que parece ter sido frustrado ou conformato às resistências enfrentadas. Pesquisas sobre a sexualidade dessa geração encontraram, por detrás de discursos liberais, sentimentos conservadores a respeito do julgamento de suas próprias práticas sexuais, por exemplo, como o sentimento de culpa ou de desconforto depois de trocas de intimidade sexual (ibid, p. 316). Contradições do tempo. De um lado, Leila Diniz tinha espaço para falar de sexo abertamente, despidoradamente; de outro, gays não se sentiam seguros para assumirem sua sexualidade, socialmente proibida.

Contradições também apareciam entre grupos da esquerda que lutavam contra a ditadura militar. Mulheres eram aceitas nos grupos, mas tinham papéis secundários. A primeira mulher diretora na UNE foi tesoureira, Maria de Nazaré Pedrosa, e teve que enfrentar o incômodo dos colegas para falar, ter voz. Nas lutas armadas, mulheres tinham que se submeter a critérios masculinos de resistência para ingressar e permanecer (Muller, 2013, p. 330).

A juventude de 1968, que no início parecia ter a potência de transformar radicalmente a sociedade tradicional, acabou reproduzindo ideais tradicionais de virilidade e dominação. É certo que avanços foram provocados e efetivados por essa geração, que marcou a entrada de mulheres em espaços tradicionalmente masculinos, onde suas ações foram vistas muitas vezes como viris. Na década de 60 tivemos mudanças nas leis que abriram espaço para as mulheres, não só influenciadas por suas lutas, mas também favorecidas pela modernização do país³⁷. Ainda assim, os homens dessa geração revelavam restringir esses avanços em certos níveis (ibid, p. 333). É como se dissessem às (suas) mulheres: “Tudo bem, pode trabalhar, mas ocupe posições femininas.” Ou ainda: “Tudo bem usar minissaia, mas cruze as pernas”.

O movimento feminista foi mais expressivo no país a partir da década de 70, momento em que os estudos sobre masculinidade entravam nos debates de gênero lá fora. A resistência

³⁷ Em 1962, por exemplo, a mulher ganha o direito de trabalhar sem precisar obter uma autorização expressa do marido. (Monteiro, 2013, p. 346)

à ditadura militar influenciou significativamente a eclosão do movimento (Sarti, 2004). As décadas de 60, 70 e 80 marcaram a entrada massiva das mulheres em ambientes tidos como masculinos, como a universidade e o mercado de trabalho. Mas, como já colocado, sabe-se de que isso não representou a conquista efetiva da igualdade: ainda hoje é frequente que os homens tenham maiores salários e mais cadeiras nos cargos de chefia. Repetidas vezes temos na nossa história avanços em direção à igualdade de gênero que, quando olhamos minuciosamente, percebemos mais sobre resistência a essa igualdade do que sua efetivação.

Na década de 80, com o fim da ditadura militar, parece ter havido um esfriamento do movimento feminista. As demandas das mulheres eram tratadas em universos mais especificados, como os sindicatos e as associações de bairro (Matos, 2010). No final dos anos 90 e início dos 2000, há uma maior inserção das mulheres nos partidos políticos, abrindo a discussão para uma agenda feminista mais ampla.

Com a quarta onda feminista latino-americana, trazemos um pouco do nosso contexto atual: mulheres chegaram a cadeiras importantes no governo, no legislativo, executivo e judiciário, e o debate é institucionalizado como nunca. Há um diálogo com os grupos feministas internacionais, que provoca o fortalecimento de uma ampla rede que abrange as agendas sem desconsiderar as especificidades locais, de classe, de raça, etc., e rompe com a tentativa passada de estabelecer uma “verdadeira” identidade feminista. É um movimento de democratização bastante atuante sobre as políticas públicas e sociais (Matos, 2010).

A evolução do movimento feminista enfrenta a lógica androcêntrica que segue regendo nosso tempo, com características de racionalidade, autocontrole, excelência, objetividade e dominação, até porque nossos sistemas econômico e político foram criados por homens. Sendo assim, mais do que permitir e ceder espaço para as mulheres, a demanda maior é de uma construção conjunta de mundo. Enquanto a resposta dos homens às conquistas das mulheres for reativa a um sentimento de ameaça, isso significa que eles estão sendo regidos pela lógica da dominação, tão conhecida e vivida por todos nós. Essa lógica é andaime de nossa construção cultural e não é mesmo possível subvertê-la com facilidade. Principalmente para os homens que tem suas identidades espelhadas nela.

3- A Psicanálise e as Teorias de Gênero: encontros e desencontros

Nesse capítulo apresentaremos um panorama da tomada das questões de gênero pela Psicanálise a partir de importantes personagens envolvidos nessa história, de dentro e de fora da ciência da psique. Sem a pretensão de abarcar todas as principais contribuições, o intuito é dar uma ideia geral dos encontros e desencontros entre o tema e o saber psicanalítico, traçando um caminho que chegasse até o ponto de nosso interesse: o de trabalhar questões do masculino a partir de um conceito psicanalítico de identidade.

3.1- Os primeiros psicanalistas e suas primeiras noções de gênero

Sigmund Freud

A Psicanálise é a ciência que, desde o princípio, privilegiou como campo de estudo a sexualidade. A pulsão é, nesse campo, um conceito fundamental, ela está entre o anímico e o físico e é diferenciada na relação “com suas fontes somáticas e seus alvos” (Freud, 1905/1996, p. 159). Os que acusam Freud de biologicista ignoram esse fundamento.

No desenvolvimento da sexualidade na teoria freudiana, o caminho vai do autoerotismo infantil à relação sexual adulta, “na qual o prazer fica a serviço da função reprodutora” (Freud, 1905/1996, p. 186). Nesse caminho, a criança, que é bissexualmente predisposta, passa por fases libidinais (oral, anal, fálica, latente, genital) e o ponto decisivo desse desenvolvimento se dá na passagem pelo Complexo de Édipo – antes do qual não há para ela o masculino ou o feminino. Freud defendeu a ideia da primazia do falo, ou seja, para a criança que se depara com a diferença anatômica entre os sexos na fase fálica, há o pênis e a falta do pênis. Isso implica que o masculino é reconhecido primeiramente para meninos e meninas.

O Complexo de Édipo é a formulação através da qual Freud estabeleceu como a menina se torna mulher e o menino se torna homem (1905/1996). Para o infante do sexo masculino, esse processo envolve ter a mãe como objeto de desejo, o pai como rival, sofrer a castração, a interdição do incesto, e finalmente, se identificar com o pai, quando o menino termina por incorporar a masculinidade através da qual se relacionará futuramente com uma mulher que irá substituir o lugar da mãe como objeto de desejo.

No caso da menina, o primeiro objeto de desejo é a mãe. Identificada primeiramente com o pai, a menina percebe a diferença anatômica, e conseqüentemente, que lhe falta o falo e passa a desejá-lo. Para conquistá-lo, ela se identificaria com a mãe, incorporando a feminilidade ao final do processo. Nesse tempo, haveria também um deslocamento do desejo

pelo falo e a menina buscaria realizá-lo tendo um filho, ou seja, carregando o falo. Para Freud, o “bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica”. (1933/1996, p. 128). Assim, a entrada da menina na triangulação edipiana se daria pela castração, enquanto que para o menino, a castração determinaria a saída do processo.

Ainda nos Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, sob o subtítulo “Diferenciação entre o homem e a mulher” (1905/1996, p. 207), Freud discorre que só na puberdade acontece tal diferenciação de forma nítida, apesar de que na infância “já se reconhecem bem as *disposições* masculinas e femininas”. Sobre isso, o autor afirma que as inibições sexuais acontecem para garotas antes e com menor resistência do que para os garotos, e que quando as pulsões sexuais parciais se colocam, “elas (as garotas) *preferem* a forma passiva” (ibidem) (grifos nossos). Em 1915 ele acrescenta uma nota de rodapé onde esclarece três sentidos para os conceitos de masculino e feminino. São eles: 1- o de atividade/passividade, o sentido que utiliza na psicanálise, 2- o sentido biológico, relacionado a presença dos espermatozoides ou óvulos, e 3- o sociológico, que se atenta à “observação dos indivíduos masculinos e femininos existentes na realidade”. Ele entende que

Cada pessoa exhibe (...) uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os traços biológicos do sexo oposto, e ainda uma conjugação de atividade e passividade, tanto no caso de esses traços psíquicos de caráter dependerem dos biológicos quanto no caso de independem deles” (Freud, 1905/1996, p. 208)

Durante o percurso da construção dessas teorias, Freud conta de seu desafio: “É importante entender que os conceitos de masculino e feminino cujos significados parecem tão ambíguos para pessoas comuns, são confusos pra ciência.” (ibid, p. 219). E mesmo 20 anos de estudos depois, aponta que “a masculinidade e a feminilidade puras permanecem construções teóricas de conteúdo incerto”. (Freud, 1925/ 2011, p. 298).

Freud traz contribuições inegáveis aos estudos da sexualidade quando a desnaturaliza, cria o conceito de pulsão, reconhece uma bissexualidade primária, e formula uma teoria sobre a sexualidade infantil. Porém, suas noções de masculinidade e feminilidade – de gênero – são precárias na medida em que sua explicação do Complexo de Édipo não é suficiente para compreendermos como as crias humanas se tornam homens e mulheres, menos ainda sobre os casos em que o gênero percebido extrapola a lógica binária heteronormativa. Mesmo a atividade e passividade que Freud relaciona com masculinidade e feminilidade são ideias quase que naturalizadas, que advêm do entendimento da diferença anatômica, numa recaída positivista onde “anatomia é destino”: “a diferença morfológica tem de manifestar-se em

diferenças no desenvolvimento psíquico”, disse ele ao se referir ao Complexo de Édipo na menina. (Freud, 1924/2011, p. 211)

Há, aqui, uma dubiedade: ao mesmo tempo em que encontramos passagens como a citada anteriormente, em que ele afirma que a atividade e passividade se encontram mescladas nos homens e mulheres, e não puras, ele naturaliza a interpretação para a diferença anatômica. Essa diferença, de fato a teoria aponta, produz “consequências imaginárias” (Ayouch, 2014, p. 61). O problema vem a seguir, quando, para Freud, esse imaginário já foi pré-estabelecido: para a menina, a inveja do falo, e para o menino, o medo da castração. Seriam só essas as possibilidades? E antes mesmo, não seriam possíveis outras leituras para a diferença anatômica para além de ter ou não ter o pênis? É o que Melanie Klein reivindica quando diz que a menina tem consciência de sua vagina como uma cavidade, assim como a boca e o ânus (Klein, 1932/1997).

Voltando a teoria da pulsão, temos que o fato de Freud libertar as pulsões de qualquer vínculo imediato abre caminho para uma ampla variedade de formas de satisfação, considerando a contingência de seu objeto. Isso tem uma implicação séria; é a base da fundamentação que retira da homossexualidade o caráter patológico. O problema é que pela teoria do desenvolvimento sexual, Freud estabeleceu como evolução “normal” aquela que culminaria no desejo heterossexual e na reprodução, e aquele momento primeiro da pulsão livre ficaria no passado primitivo. Outro contrassenso. Segundo essa teoria, os homossexuais e transexuais teriam encontrado barreiras entre as primeiras relações objetais que os impossibilitassem percorrer o caminho evolutivo de forma apropriada. A ambiguidade segue ao lermos a carta de 1935³⁸ que escreveu para a mãe de um provável homossexual, onde ele afirma que a homossexualidade “não deveria ser tratada como doença; consideramos ser uma variação da função sexual” e continua “produzida por uma certa interrupção do desenvolvimento sexual”. Numa extensa nota de rodapé acrescentada em 1915 nos Três Ensaio (1905, p. 138), ele diz “No sentido psicanalítico, portanto, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é também um problema que exige esclarecimento, e não uma evidência indiscutível que se possa atribuir a uma atração de base química”, mas logo acrescenta que “Nos tipos invertidos pode-se quase sempre confirmar o predomínio de constituições arcaicas e mecanismos psíquicos primitivos”.

As bases dessa teoria freudiana permaneceram por muito tempo (e até hoje, às vezes, são) repetidas sem uma crítica e contextualização que a impulsionasse para um

³⁸ A carta faz parte da coleção do Freud Museum, de Londres, Inglaterra.

desenvolvimento subsequente. Isso é parcialmente explicado, ao menos nas primeiras décadas seguidas à formação da Associação Psicanalítica Internacional (IPA), ou primeira metade do século XX, pelo que Lucas Bulamah discorre como um processo de expansão da Psicanálise submetido à uma adaptação à sociedade através uma série de concessões visando sua respeitabilidade, um processo que reprimia a potência transgressora dessa ciência, “a serviço, em suas formas majoritárias, da manutenção das instituições e poderes dominantes”. (2016, p 13) Uma das consequências disso foi o impedimento de que homossexuais pudessem fazer a formação psicanalítica nas instituições ligadas a IPA durante muito tempo, mesmo que essa regra não tivesse escrita em lugar algum, e mesmo com a oposição pessoal de Freud a esse impedimento (ibidem, p.14), reiterando de vez o caráter despatologizante da homossexualidade. Nos interessa hoje resgatar essa potência que por vezes continua deixada em segundo plano. É ela que pode nos auxiliar na construção de pensamentos psicanalíticos sobre gênero.

Por fim, uma questão curiosa nos chama atenção dentre os escritos de Freud. O primeiro psicanalista tratou, ouviu, interpretou inúmeras mulheres. Mas até o fim defendeu que elas eram indecifráveis. Ele escreveu à Marie Bonaparte:

"A grande pergunta que não foi nunca respondida e que eu não fui capaz ainda de responder, apesar de meus trinta anos de pesquisa sobre a alma feminina é – O que quer uma mulher?" (apud Bertin, 1989, p 250).

Questionamos: podemos pressupor, então, que Freud acreditava que conhecia melhor os homens? Será que ele tinha resposta para a pergunta: O que quer um homem? Se essa questão sequer foi colocada, podemos pensar que esse não era um problema daquele tempo para o autor/para seu tempo. Para grande parte de suas ideias, Freud foi vanguarda, mas nesse ponto, ele era um homem daquele presente, fazendo perpetuar os valores da sociedade em que vivia, e que vivia nele. E para aquele tempo, a masculinidade era naturalizada. Segundo a psicanalista Maria Cristina Poli (2007) a masculinidade “não é priorizada nos estudos de psicanálise, de modo geral, como uma operação específica. Isto porque se a considera, desde Freud, como a ‘via normal’ do desenvolvimento”. (p. 282)

Robert Stoller

Stoller foi quem pela primeira vez publicou um estudo em psicanálise que tomava o gênero como identidade³⁹, adquirido através da cultura, diferentemente do sexo, relativo ao biológico. Na década de 60, o psiquiatra e psicanalista realizou pesquisas com pessoas intersexuais e transgêneros, e a partir delas, entendeu que o sentir-se homem ou sentir-se mulher se sobressaía às características biológicas (Stoller, 1968). Ele se distanciou de Freud ao criticar que a percepção da diferença sexual não era o determinante na formação do gênero. As críticas sofridas à sua teoria dizem respeito principalmente à recaída binária que ele estabelece na relação sexo/gênero, ou natureza/cultura. Stoller não entende o discurso sobre o sexo como também produto da cultura.

Outro ponto importante em que o autor parte de Freud e se diferencia é na ideia de que a identidade de gênero se estabelecia anteriormente à passagem edípica, e se dava pelas identificações. Para Stoller, a identificação primária e mais significativa acontecia com a mãe, para meninos e meninas. E por isso, para os meninos era mais difícil adquirir o gênero masculino, já que esse processo envolveria primeiro a desidentificação com a mãe, problema que as meninas não enfrentariam. Esse ponto também é defendido pela psicanalista argentina Emilce Dio Bleichmar (1988). Ken Corbett diz que essa mudança de foco de “identificação com o pai” para “desidentificação com a mãe” inaugurou uma segunda onda de teorias sobre a masculinidade (Corbett, 2009, p. 6), e é daí que a noção de masculinidade como não-feminilidade ganha força.

Jacques Lacan

Lacan não formulou uma teoria de gênero propriamente dita, assim como Freud. Stoller levou o conceito de gênero para a Psicanálise nas vésperas do psicanalista francês publicar suas fórmulas da sexuação. Lacan, que apreende o psiquismo pelo plano da linguagem, rompe com o biologicismo atribuído a Freud quando confere valor estritamente simbólico ao falo, retirando dele a ligação direta com o biológico/pênis, dada por Freud⁴⁰.

Para Lacan, a identidade sexual é uma construção imaginária, que se dá entre o real e o simbólico. É uma “maneira singular por meio da qual o sujeito reconhece a si mesmo a partir de um lugar que lhe é dado no discurso do outro” (Ambra & Silva, 2016). Masculino e

³⁹ No campo da medicina, J. Money e J.G. Hampson já haviam utilizado o termo gênero. (Porchat, 2007)

⁴⁰ São várias as críticas alegando que Lacan não obteve sucesso nessa empreitada. Stephen Frosh faz uma crítica minuciosa à essa teoria considerando-a falocêntrica (1994). Vários teóricos feministas a atacaram, dentre eles, Judith Butler (1990/2015) e Gayle Rubin (1993). Ronaldo Manzi Filho, em acordo com a crítica de Butler, aponta que se a anatomia deixa de ser a referência, o complexo de castração deveria acontecer da mesma forma para meninos e meninas, como a percepção de uma falta e não de uma ausência: “a criança concebe como faltante aquilo que ela imagina que deveria estar presente seja ela menino ou menina. (Manzi Filho, 2014, p. 137).

feminino, na teoria lacaniana, ganham sentido de posições no discurso, dadas a partir da inscrição do sujeito na ordem simbólica. As possibilidades são: “Quem fracassa na tentativa de sustentar-se (discursivamente) num universal é chamado de homem por Lacan; quem fracassa em provocar uma incompletude no universal é apelidado de mulher”, como explica Goldenberg (2016, p. 6). O uso do termo “apelidado” vem para reforçar a não vinculação entre essas posições ao homem e a mulher, necessariamente. Ele ainda destaca que não há uma complementaridade entre as duas posições. (p. 6)

Essa formulação de Lacan a partir de sua leitura sobre o complexo edipiano parece complementar a explicação freudiana para a formação do homem, da mulher, e de casos de homossexuais. Porém, mesmo mudando o conceito de falo, com as consequências que isso implica, o autor acaba recaindo em um binarismo, dessa vez pela linguística. Pedro Ambra (2015) defende que nas fórmulas da sexuação o autor apresenta melhores instrumentos teóricos para pensar o gênero numa perspectiva que conversa com os fenômenos e as teorias de gênero atuais (p.36).

Para nós, é interessante a contribuição de Lacan quando pensa a identidade de gênero como semblante. Todo discurso é semblante, que tem o status do significante. Homens e mulheres são semblantes. Isso implica que “ter um gênero é sempre ter um gênero para alguém ou, mais precisamente, exercermos um gênero sempre com uma pitada de ficção, uma vez que qualquer suposto núcleo da identidade é, para a psicanálise, desconhecido e até mesmo vazio.” (Ambra & Silva Junior, 2016). Esse conceito possui forte relação com a ideia de performatividade de gênero de Judith Butler, que será discutido posteriormente.

Jean Laplanche

Jean Laplanche deu contribuições importantes para o campo dos estudos de gênero ao retomar parte da teoria de Freud que ficou esquecida. Ele generalizou a teoria da sedução, que, segundo ele, Freud abandonou cedo demais (apud Danon & Lauru 2002/2015). Sua teoria busca explicar a origem do aparelho psíquico sexual a partir das primeiras relações. Um detalhe importante: ele faz uso de “relação adulto-criança” (*adult-child*) propositalmente, ao invés de “relação mãe-criança” (*mother-child*), pois reconhece que, embora na maioria dos casos a mãe é esse adulto da primeira relação do bebê, muitas vezes acontece de ser outra pessoa, inclusive de outro sexo.

Para Laplanche, a sexualidade infantil vem do outro, do inconsciente do outro. Ele descreve o desenvolvimento dessa sexualidade a partir dos caminhos das pulsões – num

processo que privilegia a sedução do adulto – como uma evolução caótica, e não uma “suave sucessão de fases” (apud Danon & Lauru, 2002/2015, p. 713).

A sua teoria aponta que a sexualidade infantil é sujeita à repressão de ordem social ou ideológica. E descreve os efeitos dessa repressão como abrangentes, visto que “o social não é simplesmente algo exterior: ele vem a controlar e circunscrever, psiquicamente, a sexualidade infantil que é, por sua natureza, pobremente delimitada” (ibidem, p.710)

Por essa teoria, quando o adulto nomeia a criança como “menino” ou “menina”, ele a bombardeia de “mensagens prescritivas” carregadas de ambiguidade, pois, ao mesmo tempo em que lhe transmitem o que o adulto entende por homens e mulheres, elas também carregam suas “dúvidas, ambivalências, incertezas e conflitos inconscientes” (Ayouch, 2014). Em Laplanche podemos ver uma maior consideração dos aspectos sociais em relação com o psiquismo na construção do gênero.

3.2 - De fora para dentro

A partir daqui traremos alguns autores de outras áreas que são referências para as discussões sobre gênero e Psicanálise. É importante mencionar que, apesar do tema fazer parte de textos psicanalíticos a partir de 1964, com Stoller, só bem mais tarde os psicanalistas começam a se debruçar sobre ele. Nas décadas de 60, 70, 80, foram principalmente teóricos feministas de outras áreas que o fizeram, inclusive utilizando-se de saberes psicanalíticos.

Michel Foucault

O filósofo francês exerceu inegável influência sobre os teóricos em sexualidade e em gênero, sobretudo a partir da sua publicação dos três volumes da História da Sexualidade. (1976, 1984a, 1984b). Rejeitando a teoria freudiana de repressão ao sexo, Foucault defendeu que o que havia, desde a era vitoriana, era uma intensa incitação ao sexo, mediada por dispositivos que controlam o que, onde (confessionários, clínicas médicas, consultórios de psicanálise, tribunais), e com quais consequências se falava sobre sexo. A partir desse autor, amplia-se a perspectiva dos estudos da relação entre poder e sexualidade, que será principalmente valorizado pelas teorias feministas. Suas ideias são também de grande relevância para compreendermos as condenações moral, médica (via patologização) e jurídica de práticas e identidades sexuais que escapam às lógicas heterossexual, cisgênera e monogâmica.

Dentre os principais teóricos com trabalhos claramente influenciados por Foucault podemos citar Jeffrey Weeks, Gayle Rubin, Joan Scott e Judith Butler.

Jeffrey Weeks

Weeks formulou suas ideias pensando a partir de como a AIDS era apreendida na cultura. Para Weeks, o corpo não impera sobre a sexualidade: “Nossas definições, convenções, crenças, identidade e comportamentos sexuais não são resultados de uma simples evolução: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder” (Weeks, 2000, p. 39). Sobre a questão da identidade, Weeks resgata a história de que antes do século XIX não havia a identidade do homossexual. A necessidade de se estabelecer uma identidade, de separar indivíduos que possuem certos tipos de práticas sexuais de outros, acontece em um dado contexto: “a criação de ‘posições-de-sujeito’ ao redor dessas atividades (masturbação, homossexualidade, etc.), é um fenômeno histórico”. (Weeks, p.41) Para o autor, a Psicanálise é uma aliada nos estudos de gênero; ela “nos desafia a perguntar sobre a relação entre processos psíquicos, dinâmica social e mudança histórica” (Weeks, 2000, p. 33).

Gayle Rubin

Gayle Rubin foi uma das pioneiras nos – assim conhecidos – Estudos de Gênero. A antropóloga norte-americana tem como seus principais trabalhos “*The Traffic in Women – Notes of the ‘Political Economy’ of Sex*” (1975) e “*Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality*” (1984). No primeiro, ela parte de sua história como feminista e lésbica para questionar o que considerava problemático na época: um feminismo tributário ao marxismo - teoria até então bastante utilizada para explicar a subordinação da mulher ao homem. Apontou que o marxismo contribuiu para as discussões feministas, mas era insuficiente para compreender as questões de gênero. Daí ela busca na Psicanálise entendimento de como as normas sociais são introjetadas no psiquismo, e se debruça sobre o Complexo de Édipo em Freud e também Lacan, passando por Levi-Strauss. Butler acredita que nesse trabalho ela conseguiu superar Freud e Strauss na ideia de gênero dando a esse um caráter de maior mobilidade (BUTLER & RUBIN, 2003).

No segundo trabalho, onde aparecem as influências de Foucault⁴¹, Rubin busca se orientar no modelo pós-estruturalista para superar o modelo binário ao falar de práticas e identidades sexuais não convencionais. Algumas delas eram, inclusive, condenadas pelo movimento feminista, como o transexualismo e a pornografia. A teoria psicanalítica das perversões eram usadas pelo feminismo de forma a justificar suas críticas a tais “desvios”, e Rubin apontou como essa teoria era reducionista e merecia críticas. Para ela, a Psicanálise tinha

⁴¹ Durante as primeiras ideias sobre esse texto foi quando ela teve acesso à tradução do primeiro volume de História da Sexualidade (BUTLER & RUBIN, 1994/2003)

grande valor para entender a sexualidade, mas, no que concernia à teoria das variações sexuais, essa “pareciam tender a empobrecer a rica complexidade do sentido e do comportamento erótico” (Butler & Rubin, 2003). Em termos gerais, para a autora, a Psicanálise deixava a desejar nas articulações entre o social e o psíquico na construção dos seus pensamentos sobre a sexualidade.

Joan Scott

Historiadora estadunidense, Scott é uma feminista também bastante crítica ao movimento, apontando as suas contradições históricas, como a de que “o feminismo produziu a diferença sexual que buscava eliminar” (Scott, 2005, p. 21). Pós-estruturalista, é apontada como a pioneira no desenvolvimento de uma teoria de gênero (Butler & Weed, 2011). Segundo ela, “O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade” (1989, p. 7).

Recentemente Scott reafirmou que gênero segue como uma categoria útil para a análise histórica, como o fez em 1986 (Lemos & Scott, 2013). Gênero deve ser pensado como “uma norma regulamentadora que nunca funciona plenamente” (ibidem, p.162), e tomado em consideração a partir das relações. Scott também problematiza a ideia de igualdade e questiona o que significaria uma igualdade entre gêneros. Ela pergunta: “Será que a igualdade exige as mesmas condições para todos, seja qual for o seu sexo?” (Scott, 2005)

Judith Butler

Judith Butler é um dos principais nomes associados às Teorias de Gênero internacionalmente. A filósofa norte-americana se interessa, para além dos problemas de gênero, pela função da identidade na produção das marginalidades. Ela é reconhecida como teórica *Queer*, uma linha com pressupostos pós-identitários, para a qual “não são necessários marcadores de identidade para a participação política” (Porchat, 2007). Para Butler, respondendo a polêmica sobre os conceitos de sexo e gênero, é o gênero que determina o sexo, que fabrica os seus sentidos na cultura (1990/2015).

No campo da sexualidade, demonstrou como a heteronormatividade produz a abjeção das “outras” sexualidades como das lésbicas, de gays, bissexuais, transexuais, intersexos. Alega que há, inclusive entre cisgêneros, incoerências entre anatomia, identidade, práticas sexuais e desejo, e com isso demonstra que o gênero é um efeito performativo, uma outra lógica onde a oposição feminino-masculino não faz sentido. Através dessa desconstrução, Butler

generaliza o conceito de gênero, e reivindica o reconhecimento de todos os indivíduos com suas diversas sexualidades.

A filósofa questiona pensamentos e teorias que serviram para reforçar a heteronormatividade compulsória ao invés de questioná-la profundamente. Ela faz isso com a Psicanálise, com uma psicanálise que estabeleceu como lei universal a teoria edipiana. Butler se debruça sobre essa crítica usando inclusive de teorias psicanalíticas, por acreditar que a Psicanálise é um importante instrumento de investigação para as questões de gênero, para o reconhecimento das subjetividades com a quebra das linhas que separam o sujeito abjeto daquele “normal”.

Ela critica a possibilidade de o caminho edipiano formar o gênero da forma como Freud o descreveu. Revendo essa teoria, ela destaca que a proibição do incesto é também uma proibição da homossexualidade, por presumir uma heterossexualização do desejo. Para ela, Freud não deu muita atenção a esse aspecto (1997). Um exemplo de seus esforços em fazer uso da psicanálise para entender os processos de formação do gênero foi quando desenvolveu uma outra possibilidade de pensar o desejo homossexual e sua repressão a partir dos processos de luto e melancolia desenvolvidos por Freud (Butler, 1997).⁴²

Voltamos ao conceito de gênero como performatividade. Nos interessa detalhá-lo aqui, já que ele nos parece útil à compreensão da construção da identidade de gênero. Butler assim descreve esse processo:

atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na *superfície* do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos reais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (Butler, 1990/2015, p. 235. Grifos da autora)

Para nós, a identidade de gênero tem esse caráter ficcional que Butler aponta. Ela é o efeito de uma repetição. Mas essa repetição performatizada, reforça Ayouch “não é, porém,

⁴² Na melancolia, ocorre a internalização de aspectos que passaram pela forclusão, aspectos-objetos de amor que não puderam ser reconhecidos assim, e que, portanto, sua perda também não poderia ser reconhecida. Ao invés de serem eliminados, tais objetos foram incorporados ao psiquismo e corpo. É o que diz a teoria freudiana, de forma resumida. Na “aquisição” do gênero, segundo Butler (1997), foracluiu-se o amor homossexual pela figura materna, no caso da mulher, ou paterna, no caso do homem.

uma escolha deliberada: é uma interpelação social. Não é um ato subjetivo isolado, mas uma reiteração coletiva, uma atribuição normativa” (Ayouch, 2014, p. 66)

3.3- Psicanalistas contemporâneos nos estudos de gênero

Stephen Frosh

O psicanalista britânico se interessa por temas diversos no campo psicossocial, e gênero é um deles. Em 1994 publicou “Sexual Difference: Masculinity & Psychoanalysis”, trabalho motivado pelas questões que adentravam a sua clínica. Frosh estabelece um olhar para essas questões sempre considerando o seu lugar de analista homem, a partir da percepção de momentos em que essa “característica” afetava a relação psicanalista-analisando/analisa. Não se trata do ser homem (ou ser mulher), mas do que isso representa na fantasia da/do paciente, e seu amparo (ou não) na cultura. Ele exemplifica com o atendimento de uma mulher vítima de agressão por um homem, e como ele foi colocado, no primeiro atendimento, na posição de agressor.

Ao longo da obra o autor mostra como o gênero também é atuado na própria produção das teorias psicanalíticas: “a psicanálise é uma linguagem particularmente sexuada, marcada por posições identificatórias escorregadias”, e continua: “sempre que ela fala através de uma voz supostamente ‘masculina’, também levanta a questão da feminilidade: quando a palavra do mestre é colocada, a subversão dela surge ao fundo”. (ibid, p. 42) Frosh entende que falar a partir da posição subjetiva “masculina” e ao mesmo tempo propor a transgressão da mesma – e, juntamente, da posição “feminina” – requer grandes esforços. Não há neutralidade nessa tarefa do/da analista.

Para o autor, a feminilidade é uma categoria repleta de projeções masculinas, e muitas construções sobre a feminilidade (como a freudiana) nos contam tanto sobre os homens quanto sobre as mulheres. (p. 91) E orienta: “as diferenças sexuais só podem ser exploradas rastreando seus efeitos”. (1994, p. 41).

Ken Corbett

O psicanalista norte-americano, assim como Frosh (e ambos, como Freud), parte de suas demandas clínicas para pensar o tema. Em “Boyhoods: Rethinking Masculinities” (2009) o autor critica o fato que a Psicanálise demorou a tomar em consideração devidamente as forças de ordem cultural (2009, p.8). Credita aos teóricos da cultura e aos feministas – que se apropriaram do conceito de norma redefinido por Foucault – o valor de terem resgatado as potências da Psicanálise no entendimento das questões de gênero, “releituras que ilustraram

que desenvolvimento, incorporação, e identificações de gênero estão abertas a uma amplitude de possibilidades e diferenças, talvez os tipos de diferenças que fazem a vida valer a pena” (p.9). E chama atenção para um problema: as teorias modernas de gênero tem aparecido de forma expressiva nos textos, mas não na prática clínica.

Nesse trabalho, o autor investiga com bastante seriedade e coragem sua relação com os/as pacientes considerando sua condição masculina e homossexual, e as implicações transferenciais e contratransferenciais dessa. No início da obra, ele retoma o texto do pequeno Hans⁴³, e vai oferecendo outras interpretações sobre a fobia do menino e sobre as demandas que o pai trazia a respeito do filho. Corbertt entende que Freud foi apressado nas conclusões, movido por uma necessidade de confirmar suas ideias: “As dinâmicas da vinculação, as relações precoces entre pais-criança (...) e as influências do entorno cultural são rapidamente encerradas quando Freud se põe a fixar Hans como um garoto edipiano normativo.” (p.39) Ainda assim, o autor defende que é possível encontrar no texto outras narrativas possíveis, para além daquela que foi a mais contada pelos leitores de Freud.

Da mesma forma, muitos analistas têm julgado a veracidade ou pertinência de comportamentos e fantasias relacionadas ao gênero ao invés de investigar tais discursos propriamente, comprometidos com a história de cada sujeito. Corbertt sugere que uma série complexa e enigmática de internalizações e identificações podem convergir na formação do gênero, mas bem menos do que foi tradicionalmente assumido.

Corbertt, junto com colegas teóricos anglo-americanos da teoria relacional (Jessica Benjamin, Judith Butler, Nancy Chodorow, Virginia Goldner) situam a família dentro da ordem social. O gênero é constituído em um complexo arranjo composto de trocas entre as duplas criança-pais, criança-sociedade, criança-simbólico, criança-corpo, incluindo suas experiências com seus genitais, com a observação da diferença sexual morfológica, e os componentes fisiológicos do desenvolvimento sexual. A diferença em relação à Freud é que nenhum desses aspectos é privilegiado. Não há causalidade determinante, e sim uma complexidade de uma rede de interferências. (Corbertt, 2008). O autor acredita que com o desenvolvimento das teorias de gênero atuais, novos ideais de sustentação estão sendo articulados, e novas possibilidades de reconhecimento são atingidas (por exemplo, uma mudança no entendimento do que é família e a visibilidade de transgêneros).

Para Corbertt, (como também para Benjamin, Chodorow e Butler), há uma mudança no entendimento do complexo de Édipo: não mais tido como uma estrutura social fixa, uma

⁴³ Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (Freud, 1909/2006)

linguagem fundamental universal, ou uma ordem simbólica determinante, ou lei primordial. Ele diz que não podemos mais “pressupor que o gênero se desdobra a partir da história doméstica de uma lógica psíquica heteronormativa” (Corbett, 2008, p. 843) Agora eles investigam como o gênero é ditado (*told from*) pela cultura através dos pais para a criança, ou, com outras palavras, perguntam: “como a masculinidade e feminilidade precede pais, mães e crianças? Como as normas regulam a família e a criança?” (ibidem)

Por fim, o desafio para nossa prática, segundo Corbett, é ouvir às demandas únicas de cada experiência atravessada por questões de gênero, o que se diferencia de sermos guiados por um ideal normativo na busca por soluções e ações de reparação. (ibidem, p.853)

3.4- Psicanalistas brasileiros

No Brasil tivemos um crescimento expressivo na produção de trabalhos em psicologia social e em psicanálise sobre feminino, gênero e masculino a partir da década de 90⁴⁴. Na Psicanálise, ainda encontramos resistência a uma entrada mais expressiva do tema gênero nas discussões, mas percebemos que há uma tendência a uma mudança nessa cena, já que a clínica tem a provocado. Ao mesmo tempo, há psicanalistas que defendem que gênero não é categoria que interessa à Psicanálise, já que a psicanálise cuida do desejo, e, como lembra um deles, Ricardo Goldenberg, “o objeto parcial que move o desejo carece de gênero” (2016, p. 2). Por outro lado, é por outra dimensão que entendemos a importância desses estudos, e essa está de acordo com o que Ambra e Silva Junior (2016) destacam: “ninguém narra a sua história excluindo a dimensão do gênero, pois vivemos em um mundo no qual o gênero é (ainda?) um marcador relevante de diferenças”.

Talvez seja pelo status de novidade (ainda, para uma parte de psicanalistas) ou de polêmica (para outra parte) que encontramos com frequência nas publicações brasileiras sobre o assunto uma apresentação dos estudos de gênero e seus pressupostos e, também, uma defesa de como a Psicanálise pode se beneficiar da apreensão do tema considerando as contribuições de autores construcionistas e pós-estruturalistas (de forma parecida com o que fizemos nesse capítulo). Nesses trabalhos, então, defende-se uma ideia de gênero imbricada também em uma ética e uma política; defende-se uma escuta atenta às lógicas de poder que se dão nas relações

⁴⁴ Para citar alguns: Sócrates Nolasco (1993), Jurandir Costa Freire (1995), Joel Birman (1999), Maria Rita Kehl (1998), Paulo Roberto Ceccarelli (1999), Patricia Porchat (2007), Suzana Muszkat (2011), Pedro Ambra (2015), na Psicanálise. Na Psicologia Social, temos: Guacira Lopes Louro (1997, 2004, 2010), Benedito Medrado e Jorge Lyra (várias publicações). E dois periódicos temáticos criados na década de 90: Cadernos Pagu, da UNICAMP e Revista Estudos Feministas da Universidade Federal de Santa Catarina.

atravessadas por questões de gênero. E eles chamam a atenção para que a Psicanálise não siga repetindo os erros do passado na construção ou perpetuação de teorias e práticas que sustentaram preceitos da dominação masculina/ patriarcal, quando deixam o aspecto social em plano secundário (Porchat, 2013; Ambra & Silva Junior, 2016).

Acreditamos que, como toda teoria, as de gênero devem ser pano de fundo para o trabalho do psicanalista na clínica em sua extensão. E que só nos interessará enquanto tiverem *valor interpretante*⁴⁵.

3.4.1- O masculino como uma questão identitária – pensamentos a partir da Teoria dos Campos

Resolvemos detalhar algumas contribuições de um psicanalista brasileiro em específico nessa subseção, pois nos interessa trabalhar nossas questões sobre a masculinidade pelo viés da identidade de gênero, e as construções teóricas de Fabio Herrmann, autor fundante da Teoria dos Campos, nos ajudam a abordar a questão de como os homens se constroem e se reconhecem como homens, em tempos de uma possível nova crise da masculinidade.

Considerar o conceito de identidade pelas lentes da Psicanálise é imediatamente captar um paradoxo. A identidade é fluida, ao mesmo tempo em que dá a impressão de estabilidade, permanência. É preciso tomar em consideração esse paradoxo o tempo todo em que lidamos com o conceito.

Fabio Herrmann foi um psicanalista que não trabalhou com teorias de gênero especificamente, mas se interessou pelo conceito de identidade e sobre ele desenvolveu pensamentos que nos interessa destacar, já que para nós tem grande valor interpretante. O autor possui textos espalhados por sua obra sobre o tema, mas para ele dedica um livro em especial: “A Psique e o Eu” (1999b). Antes de apresentar seus desdobramentos a respeito da identidade, achamos necessário apresentar alguns conceitos que a ela se relacionam, pela ótica da Teoria dos Campos, nome que foi dado ao conjunto de sua obra.

Para começar, quando falamos em inconsciente, falamos em campos. Herrmann renomeou o método psicanalítico como “interpretação por ruptura de campo”, para destacar em seu pensamento uma mudança no modelo de inconsciente proposto por Freud. O autor não descarta os pressupostos freudianos: “Quanto à repressão e à formação de uma esfera de mecanismos psíquicos inconscientes, a Teoria dos Campos não se desvia da hipótese freudiana, tomando-a por assentada e operativa clinicamente”. (Herrmann, 2001, p. 120). Ele define o

⁴⁵ Valor interpretante tem a teoria que pode ser utilizada “interpretativamente para produzir ruptura, vórtice, e nova constelação teórica” (Herrmann, 2001, p.81)

inconsciente como campos que delimitam um conjunto de sentidos psíquicos que regem as relações humanas. “É uma parte do psiquismo em ação, tanto do psiquismo individual, como da psique social e da cultura”. (ibid, p. 58-59) O método interpretativo visa, então, a romper com o campo de sentidos sobressalente, provocando um abalo que possibilite a emergência de novos sentidos, de outros campos.

Segundo Herrmann, o campo produz uma superfície de representações “que se estendem para ‘dentro’ e para ‘fora’ do sujeito” (2001, p. 36). Ele chamou de *desejo* esse “dentro”, e de *real*⁴⁶ esse “fora”. Não são conceitos distintos: o desejo é na verdade parte do real, ou, nas palavras do autor, “uma parcela do real sequestrada no íntimo do indivíduo” (ibidem, p. 37). E para esclarecer, o autor usa o termo representação no seu sentido comum: representar é tornar algo conhecido, é “fazer saber de”. (Herrmann, 1998, p21)

Como lógicas inconscientes, desejo e real não se deixam conhecer diretamente, mas somente através de suas representações. É por elas, então, que o homem sabe do mundo e de si mesmo. (ibid). E assim chegamos ao conceito de identidade: a representação do desejo. A realidade é o equivalente para o real, ou seja, sua representação, na dimensão humana, coletiva. O autor nos apresenta uma metáfora para falar da relação entre identidade e desejo:

As representações do desejo são como vestes para um corpo invisível. Roupas não fazem parte do corpo, a roupa vestida esconde o corpo, mas, por efeito da substituição de várias roupas, é possível vislumbrar a forma do corpo: é o que há em comum às formas das vestes. (2001 p. 175)

O corpo invisível corresponde, então, ao desejo, e as vestes, à identidade. A identidade é *indivi-dual*: une os aspectos individual e social, indissociavelmente. O homem está sempre usando de representações para se colocar frente ao outro, como também para si. A essa ação humana, Herrmann chamou de *disfarçar-se*. Para o autor, o *disfarce* “é uma atitude eminentemente social que regula ou desregula a relação com o outro e que depende de uma convenção socialmente compartilhada, para poder tornar-se efetiva.” (Herrmann 1999b, p. 146). Os *disfarces* são como as máscaras ou adereços que usamos e que nos conferem ares de alguma personagem, mesmo de formas sutis, como num olhar, num tom de voz. (Oliveira, 2011)⁴⁷

⁴⁶ O autor explica que os conceitos guardam semelhanças com o desejo e o real de Lacan, mais o conceito de desejo do que o de real, na verdade, mas não são sinônimos. Conta que quando começou a usá-los acreditava que sim, mas com o tempo percebeu que ganharam outros sentidos.

⁴⁷ Retomo, em partes, o trajeto da apresentação do conceito de identidade que realizei na minha dissertação de mestrado, intitulada: *Ser ou aparecer: eis a questão! Uma lógica possível de construção identitária adolescente no mundo virtual*.

Na construção teórica sobre o conceito de identidade apresentada em “A Psique e o eu”, Herrmann parte da noção de “eu” em Freud, que ele percebe como carregada de positividade, um resquício de “psicologismo”. (Herrmann, 1999b, p. 45) Inspirado na ideia de cisão do eu, e que Freud percebeu nos casos de psicopatologia⁴⁸, o autor pensa em um processo de erosão do eu – sua divisão/ multiplicação. Em cada ação intrapsíquica haveria ao menos dois *eus*⁴⁹. Cada vez que o eu se objetiva, pressupõe-se um agente que o toma como objeto. Esse processo de duplicação do eu, tão presente nas teorias psicanalíticas, é mais do que uma exigência lógico-conceitual; é “uma forma de dar conta do fato que *o sujeito psíquico transita entre posições efetivamente distintas, semeando eus em sua passagem*” (ibid, p. 47. Grifos do autor). Fernanda Sofio faz um paralelo entre essa ideia e a obra de Fernando Pessoa, poeta que deu vida a seus “eus análogos” através de seus heterônimos. (Sofio, 2015, p.78)

Herrmann delimita seu objeto de estudo naquele trabalho: “a posição do eu que se concebe a si mesmo (...) tendo presente, porém, que o eu que concebe desenhando-se necessariamente do eu concebido”. (Herrmann, 1999b, p. 50) Para se aproximar do eu que concebe, o analista interpreta o “eu-representação”/identidade, mas lembramos que o resultado disso é o desenho do desejo. O desejo em si, para a Psicanálise, é como a *coisa em si* para Kant, na Filosofia: incognoscível.

Acontece que quando se dá uma interpretação, essa desvela uma falha da identidade, revela a ilusão de sua permanência – com frequência através das contradições do sujeito. Rompido o campo, o sujeito se vê em um estado de suspensão e confusão representacional, que o autor chamou de vórtice. Esse conceito também merece ser detalhado. Nas palavras do autor:

Digamos que as representações afastadas do centro da identidade com tanto cuidado pelas regras do campo – regras que funcionam como mecanismos de defesa (...) –, essas representações que formavam uma espécie de círculo exterior ou periferia da superfície representacional são arrastadas à consciência. E por falta de um campo organizador, põem-se a girar dentro do sujeito. Daí o termo vórtice (...): quando se destapa uma pia, a água rodopia em torno do ralo, arrastando em seu movimento quaisquer resíduos que flutuavam nas bordas, como um redemoinho ou vórtice, palavras equivalentes. (Herrmann, 2001, p. 55)

⁴⁸ No texto “A cisão do eu nos processos de defesa” (Freud, vol 23)

⁴⁹ O autor exemplifica: na ação do superego sobre o eu “estamos diante de dois *eus*, de dois sujeitos psíquicos em diálogo: eu e superego.” (Herrmann, 2001, p. 142)

Quando Herrmann fala de mecanismos de defesa, ele usa o termo para reforçar a ideia de que as regras que regem os campos têm um caráter defensivo, ao mesmo tempo em que são restritivas, de forma semelhante aos mecanismos que Freud apresentou (sublimação, negação, forclusão, etc.). Mas do que o sujeito se defende? De cair em um vazio, de se confundir com o outro a ponto de se perder, de não saber de si. Essa é a função defensiva da identidade. E para que as representações sejam mantidas, há uma outra função atuante: a crença. É ela a responsável por criar os ajustes entre realidade e identidade, os dois polos de qualquer representação. (2001a, p. 155) A função da crença é discreta, e sua eficiência está em esconder no produto final a montagem interna (Herrmann, 1998, p. 25), ou seja, garantir que a representação permaneça representada, que sua lógica de produção não seja revelada.

Por isso, quando a ruptura de campo acontece, num encontro furtivo com uma lógica de produção antes desconhecida, posto que inconsciente, é frequente que o sujeito se coloque a associar de forma estranha, fazendo uso de qualquer representação disponível no rodopio do vórtice, até que um campo se (r)estabeleça e uma nova (re)organização se constitua, campo esse provavelmente o mesmo que acabara de se romper, mas não mais igual, sem consequências da ruptura que sofreu. Pensando na sessão do consultório, é dessa forma que se dá uma análise: com diversas tensões nos campos, algumas rupturas, abalos (muitas vezes sutis, por mais paradoxal que possa parecer) identitários, e reorganizações das representações identitárias. Se tudo correr bem, a identidade vai perdendo a rigidez que é estabelecida pelo uso repetitivo de vestes-representações semelhantes.

Nos desviando brevemente da Psicanálise, trazemos um pouco da contribuição do teórico social Zygmunt Bauman (2005). O autor trabalha o conceito de identidade sempre relacionando ao contexto sócio-histórico. Com o advento do Estado, a identidade estava ligada à ideia de pertencimento a uma comunidade, uma nação. Esse autor conta que a ideia de “identidade nacional” não surgiu naturalmente na experiência humana, mas foi construída e desenvolvida a partir de uma necessidade do Estado de obediência dos indivíduos que ali habitavam, em troca de segurança e de um futuro.

Já em tempos modernos, pós globalização, com a anulação das fronteiras de mercado, a identidade nacionalista vai dar lugar a uma identidade mais pautada no indivíduo e no individualismo, bem como no estabelecimento de vínculos superficiais e transitórios com grupos menores, comunidades. Com essas transformações, se o Estado não ampara mais a nossa noção de identidade, quem/o que o faria? O que nos são oferecidas agora são *identidades*, no plural, ou seja, variadas possibilidades de ser, de pertencer, de imagens para nos

identificarmos. A abertura de mercado parece ter sido o pontapé inicial para esse processo, mas a nossa realidade o sustenta de várias formas.

A mídia, por exemplo, reforça a multiplicação de identidades ofertando diariamente diversas imagens para identificação. Basta lembrar das muitas horas que as crianças passam em frente à TV, e que as personagens dos desenhos animados e novelas infantis se tornam referências para elas. Contudo, acreditamos que o expoente máximo desse cenário a que nos referimos é a Internet, por possibilitar que cada um construa e apague as próprias identidades virtuais instantaneamente, como nos perfis das redes sociais. Na velocidade do CTRL C + CTRL V⁵⁰, montagens identitárias são feitas, editadas, excluídas, retomadas.⁵¹

E por/para que haveria a necessidade humana de se “ter” uma identidade, apesar da fluidez dos tempos? Bauman defende que “Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer “natural”, predeterminada e inegociável, a “identificação” se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um “nós” a que possam pedir acesso.” (2005, p. 30).

Nesse ponto voltamos à Psicanálise e à Herrmann, que remete a busca de si, a necessidade humana por uma identidade, a reedições de um episódio significativo do início da vida: quando o bebê sofre a perda da condição ilusória de “autobastância” – estado em que as suas necessidades são (em tese) prontamente atendidas pela mãe ou substituta, e transita para mundo do desejo, ou mundo psíquico. A condição de desamparo, de não pertencimento a um grupo e a si mesmo, é condição de sofrimento, a qual o indivíduo evitará entrar em contato.

É verdade que o desejo de *autobastância*, para dar-lhe um nome, é a nostalgia de algo que nunca existiu nem se poderá concretizar. (...) Na experiência da perda, a elaboração do luto dá-se por meio de um objeto que representa nalguma medida aquele que foi perdido, por carregar marcas comuns. (2001a, p.130)

Herrmann explica como se dá o processo de aquisição da capacidade de identificar-se com o outro. Em sua citação, acima, ele coloca a formação da identidade enquanto anteparo para o enfrentamento da condição de busca constante no mundo (outro), de algo que não poderá nunca ter sido – ou algo que só poderá ter sido, já que nunca foi – o que inaugura uma temporalidade distinta da habitual. É uma busca idealizada, ou de um ideal. Já Bauman traz a dimensão das transformações sofridas dentro das relações sociais, das mudanças nas referências às quais o ser humano se apegar. Para as duas teorias coincide a consideração de que

⁵⁰ Atalhos do teclado do computador para copiar e colar.

⁵¹ Na minha dissertação de mestrado, citada anteriormente, trabalho com algumas lógicas de construção identitária nesse universo, para o público adolescente. (Oliveira, 2011)

o homem/a mulher não pode estar só, sem referências, sem âncoras, e assim, ele/ela busca no outro, na sociedade e nas relações, aquilo que lhe faz falta.

Esses dois pensamentos nos favorecem pensar como o homem pode viver as transformações nas representações identitárias masculinas, envolvendo as dimensões psíquica e social. No capítulo anterior falamos das “âncoras sociais” que historicamente sustenta(va)m a identidade masculina na cultura. Com os homens entrevistados nessa pesquisa, procuramos investigar quais são as âncoras da masculinidade para eles, e quais seriam as possibilidades de “nós” buscadas por cada um.

A identidade masculina é parte das representações identitárias do sujeito homem (como também para o sujeito mulher). Uma crise na identidade masculina não é suficiente para que o homem caia em um vazio identitário, primeiro porque uma “crise” não pressupõe um esvaziamento total de representações de masculinidade – essa seria uma situação até difícil de se imaginar, ao menos dentro das próximas décadas em que consideramos nossas existências. E em segundo, porque há outras representações significativas para amparar tal sujeito. A identidade não se refere apenas ao gênero.

Mas porque vivemos em um mundo genderizado, as tensões que o homem tem vivido, principalmente nos campos das relações com a mulher, afetam as representações do masculino. Essas, antes no entorno, na periferia representacional, são trazidas agora ao centro, são passíveis de serem tomadas pela consciência. O antes natural – “homem é homem!” – não se sustenta: sofre uma ruptura e suas regras são denunciadas: “é uma construção; não se nasce homem!” Na ausência de amparo identitário certo, seguro, esse estado de confusão é vivido como sofrimento, mal-estar, ou, no mínimo, incômodo, ao mesmo tempo em que é potencializador de mudanças, advindas do (r)estabelecimento de campos com lógicas mais flexíveis para abrigar o desejo. Acreditamos que o estado de vórtice serve como interpretante para a experiência dos homens dos quais estamos falando. Isso ficará mais claro com a apresentação dos casos, no capítulo a seguir.

4- Estudo dos casos

4.1- Metodologia

A fim de realizar a nossa investigação sobre a masculinidade, o caminho que escolhemos foi o de entrevistar homens, e perguntar-lhes sobre a experiência de masculinidade de cada um, dando às respostas uma escuta psicanalítica. Para ajudá-los a falar a respeito do

tema, e pensando em uma maneira que pudesse enriquecer o nosso material, pedimos-lhes que fotografassem a sua experiência cotidiana de ser homem em 12 fotos.

Esse método de autofotografia seguido de entrevista foi utilizado na pesquisa de mestrado de Adriana Bosco (2009). Naquela pesquisa, a pesquisadora pediu a cinco mulheres que fotografassem a “sua experiência cotidiana de ser mulher em 12 poses” (p. 13). Bosco trouxe esse método a partir de uma adaptação daquele descrito por Neiva-Silva e Koller (2002), no qual uma consigna é dada aos participantes, e através dela, eles devem produzir fotos que respondam à pergunta de pesquisa. No trabalho de Adriana, a pergunta era: como aquelas mulheres experimentavam, em seu cotidiano, a dimensão do feminino? Seu objetivo foi “amplificar as possibilidades de entendimento acerca das imagens e do posicionamento das participantes dentro de um contexto discursivo mais amplo referente às identidades e relações de gênero” (p. 6). Segundo ela, o uso da fotografia contribuiu com a

abertura da possibilidade de uma experiência estética, aqui definida como uma experiência sensível que suplanta a experiência cotidiana e instaura uma nova percepção no sujeito, que então se caracteriza como um narrador particular de seu posicionamento frente ao vivido e ao performado. (Bosco, 2009, p. 12).

Pensamos a imagem não como um instrumento de registro de um fenômeno, um fato, ou uma coisa, mas como aquilo que ao mesmo tempo enuncia e constrói subjetividades. A fotografia possui sua particularidade. Diferencia-se de outras construções imagéticas como a pintura, por exemplo. Philippe Dubois (2007) diz que

Algo de singular, que a diferencia dos outros modos de representação, subsiste apesar de tudo na imagem fotográfica: um sentimento de realidade incontornável do qual não conseguimos nos livrar apesar da consciência de todos os códigos que estão em jogo nela e que se combinaram para sua elaboração. (p. 26)

O ser humano, além de construir imagens, é imagem. Adriana ressalta que a fotografia “tem a característica especial de se parecer com a vida cotidiana” (p. 20). A autora reconhece que a foto dá pistas para o entendimento da questão proposta, mas é somente com a complementação da entrevista, em que o participante conta de sua experiência de fotografar, de sua intenção, e do que mais puder emergir a partir daí, que se pode atingir uma profundidade maior no entendimento dos dois discursos: foto e fala.

Ao conhecer o trabalho de Adriana, nos interessamos imediatamente pelo método, pela possibilidade de encontro com a subjetividade em uma linguagem não verbal. Já era nosso

intuito escolher um meio não-verbal para associar à entrevista com os participantes, e então resolvemos nos apropriar do método trazido por ela. Posteriormente, nosso trabalho pode servir de contraponto ou complementação, já que seu tema é o feminino. Com a diferença de que utilizamos da Psicanálise para a análise do material, enquanto Adriana utilizou do construcionismo.

Selecionamos, através de indicações de colegas, cinco paulistanos com idades entre 26 e 35 anos, de classe média, heterossexuais, casados ou que vivem junto com a companheira (amasiados⁵²). Todas elas tinham sua profissão e renda própria. Esse último foi também um critério estabelecido desde o início, pois partimos do pressuposto de que a vida profissional da mulher lhe possibilita ocupar uma posição mais igualitária na relação, e que isso deve repercutir na experiência de ser homem de seus companheiros. Essa peculiar relação entre gênero e trabalho, ou gênero e provimento financeiro, foi verificada no estudo de Tagliamento e Tonelli (2010) apresentado anteriormente.

Os sujeitos foram convidados a participar da pesquisa com os devidos cuidados éticos, a partir do aval do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Após o primeiro contato, feito por telefone, em que eu apresentei a mim⁵³ e a pesquisa, brevemente, enviei aos possíveis participantes um questionário socioeconômico simples (Anexo A), a fim de garantir que os sujeitos estavam dentro do perfil pré-estabelecido. Dada a confirmação, agendamos os dois encontros. Comuniquei que, caso fosse necessário, poderia solicitar um terceiro encontro, mas não aconteceu em nenhum caso.

No primeiro deles eu explicava melhor sobre a pesquisa, solicitava as 12 fotografias, tirava dúvidas, apresentava e colhia a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) e agendava o próximo encontro. No segundo encontro as entrevistas eram realizadas guiadas pelas fotografias e pelo pedido “Fale sobre a sua experiência cotidiana de ser homem”, momento em que o participante discorria a respeito de suas intenções, percepções e leituras sobre cada foto entregue, e o que mais viesse a surgir a partir desse material e do encontro com a pesquisadora.

O material transcrito das entrevistas, junto às fotografias, foi analisado pelo método interpretativo psicanalítico. Consideramos que as entrevistas foram/são realizadas dentro de campos que se estabelecem na relação pesquisadora-participante. O processo interpretativo consiste em realizar uma escuta e um olhar peculiares sobre as falas e fotografias dos participantes, que implicam em uma atenção desencontrada, por assim dizer, com maior ênfase

⁵² Esse termo é informalmente pouco usado hoje.

⁵³ A partir daqui, utilizarei da primeira pessoa do singular quando tratar da minha relação com os entrevistados.

aos elementos menosprezados ou marginais, aquilo que em outro campo, no campo da rotina⁵⁴, ou em um momento que não da pesquisa psicanalítica, provavelmente desprezaríamos. Ou, nas palavras da psicanalista Maria Lúcia Romera, “é preciso encaminhar-se os sentidos na direção de uma *suspensão-suspeição* da realidade, facultando com e através disso a multiplicação de possibilidades de significação” (2002, p. 52, grifo da autora).

Enfim, seguem as fotografias e recortes das falas de cada entrevistado, em itálico, juntamente com comentários e análises, primeiramente, foto por foto, em seguida, do caso, e por fim, uma análise sobre o conjunto das cinco entrevistas. Utilizei recursos de edição, como desfoque e a cobertura de rostos, para evitar a identificação dos participantes e demais pessoas nas fotografias. Os nomes são fictícios.

4.2- Danilo

Danilo, de 33 anos, é branco, jornalista e professor, sem filhos. Casado com uma mulher de 36 anos, bailarina. Ele sugeriu que nos encontrássemos em uma das universidades em que leciona no nosso primeiro encontro, e em outra delas (leciona em duas) no segundo, que foi agendado para depois de 13 dias.

⁵⁴ Função de redução consensual dos sentidos: “Cabe à função da rotina opacificar a origem e a lógica profunda das relações que entretemos ao longo de nossas vidas” (Hermmann, 2001, p. 189)

Foto 1

Foto 2

Fonte: primeiro participante

Foto 1

– Eu não imagino uma mulher pichando, no meio da rua, acho que também não exclui, pode acontecer, é... mas foi minha primeira reflexão sobre ser homem, é a ideia de algo mais rudimentar, mais das cavernas...

Danilo associa a masculinidade a algo rudimentar, “das cavernas”. Ele não diz muito sobre essa primeira foto, mas o fato de associá-la às cavernas me remeteu às inscrições humanas feitas nessas, primeiros símbolos humanos aos quais se tem acesso, e a uma história que foi basicamente escrita por homens. Assim como nos desenhos das cavernas não temos acesso às pessoas que os desenharam, também não sabemos a autoria da pichação no poste. Mas por algum motivo, Danilo a atribuiu a um homem.

A pichação é geralmente uma manifestação de resistência, ou um protesto. Expressa algo que não encontra espaço e escuta em espaços convencionais, como na mídia *mainstream*, justamente porque vai contra o que é valorizado lá; trata-se do estranho, do marginal. A foto me leva a pensar o que da masculinidade de Danilo estaria fora de uma convenção, mas se impõe.

Foto 2

“Aí essa outra foto, das Playboys na banca, tal, e que achei tipo... de verdade, um absurdo uma Playboy de 92, 93, e tinha Playboy por um real que eram, sei lá, as capas menos... (risos) mas também da década de 90, pensei, mas gente, quem é que ...sei lá vai ficar excitado, que eu imagino que a pessoa compre pra ficar excitado, com uma capa, com uma mulher... que sei lá... uma foto de 20 e poucos anos atrás, eu achei meio até mórbido, assim... e falei... pô, é um instinto muito também... é... sei lá, ancestral, tanto quanto a pichação no meio da... da... das ruas.

Com essa foto, Danilo se diferencia do homem que é público-alvo daquelas revistas. Ele não diz não se sentir atraído pelas imagens daquelas mulheres nuas. Mais uma vez, ele percebe o homem a que se refere diferente do homem que ele é. Tal “instinto ancestral” parece ter ficado para trás na sua história. Em um momento posterior da entrevista ele conta que na sua adolescência ele se interessava por tais revistas.

Foto 3

Foto 4

Fonte: primeiro participante

Foto 3

Essa daqui, no meio do minhocão. Pelas minhas contas, uma TV de 29 polegadas, e eu também não imaginei uma mendiga, (riso), é... com raiva tacando essa TV, mesmo porque acho que ela não aguentaria tacar assim pra ela quebrar, é... mas eu imaginei uma manifestação de raiva de um homem. É ... e aí me veio na cabeça também essa questão do ancestral, de uma coisa bem rudimentar. É, no fundo acho que essas fotos me fizeram refletir mais sobre a evolução das mulheres do que sobre o papel dos homens, assim (risos), é... (...) E eu fiquei imaginando uma mendiga revoltada, ela ia tacar, sei lá...carrinho de supermercado no chão, o cara taca uma TV pesada no chão. É muito mais explosivo. Em mim, particularmente, também, eu acho quando tô nervoso, se eu bater na mesa forte vai... todo mundo vai se assustar. Se uma mulher ficar nervosa ela provavelmente não terá essa reação que assusta os outros. Não sei de onde vem isso, fiquei até pensando nas cavernas, tal, no papel do homem, mas, é... na caça, pra defesa, enfim, isso foi toda um reflexão.

De todos as explicações possíveis para aquela TV estar quebrada ali no chão, Danilo imagina que um homem, mendigo, a atirou, motivado por raiva. Uma mulher não o faria, porque para ele mulheres não explodem de raiva da mesma forma que homens, e se o fizessem, jogariam outro objeto, um mais associado ao seu gênero: o carrinho de supermercado. Podemos pensar, a partir dessa fala, sobre os lugares que a mulher e o homem ocupam na imaginação de Danilo, os objetos dos seus mundos, e as formas diferentes de demonstrar um sentimento comum.

Diferentemente da foto das revistas, em que não percebe em si a atração por aquelas imagens, dessa vez ele reconhece em si a possibilidade de atuar uma raiva de forma explosiva, assustando quem o assista.

Foto 4

Aí eu tirei outras fotos que também tem a ver com a questão rudimentar, assim, do homem, e peguei um jogo de ontem, tava passando São Paulo e Corinthians, eu sou são paulino, mas não sou fanático, muito pelo contrário, dou risada quando perde, dou risada quando ganha, só uso pra tirar sarro dos outros homens. E também vejo o homem se envolvendo, e também generalista, também, porque... conheço mulheres que se envolvem e são mais fanáticas que os homens. Mas uma coisa também meio que da... lá de trás, eu fiquei... eu tirei essa foto e fiquei imaginando o jogo rolando no Coliseu, é... sei lá, leões, eu falei... pô, só trocamos por um bando de homem correndo atrás da bola, acho que ninguém arranca o pescoço um do outro,

mas tá todo mundo gritando ali... aí passava a cena das torcidas, assim, e eu falei, gente, que coisa das cavernas isso, assim, eu fiquei pensando... ainda mais que tava, gente... é... feia, não no sentido de beleza, mas... é, é...esteticamente (...), tudo um pouco meio sujo, eu falei, gente, mas... por que que esteticamente o negócio não pode ser mais harmônico, eu falei... porra, de repente se fosse mulheres comandando isso, tudo teria lugar, (risos), mais... bem organizado. Aí eu resolvi tirar essa foto do futebol, é... embora eu não seja, é... fanático, se me perguntar, acho que é uma das coisas que me vem à cabeça quando fala do homem, do dia-a-dia.

Aqui temos o homem diante da TV, que está inteira – até o momento as raivas de Danilo não a atingiram. Danilo relaciona o futebol com masculinidade, e essa relação se dá por que os homens geralmente têm uma relação forte com o futebol. Ele reconhece que está generalizando e que há mulheres fanáticas por futebol, o que ele não é. Mais uma vez, então, ele parece representar um outro homem, de afetos mais “primitivos”, que tem com esse esporte uma relação passional. Parece se identificar mais com o que ele descreve como uma mulher generalista, a não fanática, e que iria, como ele, perceber aquela cena como desorganizada, suja, não harmônica. Se esse campo fosse do feminino, a mulher interferiria sobre sua estética. Mas essa é uma sugestão que parte dele.

Foto 5

Foto 6

Fonte: primeiro participante

Foto 5

_Aí eu tava estudando pro doutorado, e aí eu abri uma cerveja, tava estudando, fazendo as coisas, tal...e pensei na cerveja também... ou na bebida, como... também não excluindo as mulheres, mas é muito também essa coisa de, é... das tavernas, de ficar bebendo, e me veio muito os filmes também antigos da idade média, aquele bando de homem da guerra, saindo... se reunindo pra beber, então, engraçado que o tempo todo das fotos me remetia a coisas muito mais antigas do que os do dia-a-dia contemporâneo.

Nas ideias que Danilo traz do passado da humanidade, das cavernas, guerras, Coliseu, etc., o homem é protagonista. A cerveja é o elo que lhe tira do presente, o remete a esse passado ancestral. Ele não fala dos elementos que parecem centrais na foto: os textos (a sua escrita/ seu doutorado), o computador, seu trabalho. Em outro momento ele conta que não bebeu muito nesse dia, e que não tem o costume de beber muito. Por que será, então, que ele escolhe esse elemento (cerveja) para falar da masculinidade, quando a questão que lhe foi dada foi: fotografe/ fale sobre a *sua* experiência cotidiana de ser homem? Por que Danilo não consegue falar do homem que ele é de forma direta, e ao invés disso, dá o que parece ser um salto até os homens que voltavam das guerras e bebiam nas tavernas? E por que ele ignora os elementos não rudimentares dali, como a mesa de vidro e a vela?

A guerra de Danilo não é com armas, seu trabalho não é matar versus sobreviver. Embora no mundo acadêmico a escrita de uma tese de doutorado seja uma batalha árdua, cujo fim constantemente é celebrado numa mesa com cerveja e barulho, parece que os estudos, a leitura, e mesmo a função de professor não são destacados como masculinos. Uma pesquisa britânica (Frosh & Phoenix, 2001) mostrou que na escola, o adolescente que se destacava pelos estudos (notas, dedicação) não era considerado “popular” e não era admirado como modelo de masculinidade pelos colegas do sexo masculino. No questionário que Danilo respondeu antes da pesquisa, ele não se coloca como professor, mas como jornalista.

Foto 6

_Tirei uma foto dum carro que nem é meu, da garagem, mas como elementos... chave também. é... falei, puta, é muito masculino, sabe? Hm... tirei a foto do carro e me veio à cabeça a playboy, a pichação, a agressividade, tal, e eu fiquei pensando... pô, que mulher que assina a revista Quatro Rodas? Foi um pensamento na minha cabeça... Falei, meu... é uma coisa muito masculina, assim, sabe? tipo...não sei por que... mas me veio na minha cabeça e já tirei foto de um carro pra ilustrar isso. Falei, gente...hm... E eu não sou fã de carro.

Temos aqui um elemento diferente, o carro, mas a mesma lógica que já foi apontada na relação com a cerveja, o futebol, e as revistas de mulheres nuas.

Foto 7

Foto 8

Fonte: primeiro participante

Foto 7

_Tinha... algumas... roupinhas infantis... muito... tinha de princesa, a foto não retratou muito, mesmo porque eu nem pedi licença pro camelô, então eu tirei meio que andando. Mas tem aqui a... a Peppa, aquele porquinho infantil, tinha umas outras princesas tudo rosinha, tal, e umas camisetas do Batman, de super heróis, e eu fiquei pensando... nossa, eu não consegui ver nenhum elemento que me faz ser homem, e sempre do passado, até do meu passado, do passado (riso) da humanidade. E eu fiquei imaginando, poxa, puta... é verdade, eu sou o que sou hoje, porque... de repente desde criança eu fui ensinado a usar a camiseta do Batman e não da Peppa. Eu...me... por que? ahm... por que que o rosa, se usar na escola, cê vai ser zoadado, é... e o azul não?

Danilo não encontra resposta para uma pergunta difícil: o que o faz ser homem? Uma de suas hipóteses, a de que ele foi ensinado a usar a camiseta do Batman e não a da Peppa, leva

a pensar que uma construção cultural lhe (/nos) foi colocada como uma veste (lembrando a metáfora de Herrmann sobre as representações da identidade como vestes de um corpo invisível, citada no capítulo 3), muito cedo, e ao longo da vida perdemos a capacidade de questionar sua razão de ser, incorporando-a. Olhando para essas vestes, agora com o olhar de fora, mas voltado para si, Danilo sente dificuldades de justificar tais roupas, os sentidos que elas carregam.

Foto 8

— Outra coisa também, é... eu tava na... na janela, e vi... o pessoal da manutenção do prédio fazendo a limpeza da piscina. Aí comecei a pensar... em... trabalhos que... são essencialmente masculinos, em função até da questão física. Eu vi, eu queria tirar muito, eu tava no carro, é... aí eu vi um caminhão de mudança, eu queria tirar foto do caminhão de mudança, só que aí, passou um carro na frente e não consegui. Aí tentei, outra foto pra registrar... é... hm... é... trabalhos, porque eu acho que o trabalho nos identifica como pessoa, eu sou um professor, eu sou tal, mas... tem alguns trabalhos que... por exemplo, esse nem é tão feliz, o pessoal da manutenção da piscina, uma mulher poderia... com facilidade, como não exige tanto do corpo, mas... caminhão de mudança, eu nunca vi uma mulher... carregando móveis pesados por aí. Eu acho que, também, pela constituição física mesmo. (...) É... aí eu fiquei pensando, pô... tem alguns trabalhos que realmente nos, é... identifica, isso é coisa de homem, né, tipo, aí eu fiquei pensando até em casa, falei, não... pra furar a parede, pra pôr o varal... é o cara que vai ter que fazer isso, ... e é... e todo mundo meio que concorda com isso naturalmente, é o homem que vai fazer isso. É... em contrapartida, é uma coisa que eu odeio também, são amigos, familiares, etc., que também se acomodam nesse sentido. (...) Não vejo diferença, no lavar a louça, etc., eu acho que, é... para alguns homens ainda é um... um papel, "eu não lavo a louça, eu não cozinho, eu não cuido da casa", principalmente os homens mais velhos, é...e...e...acho que isso foi uma... desvirtuou um pouco essa minha ideia de que... tá...tem algumas profissões que são essencialmente masculinas, outras... essencialmente femininas, mas nem consegui ver... feminino que o homem não pudesse fazer. Mas eu consegui ver o que o homem faz e que a mulher teria dificuldade em fazer. É... e foi isso, essa foto foi essa viagem também. Gente, parece que eu tomei ácido, né, pra tirar essas fotos.

— (risos) Por que?

— Não, porque eu fiquei viajando demais, assim, por isso que eu tive muita dificuldade.

“O trabalho nos identifica como pessoa” e “tem alguns trabalhos que realmente nos, é... identifica, isso é coisa de homem”. Danilo faz um cruzamento entre gênero e trabalho, duas âncoras de identificação que, nesse caso, estão conectadas via um único elemento: a força física do homem. O trabalho doméstico, para ele, não faz sentido que seja considerado um trabalho feminino, já que prescinde de um elemento que dê sustento à essa relação. É interessante que a fotografia que ele escolhe para falar da força física do homem não representa bem, na sua opinião, esse argumento. A foto que o faria seria a do caminhão de mudanças. Mais uma vez ele traz uma foto que o remete à uma masculinidade que não “está” exatamente ali, embora dessa vez não esteja nas cavernas. E o que está ali?

A foto da piscina é tirada de cima, de dentro de seu apartamento, e além da distância física que o separa daqueles homens, há uma tela de segurança na janela. Duas características que fortalecem a ideia de distância entre ele, professor, e aqueles homens fortes que tem profissões “essencialmente masculinas”. Temos a escolha do elemento força física como um separador ideal entre masculino e feminino, no sentido de um argumento irrefutável, um amparo no meio de algumas misturas, de elementos comuns ou indiferentes entre eles. É tão ideal que não pode ser capturado em foto, mas apareceu na fala da foto pretendida. Um amparo com o qual ele não pode contar diretamente no seu cotidiano, já que tem um trabalho que não lhe exige tamanha força. Por outro lado, quando encontra quem consegue, Danilo se ampara também: aquele outro é tão forte que o carrega, ou carrega sua identidade masculina.

Foto 9

Fonte: primeiro participante

“E aí eu vi o camelô, e vi a plaquinha lá que aceitava cartão de crédito, VISA, tal, e essa foto, a minha justificativa não tem nada a ver com a foto, no fundo, mas me remeteu à questão da

tecnologia, e a... até a minha experiência cotidiana... vou no shopping, com a minha esposa, com as minhas irmãs, com umas amigas, tal, eu sou capaz de entrar numa loja de computador e ficar muito tempo. Muito tempo, não. Pro homem acho que... 40 minutos numa loja é o record, né? Isso, se você for comprar um computador, uma câmera, e vários equipamentos eletrônicos. E a mulher vai ficar horas numa loja de roupa. E eu não consigo ficar horas numa loja de roupa. Falo gente, mas... por que que eu sou diferente assim? Por que que o meu interesse é diferente? E aí quando eu vi uma maquininha de VISA, no meio do camelô, eu falei...puta, deve ser um camelô homem, que colocou... que aprendeu a mexer no cartão de crédito, pra aceitar cartão de crédito. Deve ser... é como se fosse preconceito da minha cabeça. Mas foi a viagem da... é... inserção tecnológica, interesse... interesse!

Foto 10

Foto 11

Fonte: primeiro participante

Foto 10

Esse daqui também tem a ver... Taff Man Ex... com a questão,... é... bem antiga, porque é uma bebida da Yakult que eu gosto bastante. E lembro quando eu era, tipo, adolescente, virou uma onda na minha sala, que eu estudava, que essa bebida aí dava virilidade, a gente conseguiria... é... ficar mais viril! Enfim, e tem um monte de vitaminas, cara, mas... ah,... o treco é ruim mesmo, só que, quando eu tomava quando eu era adolescente, eu go... aprendi a gostar, então

eu tomo, e falei... gente, isso eu não... é o tipo de coisa, que eu não imagino uma mulher... com os amigos, bebendo alguma coisa para ser mais viril, pra ter mais poder sexual, sabe? ... isso é... muito homem, assim, sabe?

A bebida Taffman Ex traz para Danilo uma lembrança da adolescência, quando a relação entre a bebida e a masculinidade foi estabelecida. Para ele e os colegas adolescentes, a bebida traria virilidade, potência sexual, e isso fazia com que eles a bebessem apesar do sabor não ser tão agradável (ao menos a ele). Desde a adolescência esses rapazes, de certa forma, percebiam que virilidade não lhes era inata.

Em pesquisa no site da Yakult, sua marca, encontrei que se trata de um complemento de vitaminas indicado para “o homem (...) enfrentar o desgaste físico e mental”⁵⁵ do seu cotidiano. Porém, entre as perguntas frequentes do site, há essa: “O Taffman-Ex é só para homens?”⁵⁶, a que respondem negativamente. Mas então, por que interessaria à empresa criar esse entendimento?

Essa bebida me remeteu ao espinafre do Popeye⁵⁷. Aquele alimento que traz superpoderes do masculino – força, virilidade, a serviço da proteção da mulher frágil, Olívia Palito. Uma ideia fantástica acerca da aquisição da masculinidade ideal, e que vem de fora, é engolida, incorporada. Fantástica também na sua visão da mulher, aquela que poderia se fortalecer com o alimento mas, por alguma (des)razão, não o faz.

Foto 11

Eu vendo TV relaxado no domingo. Por que que eu coloquei essa foto? Com as perna pra cima, etc., ... porque foi um dia, essencialmente assim, é... não foi nesse domingo, acho que domingo passado, com uma série de problemas familiares, é... (...) um quiprocó todo familiar, e aí... pô, me abalo demais, pô, fiquei três meses parado no doutorado porque tava com esse problema, tal. Mas... eu consegui desligar e ver Faustão, e esquecer e dar risada com Vídeo Cassetada, entendeu? E vi minha esposa, por exemplo, a mulher, e aí sempre remetendo à mulher pra me identificar como homem, ainda... é... meio que presa ali no problema. Cara séria, brava, tal. Eu falei, nossa, e comecei a refletir, uma série de coisas, falei, nossa o homem consegue, ... rir de tanta besteira... o homem parece... a gente brinca que as mulheres são... às

⁵⁵ Recuperado de <http://www.yakult.com.br/Yakult/default.aspx?mn=220&c=232&s=0>. Acesso em 01/12/2016,

⁵⁶ Recuperado de <http://www.yakult.com.br/yakult/default.aspx?c=faq#iniciofaq>. Acesso em 05/04/2015

⁵⁷ Desenho animado que foi originalmente um quadrinho criado por Elzie Crisler Segar em 1929. Recuperado de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Popeye>. Acesso em 05/04/2015.

vezes, brinca não, mas ah não, fúteis, negócio de roupa, sapato, não sei o que, não sei o que lá, ... mas o homem, também, (...) Você consegue desligar da realidade, assim, com mais facilidade do que a mulher, é, aí eu comecei a pensar que... nós homens somos (risos) mais simpl... menos complexos que as mulheres.

Em mais uma foto temos o homem diante da TV. Porém, essa é a única foto em que seu corpo, ou parte dele, aparece. Com ela, Danilo fala sobre uma diferença entre o homem e a mulher em relação à capacidade de atenção a dois ou mais estímulos, assuntos, ou tarefas, diferença que, segundo ele, deve ser explicada por alguma causa biológica, algo do “córtex cerebral”. Essa foto não o remete ao passado, nem dele, nem da humanidade, do homem das cavernas. Nessa ele está presente. Pernas desnudas, cabeludas, masculinas, pés descalços. Um relato de descanso, distração. Esqueceu-se de um problema familiar, enquanto a mulher, ali perto, continuava a se preocupar. A ideia de uma masculinidade biológica parece autorizá-lo nessa diferença.

Foto 12

Fonte: Primeiro participante

_Aí também eu tirei uma foto do jornal de negócios do SEBRAE que chegou lá em casa, e, e, não por acaso, foi por acaso, mas... é... tem uma justificativa também. Embaixo da, do meu revisteiro tem uma Bíblia, ali. E acho que foi muito, muito interessante essa foto por que me remete a duas coisas bem estereotipadas... do homem, assim, é... Pelo menos quando eu era mais novo, na minha cabeça o homem era o cara que... de terno e gravata, que ia trabalhar, que ia cons... ia pegar o sustento da família, tal, e acho que isso habita ainda a cabeça de muitas famílias, de muita gente, assim, sabe, sobre o papel do homem na sociedade, o papel da mulher, eu não... lógico que eu não penso mais assim, hoje, tanto que lá em casa é bem

mais ou menos o oposto a isso (risos), mas... é.... esse jornal de negócios, eu quis falar um pouco sobre isso. É... do... E aí, eu folheando o jornal, eu comecei a reparar que sempre quando fala do... tinha lá uma matéria sobre dúvidas não-sei-o-que-lá? converse com o gestor da sua área. Aí tinha um desenho e era um homem de terno e gravata. (...) Falei, gente, então não é só na minha cabeça infantil que tem esse homem de gravata e terno, e ó que o meu pai nunca trabalhou de gravata e terno, terno e gravata, mas... é... enfim, esse papelzão do homem estereotipado. E embaixo, a bíblia, também, eu fiquei pensando em como... eu fiquei analisando (...) puta, é muito difícil ver uma pastora, eu nunca vi. Aí eu comecei a pensar na igreja católica, hm... ahm... não tem as lideranças femininas tanto quanto as masculinas.

Essas duas imagens estereotipadas do homem que Danilo apresenta são também imagens de homens com as quais ele diz não se identificar, e também parece não identificar com seu pai, ao menos em aparência. Porém essa é a imagem que parece ainda habitar a sua cabeça. São essas as imagens de homem que aparecem em suas fotos, e as contradições vão se mostrando a partir de sua fala. Pedi-lhe que fotografasse a sua experiência cotidiana de ser homem, e ele respondeu fotografando, basicamente, a experiência de ser homem de um homem que ele diz não se ser exatamente ele. Então por que será que Danilo não consegue fotografar imagens em que ele se veja, se reconheça? A seguir, trago trechos de outros momentos da entrevista que nos dão mais pistas para pensar nessa questão.

Análise do caso

As fotografias de Danilo, de um modo geral, trazem ângulos bem fechados, mesmo quando ele está em espaços amplos, como a rua. Muitos dos elementos que ele foca estão cortados, como o jornal, o Taff Man-ex, a pixação no poste. Algo fica de fora. A maioria das imagens ele capturou andando pelas ruas, como que observando cenas alheias, sem querer ser visto. Nas cenas de casa ele se colocou de forma mais direta, usando elementos próprios, e aparecendo fisicamente em uma delas, mas também cortado pelo enquadramento; um aparecer que esconde.

Podemos perceber que ao longo da entrevista ele usa sexo e gênero como sinônimos. Quando fala em homem, quase sempre está falando sobre o masculino, embora algumas vezes atribua “mais” masculinidade a certos tipos de homem, como os que descreve “das cavernas”. Vemos também na sua fala uma oposição clara entre homem e mulher: agressivo/ assustador x pouco capaz de assustar; forte x fraca; desorganizado x organizada. O homem (ao menos muitos deles) carrega essas características desde as cavernas, e a mulher evoluiu, na sua

opinião. Mas ele não diz como seria a “mulher das cavernas”, nem mesmo menciona a mulher do passado. Conta posteriormente que tem grande convivência com mulheres: irmãs, esposa, amigas. Demonstra admiração pela mulher, e idealização.

“Nossa, eu não consegui ver nenhum elemento que me faz ser homem, e sempre do passado, até do meu passado, do passado da humanidade”. Essa fala diz sobre o caminho pelo qual Danilo percorreu para tentar responder à pergunta da pesquisa. Ele tinha a expectativa de que alguns elementos pudessem lhe trazer a resposta, a maioria de suas fotos traz objetos, mas não os encontrou, mesmo quando buscava tão longe, no passado da humanidade.

Tentando chegar mais perto de uma imagem do homem Danilo, percebemos que sua própria experiência é aquela que aparece nas ressalvas. Há uma repetição frequente na sua fala: primeiro ele apresenta elementos do masculino: o carro, a cerveja, o futebol, a revista de mulher nua, e posteriormente, se coloca numa posição um pouco diferente do homem a que se referia: não sou tão fã, não bebo tanto, não sou mais fanático, hoje nem sei se vende. Nas suas palavras: *“consegui mais retratar o homem como um... modo geral, do que eu me... minha vida como homem.”* Quando reflete sobre ele, e o que o distancia desse homem “geral”, Danilo preenche esse espaço com os termos “mulher”, “não homem” e “gay”. Seguem as falas:

“_Talvez, por eu entender que eu não tô... é... o meu papel como homem não é tão estereotipado, é... (risos)... acho que eu sou meio mulher, assim, no relacionamento também, sabe? Tipo, eu tomo menos cerveja que a minha esposa, sabe? Ela torce mais pra futebol do que eu... Então...aí eu falei, pô... vou me retratar e não vou conseguir retratar o homem, mesmo. Pode ser besteira minha, mas eu não consegui. E acabei caindo nos estereótipos.”

Posteriormente:

“_Eu tive dificuldade em... me retratar pessoalmente como homem. É... muita dificuldade. É... (risos)... Será que eu não sou homem?”

E no final da entrevista:

“_Acho que se eu fosse um pouco mais machista eu ia entrar numa crise de... Será que eu sou gay?”

Tais construções, como Danilo mesmo aponta, mostram estereotipia e rigidez para cada uma das três categorias citadas: homem, mulher e gay. O que complica ainda mais essa equação é que ela é regida por uma lógica heteronormativa, lógica que, para a sua manutenção, exige atuação da função da crença – aquela que faz os ajustes entre identidade e realidade, já que o inconsciente não é regido por ela. Por conta disso, Danilo não consegue transitar de forma fluida entre representações daquelas três identidades, sem a necessidade de demarcá-las. Para

ele, ser uma delas (homem, por exemplo) parece implicar em não ser outra delas (gay ou mulher).

Ao mesmo tempo, ele só pode se questionar se é “meio mulher”, ou gay, porque não se identifica plenamente com o homem completamente machista. Se fosse “mais machista”, ou se tivesse uma identidade extremamente rígida, uma maneira de se apresentar e se relacionar idem, poderia, como afirmou, entrar em crise. Uma crise nesse campo poderia ser a de uma homofobia com práticas de violência contra gays, uma impotência sexual, bater na esposa, dentre outras várias possibilidades. Mas “será que eu sou gay?” e “será que eu não sou homem?” pressupõem dúvida, mesmo que só apareça sob o tom de brincadeira; e a dúvida é benéfica. Da mesma forma que fala das representações do homem das cavernas, mas não se reconhece nessa identidade, ele também passa por representações da mulher e do gay (que se pensarmos em gênero, o gay está geralmente relacionado ao feminino) sem se colar. Ele justifica:

“_Eu não sei se eu sempre tive uma proximidade com as artes, e isso gera, sei lá, algum tipo de sensibilidade, e que me aproxima um pouco mais do comportamento feminino, não sei. Eu não sei. Eu não consegui explicar, e é... isso. Também achei bom!. É... eu achei que foi... não é querendo me achar, mas acho que quanto mais próximo das mulheres, mais evoluído você tá (risos). Acho que mais sensível pelo menos.”

As representações do masculino que Danilo encontrou são vestes que não lhe foram feitas sob medida. Algumas lhe servem, mas estão desajustadas, como roupas que herdamos de parentes mais velhos. Ele se vê com outras roupagens que são reconhecidas por ele – por serem assim na sociedade em que ele habita – como vestes de mulheres ou gays.

Por fim, Danilo percebe um ponto central da construção de sua identidade (como também na de todos nós):

“_Aí eu comecei a pensar também que tudo na vida, a gente só consegue se entender se tiver o outro. Então... se sim, o homem precisa da mulher pra se entender como homem, e a mulher precisa do homem pra se entender como mulher. É... e eu acho que sim, porque pelo menos eu precisei pensar na mulher pra tirar as fotos pra me entender como homem o tempo todo, né?”

E corrobora com um dos nossos argumentos:

“_E comecei a refletir também o como a gente acaba... a mulher, se emancipando, tendo cada vez mais liberdade, etc., e acho que impacta o homem porque ele se entende como homem olhando pra mulher. E quando a mulher muda,... eu comecei a pensar que... a gente não consegue entender a gente mesmo, (risos). Eu falei, caramba, que coisa louca, eu só consigo entender a mim olhando o diferente.”

A emancipação da mulher impacta o homem porque abala o contraponto que lhe dá a dimensão do diferente. A mulher emancipada está mais próxima, mais semelhante a ele. E ele a ela, portanto. Entre as representações consideradas do masculino e do feminino, ao se definir homem, Danilo recorre a uma série de vírgulas e “poréns”: “sou isso, mas não muito; sou aquilo, mas nem tanto”. No espaço dessas vírgulas, nos ajustes e trocas dessas vestes, Danilo nos apresenta como se veste de homem com a falta de representações mais ajustadas ao seu desejo e ao seu tempo, que não é mais das cavernas, mas guarda certo primitivismo.

4.3- Lucas

Lucas tem 34 anos, é empresário, casado, pardo, sem filhos. Sua esposa tem a mesma idade e é analista financeira. A primeira coisa que me chamou a atenção sobre nos nossos encontros foi que fazíamos acordos previamente, e esses acordos sempre mudavam. Por exemplo: marcamos o primeiro encontro no seu escritório. Cheguei no horário combinado e ele não estava. Chegou depois, se desculpou, e me levou para o estacionamento e seu carro, dizendo que estava com pouco tempo para sair dali, pois era o dia de rodizio. Eu me senti incomodada, pois ele foi me explicando e conduzindo, ao mesmo tempo, mas topei ir com ele até sua casa, onde ele guardaria o carro e teria um tempo antes de ir ao próximo trabalho, perto de lá.

No hall de seu prédio conseguimos conversar com tranquilidade. Mas eu não entendia por que, sabendo que aquele horário e local eram inviáveis, ele não sugeriu outra opção previamente. Naquele momento eu expliquei a pesquisa e pedi as 12 fotos. Ele assinou o TCLE, eu deixei com ele uma cópia, a qual recusou. Marcamos o segundo encontro.

Tivemos outros contratempos nos encontros seguintes. Um deles, porque ele não me passou a tempo o endereço completo da universidade onde nos encontraríamos, e tivemos que reagendar, e depois, porque quando nos encontramos, ele tinha apenas 3 ou 4 fotos para me mostrar. Eu disse que precisava das 12, e quis marcar para outro dia a entrevista. Ele falou que me entendia, mas começou a falar sobre as fotos que tinha, mesmo eu insistindo que esperasse até o próximo encontro. E nesse momento ele diz que vê a masculinidade como uma dança, onde o homem conduz. E diz: “não de um jeito machista, é claro que a mulher tem que topar a dança”. Eu senti que ele se colocava a assumir a condução daquele processo comigo o tempo todo, e isso era bastante desconfortável, ao mesmo tempo em que me deixou curiosa sobre o que mais ele teria para apresentar. Enfim, marcamos o encontro seguinte, quando ele chega não com 12, mas 16 fotos!

Foto 1

Fonte: segundo participante

_(...) numa foto só você vê três telas aqui, e mais um monte de telas no fundo da parede, e as pessoas todas focadas nessa tela aqui, né, eu acho interessante porque ... mostra um aspecto... que eu vejo de muita masculinidade, assim, que é essa coisa de, de... ir pra rua buscar um cliente, ir pra rua buscar um negócio, uma oportunidade, ... uma ideia, um projeto, ou qualquer coisa. Ou nada. Você vai caçar o peixe e não acha nada. Fico imaginando como que era no Paleolítico, mesmo, quando a gente tinha que caçar, e você saía pra caçar alguma coisa e cê não achava nada.

_hm

_E no fundo é um pouco isso que a gente tá fazendo hoje. Essa é a versão moderna da caça. (...) Essas apresentações, e... ideias, problemas, que a gente ouve, escuta, e que a gente tem que tá lá o tempo todo com soluções. A pessoa chega pra gente com um monte de problemas e a gente traz soluções. O que... de certa forma não deve ser muito diferente da sua profissão. De certa forma... nesse aspecto não, claro, é diferente porque você tá lidando com vidas, mas... não é diferente assim, a lógica, porque, você chega, é... bem intencionado, querendo trazer uma ...algo que vai resolver um problema sério, que causa transtornos, pro cliente, muitas vezes, e você chega com, pra pra... provar que aquilo é viável, a forma que se conhece hoje é sentar numa mesa e mostrar a apresentação. Que eu acho que não é a melhor forma do mundo, mas, é o que a gente criou.

A primeira associação que ele faz sobre essa foto e a masculinidade, depois de descrever a quantidade de telas e dizer que todos focavam numa tela, é “ir pra rua pra buscar cliente”, o

que eu estranho. Penso que aquele momento registrado pela foto não capta a masculinidade, mas uma preparação para essa, que será exercida/ performatizada lá fora, na “caça moderna” como ele a chama, em referência à caça no “Paleolítico”. É a segunda entrevista e a segunda referência à masculinidade ancestral. Em seguida, ele fala da dificuldade que é esse trabalho do homem, visto que ele pode sair e voltar sem nada, o que une os tempos modernos aos antigos, algo que não mudou na vida do homem após séculos. E eu penso que ele também pode ter dificuldades em encontrar essa referência de masculinidade lá fora e trazê-la consigo.

Lucas diz que os clientes chegam com problemas e eles tem as soluções, e faz em seguida uma relação com minha profissão, dizendo que “não deve ser tão diferente” para mim. Então se eu tenho outra profissão, e sou mulher – e percebo no decorrer da entrevista como ele une sexo a gênero – então, essa questão que antes ele relaciona com masculinidade não é só do homem? Mulheres oferecem soluções também? Elas também caçam? Sua fala segue confusa, no sentido que fica difícil distinguir se ele segue falando de mim ou dele, do meu, ou do seu trabalho. De certa forma, Lucas pode ter me colocado ali como quem, com “boa intenção”, oferece uma solução para “um problema sério”, um “transtorno”, ou mesmo para provar que aquilo (masculinidade?) é “viável”. Me chama a atenção quando ele diferencia o nosso trabalho com a premissa de que eu lido com “vidas”. E me pergunto, ele, não? Que vida há nos meus clientes/ pacientes/ entrevistados e não há nos seus clientes/ colegas?

Foto 2

Fonte: segundo participante

_Bom... essa foto, mais uma foto, pra você ver, só homem, né? Um monte de homem. Eu tenho três fotos, três, quatro fotos sobre esse tema, coloquei muitas fotos sobre esse tema em parte porque... faz parte da minha vida, muito. Como você falou, tire foto do que faça parte da sua vida e que tenha a ver com masculinidade.

_ Isso.

_ Isso tem muito a ver com minha vida. Eu faço isso toda semana.

_ O que que é isso?

_ Isso é maçonaria. Isso é uma foto com vários membros de uma loja, não é a minha loja, isso aqui é a loja de um dos grandes amigos meus, e foi um dia que eu fui dar uma palestra nessa loja, pra esse grupo de maçons. É,... Bom, maçonaria é pura masculinidade, historicamente, a gente sabe, só homens. Ela é baseada...numa... num grupo de construtores, quer dizer... existe muita lenda sobre maçonaria, mas o que ela é? Por que que ela nasceu? E por que que tem só homens? Porque ela traz naturalmente, não só lá atrás, como hoje, isso, alguns lugares do mundo mudou, só, pedreiros, construtores, são homens... todos homens! E... essa tradição, de juntar essas, esses pedreiros em escolas de engenheiros e arquitetos, remonta desde do, da construção dos antigos templos da humanidade, desde o Antigo Egito até hoje.

_ Hm, eu não sabia dessa origem.

_É. (...) E a maçonaria de uns tempos... do século 18 por exemplo, de 1717 até hoje, ela deixou de ser uma escola de pedreiros e engenheiros, e passou a ser uma entidade (...) Então o objetivo era transformar o que a gente chama de maçonaria operativa, que era maçonaria de pedreiros e engenheiros, numa ordem de pessoas livres que eram capazes de ensinar `as pessoas tudo aquilo que a ordem tinha aprendido ao longo dos anos (...) E a maçonaria, e especialmente essa foto aqui que eu tirei, eu quero chamar a atenção, eu to aqui do lado do venerável, né, o venerável, o que a gente chama de venerável é o mestre da loja da ocasião, que é esse rapaz aqui, esse (diz o nome). É o nome dele. Esse camarada aqui, ele é muito famoso, no meio nerd, principalmente, ... ele também é muito famoso no meio digamos assim, filosófico, de ocultismo, exotérico, tudo mais (...)e ele é uma pessoa que ...sem dúvida, sempre respeitei bastante na maçonaria, que é uma pessoa muito conhecedora, não só dos mistérios desse lado do mundo, como do outro lado do mundo, talvez, e tudo mais.

_hm

_coloquei ele ai, em parte, talvez, porque é,... representando...essa foto em especial, porque foi justamente o momento de intercambio, de conhecimento, porque eu fui dar uma palestra pra essa loja, de um assunto que eles não conhecem.

“Você vê: só homem! Um monte de homem!”, *“Maçonaria é pura masculinidade!”*. Eu vejo homens, mas penso que Lucas gostaria que eu visse a masculinidade que ele vê intrínseca àqueles homens. Ele liga gênero ao sexo, e é como se isso dissesse tudo, ou o suficiente.

“Isso faz parte da minha vida, muito! Eu faço isso toda semana”. Entendo que o que Lucas diz com isso é: “Isso é ser homem, e eu sou homem. Sou um homem na foto ao lado de outros homens, nos reconhecemos enquanto homens pois fazemos parte de um grupo que só aceita homens aqui.” E por que esse grupo é de homens, apenas? Porque começou com pedreiros, construtores, e isso – salvo exceções em alguns lugares do mundo, não ali – justifica que não haja mulheres, afinal, são trabalhos de homens. E se não há mulher, não há feminilidade. Esse grupo tem objetivo de trocar conhecimento, informação. Antes, operacionais, agora, filosóficos, científicos, técnicos. Nessa nova ordem de conhecimentos, intelectuais, vamos dizer, no lugar de operacionais, ainda justificaria que fosse um grupo de homens, apenas? A palavra que vem justificar essa permanência, no seu discurso, é tradição. Tradição, nesse ponto, parece ser mais forte que lógica, razão.

Falando sobre essa foto, ele destaca outro ponto: estar ao lado do venerável. Por mais que a Maçonaria tenha como princípio a igualdade, rejeitando hierarquias - segundo o que ele me disse, o venerável tem posição de liderança, representação do grupo e prestígio. Assim, na foto, Lucas destaca a sua posição: ao lado desse que possui uma posição importante. Esses lugares parecem sinalizar para Lucas uma semelhança, assim como o estar junto dos homens faz dele um homem. Além de ele estar ao lado do venerável, quem ele tanto admira por seus conhecimentos e feitos, ele também destaca o fato de que foi convidado para dar uma palestra para esse grupo, sobre tema em que ele é forte, e o grupo, fraco. E esse é o intercâmbio que acontece ali: uma troca de posições prestigiadas, sustentadas num chão seguro de ser homem.

Foto 3

Foto 4

Fonte: segundo participante

Foto 3

_Essa foto aqui representa bastante masculinidade pra mim. (...) Porque que eu gosto muito do Batman? Porque o Batman, ele é um humano. Coisa que mais me fascina do Batman é que ele é um super-herói sem poderes. (...) Qual que é o poder do Batman? Nenhum. O poder do Batman é só usar a cabeça dele. Claro, tem pessoas ao redor que ajudam, que tenham grandes conhecimentos. Ajuda muito ter uma cabeça de um inventor, uma cabeça de empreendedor, uma cabeça de, capaz de criar coisas novas para poder resolver problemas, e o principal: não ter medo. Não ter medo de nada, não demonstrar medo de nada, é... e criar o personagem, que na verdade o Batman é o real, né, o personagem é o Bruce Wayne.

(...) _ Você acha que ele... Primeiro você falou: “não tem medo”, depois falou... “não demonstra.” Você acha que ele não tem, ou não demonstra?

_Não... É a mesma coisa.

_É?

_Pra mim é a mesma coisa.

_hm

_Na verdade, talvez você não ter medo é você só não demonstrar, porque na verdade você sempre tem medo. Acho que a única pessoa que não tem medo é o psicopata.

_uhum

_(...) Mas... o Batman, eu acredito que sim, é claro que ele tenha medo, mas... ele não demonstra medo quando ele põe a roupa dele lá e vai enfrentar o crime e tudo mais, e ele não vai demonstrar o medo diante do personagem.

_(...). E aí você vê, é... o quanto é complicado essa questão dos poderes, porque as vezes você acha que o poder que resolve, não, mas tem um lado psicológico enorme que você tem que ter, que....hm... que é controlar o medo, não demonstrar o medo, que eu tava dizendo, é....e tentar direcionar os seus impulsos para você conseguir realizar os seus objetivos. Todo ser humano, e você sabe disso muito bem, nós temos adrenalina, então numa situação de perigo, nosso corpo automaticamente se enche de adrenalina, nos preparando para duas coisas: ou correr, ou lutar.

_hm

_ne? é...você tem que fazer uma dessas duas coisas. Cê tem que ter essa visão de fazer uma dessas duas coisas. E 90% das vezes as pessoas vão correr. Os que lutam são muito poucos, e eu admiro os que lutam.

O fascínio de Lucas pelo super-herói humano sem superpoderes me remete ao fascínio que ele também demonstra pelo venerável, e por outros homens que ele apresenta em seguida. Essa lógica de transformar uma qualidade humana em uma super qualidade, distinguindo aquele humano dos demais, os comuns, aparece com frequência no seu discurso. Como no caso do venerável, que é apresentado como alguém conhecedor dos mistérios desse mundo, como dos do “outro lado do mundo, e tudo mais”. Ele não só apresenta Batman como um super-herói humano, como conta que conhece humanos super-heróis, cujos poderes estão dentro de suas cabeças. Usa bastante o termo “incrível”, e às vezes me parece mesmo difícil crer em todo aquele conjunto de qualidades. Essas formas de hierarquização entre os homens nos remete a um dos pressupostos históricos da virilidade trazidas no capítulo 2, ainda mais por serem posições de superioridade reconhecidas e exaltadas entre os homens.

Quando o interpelo sobre ter medo ou demonstrá-lo, ele nega uma diferenciação, veementemente. Depois muda o discurso para diferenciar as duas coisas, tirando dos humanos, como também do herói-humano Batman, a possibilidade de não sentir medo. Penso na segurança e firmeza que ele demonstra nas suas respostas para mim, em todo seu discurso sobre masculinidade. Para mim, ele não pode demonstrar inseguranças. E isso faz parte da sua maneira de ser homem/ ser masculino diante de mim.

Foto 4

_Essa foto aqui também me lembra bastante masculinidade. Essa aqui é uma estátua gigaaante. Linda essa foto. Tirei essa foto lá em San Diego (...) Representa uma foto histórica, que foi quando a Segunda Guerra foi anunciada, o fim da Segunda Guerra Mundial, e isso foi em Nova York, tinha uma passeata lá, e um marinheiro foi e pegou uma moça lá no meio da rua e deu um beijo e um fotógrafo tirou aquela foto, e aquela foto foi pro mundo inteiro.

_hm

_E eles immortalizaram aquela foto nessa estátua. É,... bom. Porque masculinidade? Por tudo. Né... pelo beijo, pela forma como tá o beijo, é... por representar paz, é... porque o homem tá associado a guerra, no sentido de ser um soldado e de ir lá e matar as pessoas.

_uhum

_Mas você pegou um marinheiro, uma pessoa que faz parte desse aparato todo de guerra, simbolizando a paz. Quer dizer, eu acho isso incrível, quer dizer que o homem tá aqui pra lembrar que o homem não necessariamente simboliza só a guerra. Que não simboliza só a...aquela vontade de, de, dominar o outro, de... enfim, de dominar de uma forma assim, claro, porque cê vê que ele tá dominando a menina.

_(risos) É.

_Mas dominar no sentido de dominar fisicamente, com armas, enfim, de ser um poder mesmo, em cima de outra pessoa, que eu considero horrível. Eu sou uma pessoa que tem uma alma libertária, então acho que as pessoas têm que fazer o que elas quiserem. Ah, não pode fumar, não pode beber, bom, acho isso ridículo. (...) a lei da felicidade se presume a liberdade. E essa liberdade dele de fazer isso, mesmo vestido lá, numa parada militar, de chegar e dar um beijo numa mulher assim no meio do nada, isso é liberdade. Né, você fugir das suas próprias regras, dos seus comandantes, tá todo mundo ali te olhando, e você do nada vai e beija alguém, né... Era uma enfermeira também do exército, mas cê vai lá do nada, e os dois que teoricamente tinham que cumprir aqueles monte de regras estáticas e de repente fazer isso no meio da rua, é incrível, e também pra mostrar o quanto o momento contagia as pessoas, né.

Nessa foto, segundo Lucas, há um homem que, vindo da guerra, age com liberdade, foge às regras sociais e suas, e beija uma mulher (“menina”) dominando-a, num ato que simboliza paz. Escuto uma fala cheia de contradições: liberdade e dominação; guerra e paz – todos esses representando masculinidade ali, para ele. Quando ele fala de liberdade, quem a tem é o homem.

Quando ouvi a gravação, estranhei por que eu ri quando ele falou da dominação do marinheiro sobre a enfermeira. Percebi uma risada nervosa. Uma necessidade de levar na brincadeira, aliviar o meu incômodo (que para além de se relacionar com o que estava sendo dito, também era por conhecer o relato da enfermeira sobre a cena, em que conta que não autorizou/quis aquele beijo), para seguir ouvindo.

Lucas retira da cena o peso da dominação do homem sobre a mulher, dizendo que “poder mesmo” seria aquele do “domínio físico”, “com armas”, e dá a ela um aspecto de beijo hollywoodiano, aqueles que vemos em finais de filmes de guerra. O homem, soldado, é protagonista da cena, e a mulher, aquela que foi beijada, sujeita a ação do homem. Como na dança que, segundo Lucas, é conduzida pelo homem, resta a mulher topar. Só que nesse caso, ela não teve a chance de escolher.

Em 2012 foi divulgada uma entrevista com a enfermeira Greta Zimmer Friedman, que foi beijada pelo marinheiro George Mendonsa, e ela revelou que não consentiu o beijo, foi pega de surpresa e tomada com força⁵⁸. O marinheiro disse que estava feliz de saber do fim da Segunda Guerra e, como tinha bebido, saiu para comemorar e acabou beijando algumas mulheres, não como um ato de romantismo, mas de “comemoração”. O fotógrafo percebeu claramente de que não se tratava de um ato romântico, como disse em entrevista. Porém, essa foi a versão que prevaleceu na história⁵⁹. É interessante comparar a imagem da estátua com a foto original, em que a mulher apresenta tônus muscular bem diferente daquela replicada pelo artista Seward Johnson. A estátua representa a mulher de forma mais entregue, solta. Tira dela a resistência. Lucas reproduz isso: ameniza a dominação, romantiza a cena – transmite *his-story*⁶⁰.

⁵⁸ Relato Recuperado de <http://www.cbsnews.com/news/sailor-nurse-from-iconic-vj-day-photo-reunited/>. Acesso em 24/03/2017

⁵⁹ O título do artigo norte-americano é interessante: “*The Not-So-Romantic Story Behind the Famous Times Square Kiss*”. Fonte: <http://nowiknow.com/the-not-so-romantic-story-behind-the-famous-times-square-kiss/>

⁶⁰ Stephen Frosh (1994) divide a palavra para lembrar que grande parte da história humana é contada por homens. (*his* = dele)

Foto 5

Foto 6

Fonte: segundo participante

Foto 5

_ Daí minha mãe... a gente foi lá na passeata, no movimento. E aí a gente tava lá, e eu presenciei essa cena incrível de ver. Também muitas pessoas, pais de família, homens, mulheres, lá, todas com uma ideia em comum, e tem um pouco a ver com aquela outra imagem do soldado. Por que? Porque, aqui, pra você ver, essa foto é legal, não tem só homens aqui, tem mulheres também, mas... por que que eu acho interessante, por que que eu acho que tem a ver com a questão da masculinidade? Aqui no caso tem a ver comigo, né. É... muita gente teve que ter coragem de ir pra rua nesse dia. De fato se tivesse pra ocorrer algum problema, do jeito que tava entuchado de gente aqui, nessa foto dá pra sentir, muito próximo das pessoas. seria, poderia ser uma tragédia, é uma quantidade de gente muito próxima uma da outra, potencial de confusão, sair correndo e pisotear as pessoas, isso é muito grande. E eu achei que eu precisava ter coragem pra ir. Muita gente falou comigo que não iria porque tava com medo de ir, enfim, bombas, gás lacrimogênio, etc, etc.

_hm

_ Minha mãe é uma das pessoas que estava com medo, e eu falei pra ela: não tenho medo não, até mesmo porque ano passado eu tava dando treinamento na Paulista, aconteceu aquela

confusão danada, bomba, gás lacrimogênio, eu saí no meio das bombas lá, e fui embora, nem encanei com nada, falei, ah, se é assim, eu posso sobreviver.

_uhum

_Falei, eu não tenho medo, e falei: vamos! E cheguei lá vi muita gente sem medo de fazer essa organização e essa manifestação. É... eu coloquei minha mãe ai porque, eu sou filho único, né, minha mãe, é, foi uma grande formadora da minha masculinidade, eu diria, ela sempre me estimulou muito pra... pra estudar, pra ser criativo, pra ser inovador, coisas que ela não é.

_hm

_Ela não é inovadora, não é criativa, não é empreendedora, não é nada, pouco empreendedora ela talvez seja, porque ela já foi corretora de imóveis, um pouco arriscado, mas... muito pouco, ela é uma pessoa que se arriscou muito pouco na vida, trabalhou no banco público durante muito tempo, foi concursada, e tal, e... Hoje eu tenho aversão a concurso por causa, tipo, por causa da vida dela, ela viveu a vida inteira num lugar que você não tinha a menor perspectiva de ter uma evolução de carreira, ou salarial, ou de responsabilidades, podia ficar a vida inteira fazendo o mesmo cargo que ninguém ia se incomodar.

No início, Lucas procura explicar onde vê masculinidade na foto. Conta que vê homens e mulheres, também, e assim, parece que a masculinidade não está ali estampada facilmente, como na foto dos maçons. Traz a coragem para a cena, outra vez, depois diz que a foto tem a ver consigo: com sua coragem. Foi preciso coragem para ir para a rua e enfrentar seus riscos. Quais riscos? O que havia ali na manifestação de perigoso? Risco de ser pisoteado, de inalar gás lacrimogênio. Mas ele não tem esse medo. (Ou não demonstra?) Já passou por esse capítulo, enfrentou o temido gás, não se abalou.

Melanie Klein disse que a idealização é "o corolário do medo persecutório" (1946, p. 168). Pensamos na hipótese de que medo a que Lucas se refere pode estar associado a uma defesa contra uma ameaça à sua identidade masculina. A multidão, as pessoas ou os espaços públicos poderiam atropelar suas representações masculinas, por exemplo, no caso de perceber que ele tem medos. Mas ali ele tinha uma âncora, um amparo identitário que o protegeu: sua mãe, e as representações não-masculinas que lhe apresentou: não-inovadora, não-criativa, não-empreendedora. Ela não ousou. Mas o encorajou a encontrar caminhos para buscar essas qualidades fora de casa, mas não nas ruas, não em ambientes públicos: nas aulas de inglês, no karatê, no violão. Espaços delimitados de transmissão do conhecimento. Ela ficou parada no serviço público, que lhe privou. Já ele transitou pelos espaços públicos até espaços privados

onde pudesse encontrar homens que lhe espelhassem a masculinidade. Esse espaço de trânsito parece lhe exigir coragem, trazer alguma ameaça.

Foto 6

_Outra foto que eu coloquei, de masculinidade, que... é histórica também, que, é desse rapaz aqui, que é, nada mais, nada menos que Thomas Jefferson. (...) descobri um homem fascinante, claro, cara que é ex-presidente dos Estados Unidos, bem isso já é fascinante. Mas se fosse só isso, né, já seria fascinante, mas não é só isso. Esse cara é um dos caras, eu não sabia disso, sinceramente eu não tinha a menor ideia, mas é um dos grandes gênios da humanidade. É um cara que na sala dele, é... que ele viveu no final de 1700 (...) e já nessa época ele já tinha um mapa do Brasil na sala dele, sendo que, assim, naquela época o Brasil mal se chamava Brasil.

_hm

_Né, então, é, é um cara que, século XVIII, registrava todos os dados meteorológicos com maior calma do mundo, paciência do mundo, pra poder prever como seriam as lavouras dele, na fazenda dele. É um cara que inventava um monte de coisas, então, inventou até um aparelho pra ele poder escrever a mão uma carta, e o aparelho já fazia cópia automaticamente do lado, conforme ele escreve. É... assim, não só isso, ele inventou formas de processar leite, processar iogurte, de fazer massa, de fazer...é...queijos,...é...

_Muitos interesses diferentes

_Incrível, incrível, uma pessoa incrível, uma pessoa que tinha uma visão.... completa. (...) ele foi o fundador da, ele foi um dos assinadores, uma das pessoas que assinou a declaração da independência, ele foi, na verdade dizem que ele foi O principal ator, né, ele escreveu a versão, depois das pessoas só fizeram pequenas alterações. Ele foi, é...assim, é incrível a quantidade de coisas que ele fez. Ele foi o fundador da Universidade de Virgínia, uma das universidades mais antigas, tradicionais, históricas, dos Estados Unidos, e uma das melhores também . Ele foi presidente dos Estados Unidos, ele foi ministro, foi secretário, foi tudo. (...) E eu gosto das pessoas, é que tenham muitos interesses, faz parte da minha história de vida, eu tenho muitos interesses, toco música, danço, já cantei, já... tenho coisas de informática, dou aula, gosto de botânica, de plantar coisa, gosto de bichos, eu tenho mon.. , tenho muitos interesses também, e quando eu descubro que não sou só eu que tenho esse vírus de ter vários interesses em várias coisas diferentes eu fico fascinado com esses personagens. E...Thomas Jefferson (...) ele construiu uma janela antirruído na casa dele, porque depois que ele tinha presidente tinha todo dia alguém batendo na porta da casa dele pra pedir coisa. Então ele recebia visita, ele não conseguia, porque era muito barulho, ele criou janelas antirruído pras pessoas gritarem

lá fora (risos) e não incomodarem ele. É, assim, impressionante o que esse cara fez. E ... uma pessoa contraditória, também, porque ele era uma pessoa que ao mesmo tempo que ele tinha todas essas histórias, ele também, ele tinha fazenda, e tinha escravos na fazenda. É, defendeu, assinou a declaração da independência, ao mesmo tempo ele tinha escravo. é...ele tinha, teve filhos bastardos, né, enfim, era uma pessoa, um ser humano, absolutamente normal, eu diria, até com poucas contradições assim, tinha esse fato da escravidão, que depõe contra ele, mas no fim das contas ele era realmente uma pessoa fantástica, incrível, é...e mesmo essa questão de escravidão, as poucas pessoas que ele teoricamente escravizava, viviam muito bem, tanto que muitos , ehh, tinha até história de negros que fugiam, que ele colocava na fazenda dele, que os caras agradeciam graças a Deus , porque lá eles trabalhavam mesmo, inclusive até, diz a lenda que ele até pagava salário para os negros, que já era uma coisa assim, que ninguém fazia. então ele tinha um lado negativo, que é essa coisa da escravidão, mas mesmo assim, um gênio, uma pessoa fascinante. Me chamou muito a atenção.

Lucas nos apresenta outro grande homem: Thomas Jefferson. O ex-presidente apresentado por Lucas é alguém espelho, através do qual ele apresenta a si, alguém de interesses diversos, múltiplos, e também com suas contradições. Os possíveis erros que depõem contra ele, mesmo tão graves e contraditórios quanto ter escravos enquanto se defende a independência, são pequenos e pouco importam perto de sua genialidade e grandiosidade. O ex-presidente era aquele que tinha uma “visão completa”: para onde os olhos não alcançavam, ele dispunha de mapas e lunetas. Mas o que ele via? O que Lucas viu em Jefferson? Será que foi o mesmo que rendeu ao ex-presidente um busto, ou seria o poder de suas lentes de transformar homens humanos em super-heróis? Percebo que fui sendo conduzida ao fascínio, quando noto minhas reações, e penso que elas se deram não pelo conteúdo, mas pelo tom, pelas exclamações, o entusiasmo de Lucas.

Foto 7

Foto 8

Fonte: segundo participante

Foto 7

“_Falando de gênio, esse outro camarada aqui é um gênio, não é muito conhecido no Brasil, ele é muito alto, é... ele chama-se (diz o nome). Esse é um dos principais cientistas de dado do mundo. (...) e... porque que eu acho que ele representa, assim, a masculinidade? Ele tá aqui pra representar o setor de TI como um todo, que é um setor, assim, muito masculino. Extremamente masculino. Eu acho isso errado, eu acho que deveria ter mais mulher, é... Não vejo porque que as mulheres não seriam capacitadas pra isso, mas culturalmente se tem uma tendência já histórica de associar as mulheres à humanas e biológicas e os homens às exatas e às vezes biológicas, mas, é assim que divide. Por que? Não sei. Eu acho um equívoco. O que eu vejo das mulheres, que é muito claro pra mim, que todas elas tem um ótimo senso de lógica, e na área de TI uma das coisas que você mais precisa é de lógica.

_hm

_(...)Grande parte dos inovadores dessa empresa são todos homens, com exceção hoje do... de algumas executivas famosas, por exemplo, (cita três nomes), não se conhece muitos e muitos grandes executivos dessa área, que sejam mulheres, de topo.

_hm

_Muitas subalternas, nesse caso. E mesmo essas pessoas, essas mulheres, que estão no topo, elas não são... inovadoras, elas são boas gestoras, elas não são inovadoras, não são criativas, em termos de gestão. Não acho que isso seja porque as mulheres são assim. Vamo pegar um exemplo lá da Marie Currie, (...) Demonstra que não é verdade isso, que as mulheres não querem ser cientistas, que as mulheres não querem experimentar, isso não é verdade.

_uhum

_A verdade é realmente que, algo que pode ser mudado, mas que também depende um pouco da própria vontade de algumas mulheres de fazer isso, eu acho que tem esse aspecto. Eu não acho que seja masculino isso, não acho que seja um... uma mulher com masculinidade que esteja fazendo isso, não acho que exija isso. Muito embora gente muito na área de TI existam muitas mulheres lésbicas.

_hm

_Mas eu o... não encaro isso como uma ... uma coincidência, ou... um fato da natureza. É que realmente o mundo de ... tecnologia, é masculino, e a, as mulheres que tendem a se aproximar desse mundo tendem a ser mulheres com alguns aspectos masculinizados. Mas isso não é regra a Marrie Currie, mesmo, era casada, super bem casada, o marido dela, que também era cientista. Então eu acho que não tem muito a ver com isso não, tem a ver mesmo com a questão de cultura, educação, talvez a educação mesmo da infância, em que você dá o laboratório de brinquedo para o menino, e pra menina você dá a casa de boneca. (...) eu acho que isso é um erro clássico.”

Lucas entende como uma construção cultural a ausência de representatividade de mulheres (e logo, de feminilidade) na sua área profissional (tecnologia/ informática). Romper com essa cultura seria uma tarefa para elas, se tiverem vontade.

Nos casos das mulheres que seguem a carreira, parece haver uma diferenciação, para o entrevistado, entre elas e as demais mulheres: algum aspecto masculinizado, como por exemplo, ser lésbica. Seria o desejo sexual pela mulher próprio do homem? Dentre os outros exemplos que traz, há uma exceção: a de uma mulher feminina em posição prestigiada na área. Entretanto, ele associa essa feminilidade ao fato da mulher ser “muito bem casada”. É a presença e permanência do marido ao seu lado o que dá àquela mulher de sucesso a condição feminina, numa área masculina.

Foto 8

_É...esse outro personagem aqui é fantástico. Ele é pai dum grande amigo meu que é o X (nome do amigo), que é um engenheiro, o principal engenheiro de busca e recomendação da (nome da empresa). (...) Eu tirei essa foto, essa foto foi muito feliz porque saiu ele aqui e saiu a filha dele, essa aqui é a irmã do X, saiu foto dele olhando pra cá, ela pra trás. Foi muito feliz a foto. E ele carregando o gatinho dele, que é um gato siberiano que ele trouxe lá da Rússia.

_uhum

_Esse senhor, por que que eu tirei essa foto? Porque que representa a masculinidade aqui? É... a história incrível, ele viveu a Segunda Guerra Mundial, assim, ele era um molequinho, tinha 15 anos, contou um monte de histórias de como ser um moleque em Moscou, quando as bombas estão caindo, e se escondia, nos lugares, tal, e demonstra um pouco aquilo que eu falei na questão de coragem, né, porque ele contou uma história, que, tava na casa de uns parentes, e ouviu umas bombas, e ele foi se esconder, e ninguém quis se esconder com ele numa área, num galpão, lá, armazém, e acabou que morreu todo mundo, da casa, sobrou ele vivo porque ele foi o único que teve coragem de se esconder. Então é essa história.

_Engraçado, coragem de se esconder.

_É... todo mundo achava que ali não ia estourar, e acabou que ele falou: não, vamo correr, vamo correr. Ele saiu correndo, não era a família dele, era uns tios, não eram próximos. Ele falou, pelo que eu entendi, porque ele falou russo e o pai dele foi traduzindo pra mim.

_hmmm

_Então é a questão da adrenalina, de você ter, ou lutar ou correr, cê tem que ter coragem pra correr, por isso que eu falei, tem que ter coragem pra ter medo.

Lucas exhibe uma foto de que se orgulha ter tirado. Nela ele aponta um homem, uma mulher e um gato. O homem é incrível. Por que? Porque teve coragem para se esconder. Tal ação fez dele um sobrevivente de guerra, da Segunda Guerra Mundial, não uma qualquer. Esconder, ato que costuma ser associado aos covardes, aqui significa o oposto. Essa possibilidade se dá na apresentação de mais um super-homem para Lucas.

Outro homem que entra em cena, embora não esteja na foto, é o amigo de Lucas, filho do senhor fotografado, quem ele apresenta como o principal engenheiro de uma empresa famosa. E a filha? A mulher que aparece na foto dentro da foto? Ela cabe dentro do comentário sobre a estética: sua presença ali ajudou a compor uma boa imagem. Os homens são incríveis pelos seus atos. E a mulher é coadjuvante, ou mesmo cenário.

Foto 9

Foto 10

Fonte: segundo participante

Foto 9

_Essa foto de novo é do meu, é do meu sócio. Por que que eu tirei essa foto? Você pode ver aqui que ele tá de chinelo.

_ahm

_E ele trabalha muito assim lá, senta lá na mesa, duas telas ligadas, uma tela no notebook, uma tela grande, e ele fica ali concentrado, ele não se mexe. (...) Essa foto representa pouco o nosso universo masculino hoje, expliquei pra ele. Mas por que você acha isso? Porque os homens, eu vejo isso muito claro muito mais nos homens, assim, é... eles tão se arriscando e fazendo muitas coisas simultaneamente pra tentar ser, tudo acelerar, ser muito mais rápido. Porque o objetivo de você ficar com o celular, computador, duas telas, coisa anotando e tudo mais, nada mais é do que você tentar ser um pouco mais produtivo, por mais que pareça que esteja sido menos, no caso dele que a função dele é principalmente entrar em contato com as pessoas, ele tá sendo mais, porque ele tá respondendo uma mensagem no celular, tá fazendo uma conta na mão aqui ao mesmo tempo, ao mesmo tempo na tela dele tem um relatório que ele tá usando pra responder ao e-mail, e isso tá sendo meio que automático hoje para muitos homens, e porque que eu acho, qual que é o problema da masculinidade aí? Muitos homens, e

eu sou exemplo nisso, eu tenho dificuldade de me concentrar em múltiplas coisas ao mesmo tempo.

_uhum

_E próprio (nome do colega) também tem. Tanto isso é verdade que se você vê ele num cenário desse, ele tava respondendo e-mail no celular, e vendo os dados pra responder ao e-mail, nas outras coisas. Se você chama ele pra falar com ele nesse momento ele não te responde.

_uhum

_... Então, o que eu diria pra você que a nossa que a capacidade de atenção do homem tá cada vez menor, e mesmo assim a gente insiste em fazer muita coisa ao mesmo tempo. E novamente, é uma coisa que eu vejo aqui claramente uma mulher teria muitas vantagens. E essa foto também é legal por essa questão do desconforto e do conforto. Quer coisa mais masculina que num dia de sol, que é o caso dele, esse dia tava muito quente. Ele tava com uma camisa de manga comprida, uma calça, super quente, tá, vestindo tudo isso, morrendo de calor, (...) e a gente tava trabalhando todo vestidinho, eu também tava todo social porque tinha uma reunião especial que a gente foi, tinha que estar mais arrumado. Isso é muito masculino, né, e o (nome do colega) fica revoltado, ele chega no escritório e que que ele faz pra aliviar? Coloca um chinelo. E essa coisa do chinelo tem a ver um pouco com liberdade também, porque, até então, o que acontece muito, pelo menos comigo, é que eu vivi muito tempo trabalhando pros outros e tinha que seguir a regra dos outros. Então agora eu posso chegar no meu escritório, literalmente empresa é minha, e posso colocar uma bermuda se eu quiser, eu posso ficar de cueca, sei lá... eu não posso ficar de cueca, mas...

_(risos)

_Mas eu posso, sei lá, ter uma liberdade que eu não tinha antes, entendeu? Então, isso representa um pouco da questão do masculino, sim. Por que o que que ele quer? Por que que o cara quer inventar o próprio negócio? Porque ele quer fugir da regra dos outros. Porque no negócio dos outros as regras são dessa outra pessoa, não são minhas. E essa imagem tá aqui, nesse aspecto, tá representando isso.

Essa fala me faz pensar num modelo de homem que, para além de adequado a “regras” de masculinidade, está bastante adequado, adaptado, a regras do mundo do mercado. Regido pela ideologia da liberdade-para-ter-o-próprio-negócio, esse homem se sente transgressor quando uma parte de seu corpo tira uma veste social para colocar uma particular. A dificuldade de concentração em múltiplas telas e pessoas fora das telas é questionada não como uma

exigência sobre-humana, mas como um atributo não natural do homem, e natural das mulheres. Com isso, elas levam “vantagem”, uma palavra que aponta para uma disputa.

Ter o próprio negócio, nesse universo, é sinônimo de sucesso e liberdade. O sucesso vem de criar as próprias regras: ele e o sócio podem vestir chinelas, desde que estejam de calças. Liberdade tem limites. Lucas percebe as regras criadas por um chefe de trabalho, mas não percebe que as próprias regras não são tão próprias, mas apropriadas.

Foto 10

_Essa aqui e a minha loja, cê vê que a minha loja é bem grande, tinha mais de 50 pessoas. É ... a gente fez uma iniciação. O que que é uma iniciação? Iniciação na maçonaria é o momento em que a gente recebe uma pessoa nova.

_hm

_Tinha três pessoas novas que a gente recebeu na loja. É ... eu peguei essa foto, essa foto é muito emblemática, ela mostra bem...o que que é a maçonaria na, meio que na prática, né, porque são muitos homens, é homem pra caramba. É muito homem. E tem muita gente que faz aquelas perguntas: mas o que vocês ficam fazendo lá dentro? Cês ficam... é recebendo o diabo? O diabo vai lá com uma mala de um milhão de dólares, traz pra vocês? Ou então vocês fazem...é...sacrifício de virgem, alguma coisa assim? E no fundo o que a gente faz é isso aí, ó, a gente se reúne, faz a nossa cerimônia, e no final do dia a gente se reúne e tira uma foto e fala, ó, esse dia foi especial, a gente fez mais uma cerimônia, porque na semana que vem a gente vai fazer outra, e fazer outra, e fazer outra, e fazer outra...eternamente. (...) E aí eu queria mostrar isso, essa questão da importância da rotina pros homens. Até... pesquisas recentes mostraram que você ter um grupo, fazer parte de um grupo, aumenta seus anos de vida, aumenta sua longevidade.

-ahm

- E uma das coisas que eu mais vejo na maçonaria são pessoas muito idosas, e com muita saúde! o que me chama a atenção. E eu quero viver bastante, então, é uma coisa que eu quero levar pro resto da minha vida. Eu já sou maçom há 10 anos! Quero continuar pelos próximos... 70.

Maçonaria é pura masculinidade, Lucas já disse. A transmissão dessa masculinidade se dá com a rotina, com encontros frequentes entre homens. Mas assim como em diferentes culturas, há ali um ritual de iniciação. Penso que a masculinidade transmitida lá fora talvez seja contaminada pela presença das mulheres, e ali ela está protegida, garantida. Lembro-me da

situação da manifestação, do espaço público que ameaça. O espaço privado da maçonaria protege a vida, promove maior longevidade ao homem. A masculinidade-espelho que ele encontra ali, quer levar por toda a vida.

São interessantes as supostas especulações que ele traz a respeito do que dizem lá fora sobre o que os homens fazem nas cerimônias: o diabo lhes oferece mala de dólares e ocorre sacrifício de virgens. Dinheiro e virgens, em rituais diabólicos, especulações de um ritual para ser homem possíveis em uma sociedade que preza a riqueza material e o prazer sexual como prêmios para os homens. E o sacrifício de virgens, a mulher sujeita, pura e dominada sob o testemunho voyeur de homens, é bastante emblemático de uma sociedade que permanece, e ele atesta, com tantos traços de dominação masculina.

Foto 11

Foto 12

Fonte: segundo participante

—Por falar nisso, esse senhor aqui, ele é um dos fundadores da nossa loja, junto comigo, ele ajudou bastante, ele tá aqui por que ele representa masculinidade por dois motivos: primeiro por ser maçom, segundo por ter sido da aeronáutica. A aeronáutica num país em paz, né? Não morreu na Guerra, não tomou tiro, nem nada. Mas, o que eu acho legal, e essa foto é legal, o olhar, você vê, o meu olhar, eu nunca passei por exército, você vê o olhar dele, é o olhar de um lobo, né?, Um cara que já passou por, já viu um pouco de tudo nessa vida, ne? É...é olhar de sabedora. Um sorriso difícil, de tirar um sorriso de uma pessoa dessa, e sorrir, ele é um

sorriso leve, rápido, e sempre pra um lado muito sereno e muito sábio. Acho que, ele representa pra mim o que eu gostaria de ser quando eu chegasse na idade dele. Eu gostaria de ser uma pessoa extremamente serena, é... capaz de discernir o bem e o mal (...). É uma pessoa muito antiga na maçonaria, acho que eu não tenho tanta iniciativa, até porque tenho muitas coisas pra fazer, ele já tá aposentado, ele pode ser mais ativo do que eu com certeza, mas a quantidade de informação que esse cara sabe, a quantidade de gente que ele conhece, a rede que ele tem, a informação... então, tá aqui pra representar essa, essa cabeça humana meio que onisciente, onipresente, muito conhecimento, muita informação. São... no caso dele, ele fala que são... 57 anos de maçonaria! É muito tempo.

_Bastante!

Os homens que Lucas admira tem sempre algo a mais, algo de grandioso. Esse senhor que divide com ele o espaço da foto é sábio. “Não morreu na guerra, nem tomou tiro, nem nada. Mas”... O “mas” conta que essas duas negações depõem contra X, ou sua masculinidade. Ser da aeronáutica em tempos de paz não é um grande feito para um homem. Mas X, no “pouco de tudo” que viu do mundo, adquiriu sabedoria, algo que Lucas não especifica, mas ela é tamanha que só pela falta de um atributo, a onipotência, X perde para o Deus dos cristãos, que também é onipresente e onisciente.

Meu comentário no final dessa fala me faz pensar o quanto era bastante para mim aquele excesso de elogios grandiosos a esses homens. Talvez por que já me bastavam todas aquelas exclamações, eu concordei com Lucas, encurtando a fala, diferente das tantas vezes em que disse “hmm”, incentivando que ele falasse mais.

Foto 12

“_E aí a última foto é uma minha... esse dia foi fogo, cara...

_Esse dia foi o que?

_Fogo. Eu ganhei essa faixa aqui,... do Muay Thai.

_ah

_Pra você ganhar isso você tem que fazer uma luta de dois rounds e um treino absurdo antes de fazer a luta. Esse dia foi terrível, eu voltei pra casa todo dolorido, os braços doendo, as pernas doendo, minha perna, eu dei um chute no meu adversário, ele, não foi por querer, mas ele fez, que, botou o dedo na frente, meu cotovelo, minha canela bateu bem no cotovelo dele, sei lá, cheguei a quebrar a perna, assim, senti tanta dor, e... mesmo assim me graduei com nota 9, uma altíssima, porque foi muito boa luta, segundo os professores e, e eu sei que eu

cheguei em casa, tomei um banho, dormi e morri. Mas por que que eu vejo masculinidade aqui? Muay Thai também tem meninas, lógico.

_hm

_Tem bastante mulher. Mas porque que eu vejo aqui, porque, muito claro pra mim, tinham outras meninas fazendo o mesmo teste e é outro tipo de esporte, mesmo, pra gente, pros homens foi uma... pancadaria enorme, uma agressividade intensa e pras meninas é uma coisa assim, ai, deixa que eu deixo. Quer dizer, finge que eu bato ai que,...finge que você me bate que eu finjo que te bato. Já nos homens não tinha essa. Era pancada mesmo. Não to dizendo que todas as meninas vão lutar assim, porque não é verdade.

_uhum

_ Tem umas meninas lá que lutam melhor do que eu. Mas... no geral... na média, o que a gente vê, é as meninas com muito medo de se machucar, muito medo de ficar com a cara roxa, muito medo de tudo, e a gente, os homens lá se matando, ficando tudo roxo, quebrado, é assim. Por que? Não sei. Não faz muito sentido pra mim. Mas eu acho que, novamente, uma pesquisa de masculinidade, talvez, a ideia seja pontuar o que nós temos não só de igual, mas o que temos de diferente, o que há de diferente no homem é que, talvez ele tenha menos medo do que deveria. Os homens têm menos medo do que deveriam. Por isso que se arrisca. Talvez devesse ter mais medo, porque muitos se arriscam mas se estapam. Mas, muitos se arriscam e ganham. Você vê, numa luta dessa aqui, eu não tinha nada pra ganhar, só tinha pra perder, que que eu vou ganhar? Um cordãozinho no braço? Pra ser graduado, agora? Isso vai me dar alguma coisa? Nao, não vai mudar nada. Mas vai me garantir uma coisa, eu consegui fazer algo que muita gente não consegue, talvez nunca faria na vida. Essa foto tá aqui também, tomei muitas porradas nesse dia, mas não só nesse dia, eu lutei pra Muay Thai umas duas vezes por semana, então eu tomo porrada toda semana. Mas o que mais me fez refletir nesse dia depois que eu fiquei com muita dor, muita dor, foi o seguinte: imagina uma situação, você, Mariana, na rua, e...acontece alguma confusão, por qualquer motivo, sei lá, cê tá bebendo com algum amigo, cê vê alguém bêbado estranho, chega uma menina, resolve falar, brigar com você, porque acha que você tá paquerando a namorada dela, alguma coisa assim, alguém vem e te dá um soco na cara! Como que você se sentiria, nesse momento? Desesperada! Porque você, provavelmente, pelo que eu tô vendo assim, você nunca tomou um soco na sua cara.

_(risos)

_nunca!

_É? (risos)

_Acho que não. Já tomou algum soco na sua cara?... Muito forte, assim, uma coisa forte, não um soquinho de...

_Não, não...

_... querer, brincadeira de irmão não conta

_Não.

_Soco mesmo, tomar uma porrada. Já tomou? Nunca?

_Não

_Nunca. Pois é. E muitos amigos meus também nunca tomaram soco na cara, assim, já brigaram, mas nunca tomaram um soco, mermo, de verdade. Nem sabem o que é isso. E... eu me dei conta, quando eu ganhei esse negócio, o que que ele simboliza. Ele simboliza o seguinte: que se eu tomar um soco na cara, agora, vai ser só mais um. Cê entende, a frieza?

_hm

_Agora já era. Eu não vou mais ficar desesperado. Enquanto uma pessoa qualquer que nunca brigou na vida, se ela toma um soco, ela fica desesperada, ela não sabe como reagir. Ela vai reagir mal, talvez ela vai querer, desesperada pra cima, vai apanhar, né? Eu não. Se eu tomar um soco na cara vai ser só mais um. Vai ser só mais um fato da natureza, eu não vou encarar a coisa, aliás, o fato de eu conseguir tomar um soco na cara, absorver o golpe e continuar de pé é algo incrível, né? Grande parte das pessoas não conseguiria. Então, ... isso me mostrou esse aspecto de... é um pouco daquela frase do Júlio Cesar, eu vim, vi, vici.

_hm

_Essa é a questão. Eu já vi o que que é, é, eu já vim pra uma luta, eu já vi o que é tomar um soco, e já venci um luta, e já perdi uma luta.

_uhum

_Então mais uma pra mim não vai fazer diferença nenhuma.

A foto mostra Lucas sozinho, uma selfie. Esse tipo de retrato é emblemático de nossos tempos e nossa sociedade, em que a tecnologia serve a independência e ao individualismo, ao mesmo tempo em que esses valores só tem sentido se compartilhados: veja o que sou, quem sou, sozinho.

Nessa foto, Lucas percebe algo de masculino. Ela mostra Lucas de testa suada, olhar e expressão de cansaço, e, no canto direito, uma faixa que representa a vitória na luta e conquista de um degrau no Muay Thai. Já sabemos que ser homem, para Lucas, é sinônimo de ser masculino. Porém, como em praticamente todas as fotos, Lucas não traz homens – para ele – comuns. Sempre há algo de incrível. Nessa, o incrível foi passar por uma luta incrivelmente

difícil, depois de ter superado grandes desafios (ele conta em um outro momento que levou dois anos para perder peso e conseguir ficar na postura adequada para chutar). Depois de falar o quão incrível foi tudo aquilo, ele faz parecer que não foi nada demais, ou melhor, que o algo mais ainda estava por vir. E diz da frieza adquirida com a experiência. Não só ele passou por aquilo, como sabe muito bem o que fazer com o resultado. Essa é sua diferença em relação a outros homens que apanharam, e é a segunda diferença em relação a mim e aos que nunca apanharam: os inexperientes e/ ou covardes.

No apreço pela “faixinha”, é possível captar a angústia de Lucas na tentativa de dar sentido àquela experiência. Ali ele se sente alguém. Uma angústia em ser. Ali ele se diferencia, se destaca, ironicamente, colado à faixa.

Ao final da entrevista:

_Muito bom. Como é que foi fazer essas fotos, pensar nessas coisas?

_É, é sempre positivo fazer ... usar técnicas pra autoconhecimento. Pra você ver, a maçonaria é uma escola de autoconhecimento. Muitas das coisas que se faz na maçonaria é justamente fazer trabalhos... no que você vai refletir...sobre como símbolos que você aprende na maçonaria interferem na sua vida. (...) Então, exercícios de autoconhecimento me ajudou muito, eu acho que eu evoluo cada vez que eu faço, e quero agradecer a oportunidade de ter usado uma técnica nova pra... procurar ponderar sobre a vida. É sempre bom.

_Uhum

_Eu já faço isso o tempo todo, mas é bom pensar com outra, uma outra forma. E com tema direcionado.

_É. Então, então como foi pra você, sobre esse tema?

_Ah, um tema que...

_Cê achou difícil?

_Não, não, pelo contrário! Faz parte da minha vida, a maçonaria é muito masculina. Tecnologia é muito masculina, é... lutas é muito masculino, eu sou muito masculino, é... aquele lado, aquela brincadeira boba, né, de falar que você tem um lado feminino lésbico. Talvez eu seja um pouco isso, tenho um lado sentimental, tenho, mas ele não é um lado,... é... não é, não é feminino. Não é, é um sentimental masculino, porque isso existe, né, você num... um... um homem não é um psicopata, eu não sou um psicopata, eu choro, eu choro vendo filme. Eu sou uma pessoa sentimental. Mas... mas a minha vida toda é muito masculina, então, repensar esse aspecto todo, porque que nesses lugares onde eu vou tem tanto homem e tão pouca mulher me fez refletir muito sobre muitas coisas, e foi muito legal.

Análise do caso:

Para a dança-pesquisa que eu convidei Lucas, ele não poderia simplesmente aceitar. Isso estaria ligado a uma posição feminina, como ele havia sugerido no início. Assim ele transgrediu sutilmente a minha condução, por exemplo, levando fotos que não foram tiradas para a pesquisa, mas de arquivos, aparecendo para a entrevista com um número de fotos menor ao que lhe foi pedido, e me conduzindo até outro local.

Meus encontros com Lucas foram entre uma mulher-pesquisadora e um homem-entrevistado. Eu, de certa forma, questionava a sua masculinidade. A essa provocação ele respondeu apresentando-me certezas, exclamações, e nada de dúvidas ou interrogações. Isso me remeteu à afirmação de Pierre Bourdieu, que diz que para louvar um homem, basta dizer que ele é um homem. (1990)

Todas as fotos de Lucas trazem retratos de homens, em ângulos um pouco mais abertos, comparando com as fotos do primeiro participante, mas também com enquadramentos fechados sobre esses homens, assim como Danilo focava sobre os objetos/elementos. Praticamente todas as fotos que Lucas apresentou traziam grandes homens ao seu lado – ele se fez presente nas imagens. A relação entre ele e esses homens tinha muito a dizer sobre ele.

Em duas fotos, Lucas apresenta mulheres. Porém, ele não colocou nenhuma mulher em uma posição que ele pudesse se identificar, e além disso, ele não nos fala de nenhum aspecto feminino com o qual ele possa se identificar ou possa relacionar com algum daqueles homens. Ele associou o fato de que ele é sensível e às vezes chora – o que costuma ser associado ao feminino – a um aspecto saudável. Suas lágrimas não eram opostas ao masculino, mas à psicopatia, disse ele. E quando trouxe a figura da mãe, ela não foi apresentada como um objeto de identificação, mas alguém cujos conteúdos de identificação deviam ser rejeitados: ser homem significa ser o oposto do que o que sua mãe era. A masculinidade de Lucas parece ser sustentada por sua crença nas mulheres em papéis opostos, e também coadjuvantes.

Lucas não mencionou seu pai durante a entrevista ou os outros dois encontros. Não podemos concluir muito disso, pois não o conhecemos suficientemente, mas podemos supor que o impacto dessa separação com a mãe - que a coloca em posição oposta - parece ter sido mais significativo para a construção da identidade masculina de Lucas do que o processo de identificação com o pai ou um substituto desse.

Lucas apresenta sua masculinidade como algo bastante óbvio de ser notado, e ele se apresenta muito seguro dela. Através dos grandes homens que apresentou, ele mostrou sua supermasculinidade inabalável, nutrida pela interação constante e inspiração de muitos

homens-heróis, embora cheios de contradições, mas todos incríveis. Tão incríveis que parece difícil de acreditar.

Como dito antes, considerando essa idealização como uma defesa, como na teoria de Klein, e expandindo-a para um cenário ampliado em que convivemos com Lucas, o que está sendo ameaçado aqui parece ser a concepção naturalizada de masculinidade que Lucas reconhece como sua, pautada em clássicos referenciais de virilidade (força, reconhecimento, dominação, disciplina, autocontrole). A crença em ser alguém completamente separado de qualquer aspecto considerado feminino – e desvalorizados por causa disso – está sob risco de não se sustentar, em nosso tempo. No entanto, o que esse risco sinaliza, acreditamos, não é propriamente a aniquilação de uma masculinidade hegemônica – tão fantasiosa como qualquer categoria hegemônica poderia ser –, mas a possibilidade de fazer uma melhor integração e trânsito entre representações de subjetividades cruzadas por referências de gênero, de modo que o encontro com as representações de gênero não reconhecidas imediatamente não sejam sentidas como uma ameaça identitária.

No final, com base neste recorte e consciente dos seus limites, podemos formular uma hipótese para o desejo de Lucas: negar igualdades entre homens e mulheres, a partir de uma posição masculina idealizada. É no excesso de exclamações sobre o super-homem que Lucas apresentou que nos deparamos com sua incredibilidade e fragilidade.

4.4- Fabrício

Fabrício tem 27 anos, é branco e pesquisador em uma ONG. É casado com uma mulher de 24 anos, educadora. Não tem filhos. Nosso primeiro encontro aconteceu na rua, em um ponto de ônibus próximo ao seu trabalho. Ele se mostrou tranquilo e disponível, embora reservado. Depois de um mês e alguma dificuldade em encontrar horário em comum e local para nos encontrarmos, a entrevista aconteceu na minha residência.

Fabrício apresenta suas fotos e introduz a fala:

_ Eu fiquei pensando num princípio pra me nortear, né. O que é ser homem pra mim, pra eu, a partir disso, trabalhar e selecionar as fotos, né.

_uhum

_E, não sei, eu fiquei pensando o ser homem, né, o ser homem, branco, hétero, cis, dentro do contexto que a gente vive, dentro do contexto do patriarcado, né. E pra mim, ser homem nesse, diante desse contexto, é ter uma série de privilégios, né?

Fabrício se apresenta pelo seu lugar de fala: homem branco, hétero e cisgênero, e pelo contexto em que se situa: um patriarcado. A medida em que ele discorre suas próximas falas, é possível entender como ele se apropria desses nomes que, conforme essa primeira apresentação, dizem dele. Além de entender a que privilégios ele se refere.

Foto 1

Foto 2

Fonte: terceiro participante

Foto 1

– Acho que viver numa sociedade com uma série de privilégios e... ser homem no dia-a-dia pra mim é encarar esses privilégios e tentar problematizá-los no dia a dia, de forma que eu não seja ... tão tosco, tão bizarro, e tão...na bandeira do patriarcado, né. Que tentasse minimamente problematizar algumas coisas que tá colocado hoje em dia, né, então, essa primeira foto era a foto de uma manifestação, e... aí,... sei lá, o que é ser homem numa manifestação? (riso) E... aí acho que vem dentro dessa colocação, né, de que a gente tá numa sociedade que tem patriarcado, que tem tudo. E tá dentro de uma manifestação e ser homem, pra mim, acho que, tem uma série de coisas, né, de... acho que de poder me situar duma forma que eu num... posso.... Eu não sei, nas manifestações eu já vi de tudo. Coisa muito bizarra de, mano dar em cima, e de cara ter abordagem com um monte de mina, e tal... ser homem numa manifestação pra mim, né, essa foto ilustra, que é não usufruir disso, tentar de alguma forma problematizar isso e zelar pela segurança das pessoas, principalmente das mulheres que estão

nesse contexto, né, então eu tirei a foto mais ou menos pra dialogar com isso. Não sei se foi muito claro, muito confuso.

O lugar de homem ocupado por Fabricio é o lugar de privilégios que ele, por algum motivo, precisa recusar. A foto mostra um espaço público, cheio, uma manifestação, onde, para ele, há duas formas de ser homem: uma delas é a daquele que “dá em cima” de mulheres, abusa, é “tosco”, “bizarro”. A outra é daquele que não deve se comportar assim e problematiza – coloca em questão – esse jeito de ser homem. Ele se esforça por agir da segunda forma. E aponta: a via é de contramão.

Foto 2

_E essa é uma rua lá do cemitério. E é uma rua vazia, uma calçada, né, e aí é uma rua que normalmente é bem vazia. E ser homem pra mim, e passar nessa rua, obviamente é passar, é...é... ter um monte de privilégios e... saber que ninguém vai mexer comigo, que eu não vou sofrer nenhuma agressão, e no caso se eu ver alguma mina, ... (pausa) sabe? Eu não sei, às vezes eu fico pensando ... de que eu possa, sei lá, evitar com que a mina se sinta de alguma forma constrangida, ou ameaçada, ou alguma coisa do gênero, né... Então, sei lá, tá numa rua vazia, ser homem pra mim, é poder não precisar andar de cabeça baixa, mudar de calçada, então, tô nessa calçada, tem uma mina vindo sozinha e... ela vai poder sentir algum receio, alguma coisa, de alguma ameaça vindo de mim nesse sentido, por ser homem, ter todos esses privilégios, então, e eu tento driblar isso, tento de alguma forma, é, tentar não ameaçá-la, né, com a minha presença, nesse sentido. (...)

_Você percebe alguma reação, quando você cruza, por exemplo, numa rua com uma mulher, nesse sentido de despertar um ... medo?

_Siiim, acho que sim... E acho...

_E como é que você observa isso?

_Ah, você vê pela... cara de assustada da pessoa, né... e ... não sei, eu... vivenciei muita coisa, quebrada, principalmente, né... que você vê as mina passando e acontece um monte de coisa, então acho que... cê vê na cara da pessoa, né... eu acho que pelo menos eu vejo na cara da pessoa, ou mesmo nem se eu ver na cara da pessoa. Pra eu tomar uma atitude antes de eu ver a cara da pessoa, nesse sentido, sabe? Então poder mudar de calçada, poder evitar com que essas coisas, né, em volta, tem todos esses privilégios, como é que eu faço para problematizar isso no dia-a-dia, e aí essas fotos é mais ou menos esse problematizando no meu dia-a-dia. Né? Aí, acho que essa seria mais ou menos isso daí.

A foto mostra uma calçada que parece ter seu espaço de pedestres espremido pelo canteiro de gramado e carros estacionados, de um lado, e por uma parede de cemitério, do outro. É uma calçada vazia, numa rua vazia, segundo Fabrício. Nesse espaço, ao mesmo tempo cerceado e livre, vai ficando mais claro como Fabrício diferencia as posições do homem e da mulher que por ali podem passar: o homem é um suspeito agressor, e a mulher, potencial vítima. O homem tem o privilégio de não ocupar o lugar de vítima, bem como o de ter a chance de perpetrar uma violência. É interessante pensar esse segundo ponto como privilégio. Talvez o seja por negar um preço que o homem supostamente pagaria para viver em civilização, e que envolve conter suas pulsões agressivas e sexuais.

O homem Fabrício é um que busca evitar ser esse homem, sendo um homem que tenta proteger a mulher de se sentir ameaçada por ele, através da distância.

Foto 3

Foto 4

Fonte: terceiro participante

Foto 3

“Aí também é, nesse sentido, é uma foto que eu tirei recente, na cidade de Brotas, que é outro lugar, também, super vazio ali, e me veio na hora também essa sensação, né?... Porque, nossa, um lugar vazio, imagina pruma mina tá passando a noite, ou numa situação, e que se sinta ameaçada por outros homens, né, tanto é que antes disso tinham uns caras mexendo com uma mina, então falei, puta, é verdade (risos), tirei a foto porque lembrei disso. E acho que ser homem nessa situação é não usufruir disso novamente né, não, não, não incentivar essas coisas, e poder, novamente, no mesmo discurso do anterior, né, mudar de calçada, evitar, tal... (tosse), nessa mesma coisa, nessa mesma tocada.

Com essa foto, agora de um espaço mais aberto e amplo, de uma cidade de interior, vemos que Fabrício percebe o vazio, a ausência de pessoas, como também ameaçador para a mulher. Ali ela pode sofrer violência desprotegida de algum outro que possa defendê-la. O movimento de pessoas que ele viu ali lhe confirmou a sua tese de que há esse risco.

Quando transcrevia esse trecho, me chamou atenção a frase: “não usufruir disso novamente, né, não, não incentivar...”. Fiquei em dúvidas se colocava ou não uma vírgula ou ponto entre “disso” e “novamente”, que mudaria o sentido. Por perceber que não houve uma pausa na fala, apenas uma mudança leve na entonação, decidi pela frase contínua, o que leva

ao entendimento de que ele já “usufruiu” de algo nesse jeito de ser homem que ele hoje condena e tenta evitar. Em um momento posterior da entrevista ele confirma essa hipótese.

Foto 4

_E aí novamente, passear com os cachorros, né... E... mesma coisa, no sentido de poder andar na rua e ver as pessoas, né: no caso eu tava passando com minha companheira, no caso aí, né, com os dois cachorros, e... e aí, acho que é isso, é poder andar na rua de uma forma que, que não afeta as outras pessoas nesse sentido, né? Então, acho que vai no mesmo tom, mais ou menos, Mariana. Acho que de, de tentar evitar que sentir, fazer com que outras mulheres se sintam ameaçadas com minha presença.

_uhum

_Acho que é esse o princípio que tentei buscar, nesse sentido. Então, passear com o cachorro.., Ah, algumas pessoas vêm, mexem, tal e tal... bom, com mulher, passear com cachorro, por exemplo, eu tando com uma mulher passeando com o cachorro, poder zelar pela , pelo bem-estar, pela segurança de todo mundo, acho que mais ou menos nessa linha, também.

_ Vocês conversaram, quando você tava tirando essa foto, e que ela tava junto?

_ Não, mas é, olha, eu contei. (risos) Ela viu o papel, falei: “Quê que você acha?” “Claro, acho que é tranquilo. Vamo lá.” E minha companheira é do contexto feminista, também, né? Então, acho que vem uma série de problematizações ao longo da minha trajetória, junto com ela também, que me fazem enxergar essas coisas no dia-a-dia, né, ter esse conceito e poder trabalhar a partir dessas fotos. Então eu lembrei disso, na hora, assim, passear com cachorro, como é que passear com cachorro pra uma mina? Pô, ser homem passeando com um cachorro. Ah, cê vê os homens passeando com um cachorro, esportista, todo bonitão e mexendo com todo mundo e eu, não, eu vou passear com o cachorro e não vou reproduzir essa coisa do ser homem tosco bizarro esportista mexendo com todo mundo. Essa é mais ou menos isso aí também que eu quis passar.

Mais uma vez Fabrício traz a rua e as ameaças à mulher nesse espaço. E se coloca como protetor. Dessa vez a mulher em cena é sua companheira, embora não apareça propriamente na foto. Os cachorros que aparecem não são apresentados como protetores, como algo que pudesse contribuir para a segurança da mulher, mas como atrativos para o outro que vem “mexer”. Pensando no momento do clique, eu investigo se ela participou de alguma outra forma desse. Ele me diz que ali eles não conversaram a respeito da pesquisa, e depois fala, em um tom que me pareceu de confissão, que contou a ela sobre sua participação, quando ela viu o termo de

consentimento. Segundo ele, a reação dela foi de incentivo. E enfim, ele conta um pouco que ela teve participação na construção de seus conceitos feministas.

Levanto a hipótese de que tenha mais algo dela nas suas fotos e falas, visto que ela contribuiu para que ele tivesse “esse conceito”. Me pergunto: em que medida tal conceito está internalizado por Fabrício?

No final ele apresenta mais roupagens para um tipo de homem do qual ele se diferencia: o “esportista”, “todo bonitão”, “tosco”, “bizarro” – e que também mexe, agora com “todo mundo”. É interessante a associação que ele faz entre dois aspectos que costumam ser elogios (esportista e bonitão) a dois depreciativos (tosco e bizarro). E em seguida, ele acrescenta o caráter agressor ao perfil. O homem que agride também carrega seus atrativos.

Ser homem, para Fabrício, ali naquela cena, seria “não reproduzir” esse outro homem. E isso equivale a proteger a mulher. Essas são duas repetições que vão percorrendo sua fala e que desenham o que para ele representa sua masculinidade: não ser um homem do patriarcado, mesmo que de boa aparência, e proteger a mulher de ser agredida, assediada, ou mesmo assustada, até por ele. Quando ele diz “tentar evitar que sentir, fazer com que outras mulheres se sintam ameaçadas por minha presença”, parece indicar, pela segunda vez, que há nele um sentimento que é ameaçador, e precisa ser evitado.

Foto 5

Fonte: terceiro participante

_Ser homem a noite numa quebrada. (Risos) Vila Nova, Cachoeirinha. E aí é...

_O que você tá chamando de quebrada?

_Ah, zonas periféricas de São Paulo, né, que não seja classe média,... que tenha aproximações com a periferia, né. E cachoeirinha é um lugar que eu tô frequentemente, né, e eu vejo, nossa, tem muito caso de relato de abuso, de... de diversas coisas, né. E poder tá na Cachoeirinha,

poder tá numa quebrada a noite é também poder não incentivar esse tipo de coisa e não expor ninguém, não tentar prejudicar ninguém com a minha presença, né, ou mexer, esse tipo de coisa, ou zelar pela segurança das que estão próximas. Então, ser homem a noite na cachoeirinha, pra mim, é poder não reproduzir o que o patriarcado levanta a bandeira diariamente, de opressão, em relação as mulheres, e ... e acho que isso, né? Acho que não incentivar nada que possa vir nesse sentido. Acho que foi nessa brisa, assim.

_uhum. É engraçado, que quando você tá me contando, você fala muito de não-ser esse tipo de homem, do patriarcado, esse tipo de homem que mexe, né? É... eu tô achando interessante que você sempre usa o não-ser alguma coisa, ao invés de usar o “ser...” né, e aí, um complemento. Entendeu? Tô tentando ver o que que é essa outra coisa, que não é aquela do ...
_é... o... é...

_ que agride, né?

_Sim, e acho que a gente, não sei, também vão tendo níveis de agressões, e acho que dá pra problematizar bastante isso, mas... não sei, eu pelo menos, eu me alinho ao ...a princípios do anarquismo, por exemplo, que pra mim são princípios que eu levo para todas as instâncias da minha vida, e então quando eu digo não-ser, é tentar se distanciar disso para me aproximar dos conceitos que eu tenho como importantes pra minha vida, de horizontalidade, de autogestão, de ação direta, de respeito mútuo, de apoio mútuo, e que me guiam no dia-a-dia, então, nunca que vou falar: “eu quero ser feminista”, ou coisa do gênero, porque eu acredito que um homem feminista é bem questionável, ao meu ver, ao homem se declarar assim, né, então eu problematizo algumas coisas no dia-a-dia, que eu entendo que são reproduções do patriarcado, pra não tentar reproduzir, mesmo, né? Então não ser é tentar, de alguma forma, pensar nessas ações do dia-a-dia e como que nessas ações eu posso, é... (pausa) não, não ofender ninguém com minha presença, né, não prejudicar ninguém, não... (pausa), acho que num... não expor ninguém, de uma forma que me minha presença não seja violenta no dia-a-dia pra outras pessoas. Acho que é isso que eu penso, assim. Não quero ser isso. Agora...

_Você diz outras pessoas, principalmente mulheres?

_Principalmente mulheres, né? Mas por exemplo, se a gente falar do contexto trans, né, aí ... puta, dá pra falar de um monte de coisas, de homem mexendo, e coisas muito mais agressivas, que, a transfobia aqui é uma coisa absurda, né. É o país que mais mata pessoas trans no mundo inteiro, né. Então.. né.. nesse caso também a gente pode pensar nesse mesmo sentido, de que ... a minoria, ... afins,... mas eu fiquei pensando muito nisso, pelo menos foi isso que me, me foi ligando, sabe, na pesquisa.

Pela fala de Fabrício, na periferia parece ser mais comum que aconteçam atos de violência do homem contra a mulher. Esse ambiente parece requerer dele um cuidado extra, para evitar agir da forma mais comum, ou mesmo não a incentivar. Acompanhando algumas frases de Fabrício que se repetem, podemos encontrar algumas pequenas diferenças. Aqui, no lugar de “não reproduzir”, aparece “não tentar reproduzir”, como também “não tentar prejudicar”. O “tentar” parecem reforçar os esforços já mencionados. Ressou em mim em um esforço extra para acompanhar os sentidos daquelas frases, até porque, nessa altura da entrevista, eu já estava me acostumando às repetições.

Junto disso me chamava a atenção o excesso de negativos nas suas descrições de ser homem. E lhe perguntei sobre representações positivas. Fabrício me traz uma sequência de princípios anarquistas, e essa frase me parece um tanto desconectada, me pareceram dois discursos diferentes, ou paralelos. Interessante que logo em seguida ele entra na crítica aos homens que se auto intitulam feministas, introduzida pela frase: “*nunca que vou falar: ‘eu quero ser feminista’, ou coisa do gênero*”. Me estranha essa sequência primeiramente porque ele me apresentara, até então, discursos feministas (embora devemos reconhecer que o conceito de feminismo pode ter vários sentidos e nuances no senso comum, como acontece, em menor proporção, no mundo acadêmico), bem como pontuou ter aprendido com a companheira, que é feminista, esses conceitos que ele traz aqui, através das fotos. Segundo porque ele diz “nunca vou falar ‘quero ser feminista’”, e não “nunca vou falar ‘sou feminista’”. Isso pode apoiar a ideia de que talvez esses conceitos não foram propriamente incorporados por ele. E a fala, ao mesmo tempo, sugere uma contradição do desejo: querer e também não querer ser feminista. Querer usufruir da dominação, ao mesmo tempo, querer a igualdade entre os gêneros.

Foto 6

Fonte: terceiro participante

_(risos) Aí é a louça. Acho que o princípio de coerência, no sentido de você tá fora de casa e tentar alinhar algumas coisas e dentro de casa também, né. Ser homem é poder distribuir de forma consensual as tarefas diárias de casa, de forma que não prejudique mais a outra pessoa que tá em convívio. Então, ser homem pra mim é poder dividir as tarefas de casa de forma em que todo mundo se sinta minimamente bem contemplado pelas divisões feitas.

_Como é que... você pode contar um pouquinho como é que é?

_Posso. Eu já convivi em vários contextos, né. Acho que eu já vivi com 5, 6 pessoas numa casa, e ... já... com homens e mulheres, e a gente foi, até um espaço que eu pude discutir muita coisa e problematizar essas questões de divisões de tarefas, dentro de casa. Hoje a gente, a gente se mudou pra outro lugar, fomos pra outro. A gente tem problemas estruturais na casa, e faz com que a gente sempre esteja correndo atrás do rabo, de que a limpeza nunca é suficiente, enfim, a casa tem outros problemas, e a gente, assim, de princípio, a gente divide algumas coisas básicas, né, tipo sei lá, eu cuido da louça diariamente, essa é uma tarefa minha fixa. E conforme no dia-a-dia a gente vai atribuindo funções, ah, então, hoje é o lixo, banheiro, e tal coisa. Ah, beleza, eu fico com isso hoje. A não, hoje vou fazer a janta, vou ficar com a louça, cê fica com o cachorro, por exemplo. Então, a gente vai tentando encaixar no dia a dia na forma em que ambos se sintam à vontade. Se por acaso algum dos dois não se sentir bem nessa divisão, a gente problematiza de novo e vamos chegar numa melhor solução. Então, é meio que ir sentindo o que tem na casa e desenvolvendo o que tem na casa. Mas por exemplo, a louça é uma coisa que é exclusiva minha, e acho que por isso que eu quis marcar de que, é a louça. Que é difícil. Enfim.

_É difícil?

_Ah é, muitos anos lavando louça, né, então, quando eu morava com meus pais, e ... uma tarefa que a gente fala que nasce, cresce, lava louça e morre, né?

_Ah é? (risos)

_(risos) É coisa que é certeza na vida, não dá pra deixar a louça lá.

_Como é que era na casa dos seus pais?

_Na casa dos meus pais era outro contexto, né. Realmente minha avó e minha mãe acabavam tendo muito mais atribuições do que elas deveriam ter, pensando numa divisão igual, no contexto, né. E eu consegui pensar nisso de uma outra forma quando eu já tava meio que pra sair de casa, né, e aí, de poder ajudar em algumas coisas, mas que mesmo assim não contemplava, e foi a partir do momento que eu sai de casa, que eu enfrentei outra realidade, que eu consegui ver, falei “nossa! Que merda que eu fiz”, né. Acho que podia ter feito muito mais coisas.

Ser homem em casa, no contexto atual de Fabrício, é dividir com a companheira as tarefas domésticas. Essa relação só acontece quando Fabrício deixa a casa da mãe, um espaço onde as mulheres eram as principais responsáveis pelos cuidados. Antes de viver com a companheira, ele ainda passou por uma casa que compartilhava com cinco ou seis pessoas. Foram principalmente essas duas experiências, somadas a um contexto cultural mais amplo no qual ele se insere (provavelmente também financeiro, se consideramos a possibilidade e a escolha de terceirizar a limpeza de uma casa), que parecem ter significativamente alterado seu comportamento e pensamento sobre a relação entre gênero e trabalho doméstico. Quando ele conta, no começo, de sua casa, a preocupação com a igualdade está em cada frase. E no final, ele marca que essa tarefa é difícil, e penso que ele se refere a lavar a louça, mas também a sustentar a essa igualdade. Duas tarefas que são trabalho para uma vida inteira.

Foto 7

Fonte: terceiro participante

_(risos) É uma privada.

_Pareceu uma lâmpada, pra mim.

_Não, privada. E aí, por exemplo, quando eu morei com um monte de pessoas, uma das coisas que mais incomodavam e que foi um estandarte, a campanha inicial, era a porra da tampa da privada em pé, né. E tanto é que na casa foi um estandarte inicial que foi problematizando tudo, né. Poxa, o quanto um simples ato de abaixar a tampa ou afins faz uma diferença enorme no dia-a-dia convivendo com mulheres e homens. (...) E isso, né, uma diferença tão, uma coisinha tão pequena, mas que suscitava nas minas que moravam lá uma coisa que incomodava muito, né.

_Elas pediam?

_Pediam, e com outros homens lá, é, foram até agressivas, nesse sentido, né, de gritar, de brigar e tal, e isso foi, poxa, é isso...(risos), colocaram até um avizinho: “por favor, abaixar a tampa, porra!” Ok. E eu quis representar isso porque é uma coisa tão simples, uma coisa tão básica, e que no dia-a-dia, vivendo homens e mulheres, faz uma diferença enorme, de você ver a tampa lá aberta, tudo mijada, e poder usufruir. E pensei, também é isso.

Assim como a louça lavada, a tampa do vaso abaixada conta de uma ação do homem voltada para a sua relação com a mulher, que vem a partir de um pedido da mulher, dessa vez com uma voz que vai do “por favor”, educada, ao “porra!”, palavrão que costuma ser relacionado ao universo masculino, tanto pelo ato e tom (agressivo, no caso) de dizê-lo, como também por ser sinônimo de sêmen, em linguagem vulgar. Aqui as marcas que o pênis, símbolo fálico, deixam sobre o vaso sanitário, são solicitadas a deixar o cenário principal, através das vozes de mulheres que se impõem no espaço.

Foto 8

Fonte: terceiro participante

_ Aí é uma,... é um restau... um boteco que eu tava comendo, né. Aí eu fiquei pensando na mesma coisa. E esse foi até depois que eu falei contigo, naquele dia, que eu decidi tirar essa foto, né. Que eu tava comendo, nesse boteco e tinha um monte de homens ao redor...

_No dia que a gente se encontrou?

_Isso. Aqui, eu... duas... teve... do dia que te encontrei, perto do cemitério ali, ne. Que nossa. Ser homem pra mim, no restaurante, você vê. Quando chega uma mina os caras começam a mexer, e tal. E porra, como é que a mina vai comer, ela não consegue nem comer, se sentir bem naquele espaço, pra poder se alimentar, né. Então eu tirei essa foto pensando, olha, ser homem nesse espaço é também não poder reproduzir essa tosquice toda, né. Chegou a mina o

cara... é...mexer... e tal tal e tal... e de alguma forma se eu posso contribuir pra o dia dela não ser pior, o dia da pessoa não ser pior, da mina, da mina trans, do mano trans, enfim, da pessoa que for, é ter noção dos meus privilégios e poder problematizar eles no dia-a-dia de forma que não ofenda outras pessoas, e aí, não poder reproduzir isso que é feito no dia-a-dia, principalmente num boteco em São Paulo, que acontece um mundo de coisa.

Essa foto foi tirada no dia em que nos encontramos pela primeira vez, logo depois que lhe solicitei as fotos. Parece que suas primeiras ideias, a partir do pedido de fotografar a sua experiência cotidiana de ser homem, foram as que lhe acompanharam durante todo o processo: ele fotografou cenários de convivência de homens e mulheres (cisgêneros, transgêneros), onde o homem geralmente está no papel de quem oprime, assedia, abusa, e a mulher, no papel da vítima. Esse homem é apontado como um outro homem, não ele, cujos comportamentos ele não pode reproduzir e deve problematizar. Essa palavra também se repete com frequência, geralmente nessa sequência: ser homem é reconhecer seus privilégios, dados pelo patriarcado, não reproduzir esse ser homem, não usufruir dos privilégios, e problematizar tudo isso: dar caráter de problema, ou reconhecê-lo.

Foto 9

Fonte: terceiro participante.

Essa aí é uma festa junina numa escola. Essa é um arquivo recuperado, também. Que eu falei, puts, pra mim representa bastante. Eu ajudei na organização da festa junina dessa escola, numa escola da Brasilândia. E como que é ser homem numa festa com ...com um monte de adolescentes, no caso, né? Acho que é a mesma sintonia, né, de não poder reproduzir tudo isso. E nas relações de escola, no dia-a-dia, vai aparecendo um monte de coisas, né. Nessas escolas você tem relato de homofobia, um dos próprios trabalhos que eu venho desenvolvendo

lá, e outras coisas, e ser homem pra mim num espaço escolar é também não poder reproduzir isso tudo, né, no sentido de se eu tiver ministrando um grupo, ou afins, de poder dividir a fala, de forma que todo mundo fale, não privilegie o homem, cis, branco, naquele espaço, de que a fala se horizontalize, e que os privilégios de ser homem nesse espaço, eu possa problematizar no dia-a-dia nas atividades principalmente com os alunos e as alunas, né. Então, um trabalho que eu venho fazendo em algumas escolas é algo que sempre tá tocando pra gente, né, a questão de gênero, vamos discutir isso, o machismo, quais são as formas que as minas se sentem mal na escola, e o que que a gente pode trabalhar com isso, né, como que a gente pode discutir com isso, e problematizar no dia-a-dia, nas relações diárias na escola, ne?

(...)

_O quê que te remete à masculinidade nessa foto? No seu viver como homem?

_Acho que... eu pensei na relação escolar, através dessa foto. Antes deles começarem a dançar aqui teve meio que uma dança de axé, sei lá, não sei se era axé, mas parecia axé. E... e que meninos e meninas tavam dançando e, e tinha, aquele menino que falou que, que relatou, que se assumiu gay pra família, ele dançou, assim, bastante, sabe? E... não houve piadinha, não houve “tiração”, não houve falta de respeito com ele, sabe? E pra mim, me remeteu a todo esse momento, ser homem na escola, de respeitar as posições, de tentar de alguma forma problematizar isso no dia-a-dia, e acho que esse era um momento harmonioso da escola, de uma foto, que também não é tão fácil tirar as fotos na escola, né, acho que as relações são meio difíceis, às vezes, e me remeteu isso, a esse momento que tava todo mundo bem, dentro da escola, né, e que talvez muitos tensionamentos não estivessem presentes nessa festa.

Fabrizio, no seu trabalho, tem a função de promover e mediar discussões nas escolas sobre diversas problemáticas, principalmente com alunos. A desigualdade de gênero é uma delas. Essa foto o remete a um momento de sucesso, satisfação nesse trabalho; mostra uma festa. Eu diria que ela conta de três satisfações: o primeiro na sua participação no fortalecimento de um grupo de meninas que organizou a festa (relatado em outro momento), o segundo, da constatação de que um aluno que havia, num grupo de conversas mediado por ele, relatado vivências de discriminação por se assumir homossexual para a família e a igreja, pôde usufruir de respeito e diversão durante a festa. E a terceira satisfação seria de perceber um “momento harmonioso” não só na escola, mas em si, por não ver presentes ali os seus tensionamentos, aqueles que lhe requerem esforços para serem barrados.

Foto 10

Fonte: terceiro participante

Essa é uma foto resgatada, do Parque da Juventude, e eu tentei buscar a relação no parque, também, né, o Parque da Juventude é um local que você tem muito relato de agressões, de outras coisas, de diversas formas, desde estupro, violência policial, muita coisa, e... Eu, por exemplo, era uma das pessoas que tava organizando, ela, né, então, como você tá organizando uma manifestação você precisa pensar em zelar pela segurança das pessoas, e, principalmente das pessoas, ah, sei lá, das minas, de pessoas trans que tiverem, a fim de que não sofra nenhuma violência, né. Um ato que tava problematizando a questão do racismo no sistema carcerário e que a gente foi muito ofendido durante o trajeto, durante toda a construção dele. E, poxa, ser homem nesse espaço é poder pensar nisso, e de alguma forma cuidar das pessoas que estavam nesse espaço, sejam elas mulheres, o que for, né, mas que... um ato que problematiza isso, causa fervor de muita gente. Causou, mesmo, ne? De parar as vias, e tudo, e foi muito difícil, ainda bem que não aconteceu nada de grave, mas é um estandarte, fica ali, né, um pisca alerta batendo toda hora de que, olha, cê precisa garantir a segurança das pessoas que estavam, você tá organizando esse ato. Ninguém pode sair prejudicado, ninguém pode sair, de alguma forma, sei lá, violentada e afins, ofendida. E agora tem entrevistas das pessoas nesse dia, em áudio, e ...entrevistei homens, mulheres também, e todo discurso da violência policial, então foi um ato muito tenso, né, e fiquei pensando, poxa! Essa foto representa, né, porque tinha muita responsabilidade ali, de manter um espaço, e que acho que de alguma forma até dialoga com essa questão da masculinidade, do sentimento de proteção, e afins, né? Mais isso... de que ser homem nesse espaço é meio que sei lá, garantir a segurança das pessoas que estavam nele.

_uhum. Você acha que isso tem a ver mais com ser homem ou com a sua posição de organizador?

„Acho que com a função de organizador. Mais do que ser homem. Acho que mais, independente se eu fosse quem for, eu ia problematizar isso, né? Ser... sei lá, se fosse uma pessoa trans, ser trans pra mim, era, zelar pela segurança, sei lá, acho que sim. Acho que de alguma forma, sim.

No começo, Fabrício descreve a foto e o que acontecia naquele momento, e retoma a fala sobre os riscos que o espaço favorece e seu lugar de homem protetor. Mas dessa vez, o foco era a proteção dos manifestantes em geral, e não apenas das mulheres, como nas fotos anteriores. Com essa mudança eu questiono essa relação entre ser homem e proteger as pessoas ali, já oferecendo a alternativa que me parecia pertinente. Ele concorda comigo.

A frase “até dialoga com a questão da masculinidade, do sentimento de proteção...” me faz pensar na sensação de proteção que ele parece sentir quando transita por esses espaços. Em nenhum momento ele fala de uma ameaça a ele. Essa proteção/ segurança que não reconhece nas mulheres, nos transexuais, e mesmo nos negros – daí mais um de seus privilégios – parece o colocar numa condição de dívida para com esses, e até de reparação, que às vezes me soa tão pesada que transporia sua própria individualidade. Ele estaria então reparando o mal que os homens brancos e heterossexuais de gerações passadas causaram.

Foto 11

Fonte: terceiro participante

„Essa foi uma foto do ônibus. E a simbologia, acho que essa foto também foi tirada no dia depois que eu conversei contigo, no dia, e aí minhas pernas estão juntinhas no sentido de tentar não reproduzir aquela pessoa que, ah, que chega no busão e abre as pernas e enfim, ocupa três, quatro espaços, né. Então ser homem dentro de um transporte público, ser um homem branco, cis, hétero, e tal, poder não usufruir desse privilegio de que vários homens usufruem,

de poder abrir as pernas, de ficar lá a vontade, e olha, eu tentei (risos) de alguma forma mostrar isso, de tentar ficar com as perninhas e tentar não incomodar ninguém, né, de que minha presença, que eu não possa usufruir disso nesses espaços, de que as mulheres que também sofrem diversas violências, não só mulheres, mas pessoas trans, e afins, pessoas negras, que sofrem diversas violências nesses espaços, e que uma delas assim, a pessoa sentar e se esparramar no espaço, né. Então ser homem nesse espaço, pra mim, é poder não violentar outras pessoas também, que a minha presença não seja prejudicial pra outras pessoas, que eu não usufrute disso, né.

“Feche as pernas, menina!” é uma ordem bastante comum na educação das crianças de sexo feminino, já que a abertura de suas pernas é o que dá acesso a sua genital, e cabe a elas se resguardarem de possíveis entradas invasivas, desde olhares ao ato da penetração. Nessa lógica, a mulher se adapta ao espaço por causa do homem, do que ele pode pensar, do que pode sentir, de como pode agir.

Fabrício traz o gesto ligado a ocupação do espaço, o espaço físico do outro, que no caso, é a mulher. Um gesto para dizer de sua consideração às mulheres. Diferente da situação anterior, essa é amparada por uma lógica racional: as pernas abertas ocupam o assento lateral, de outra pessoa. Mas o fato da preocupação ser voltada para o espaço da mulher, e dele se colocar como o “homem branco, cis, hétero e tal”, mostra novamente que ele quer/se esforça para romper com a ordem machista que rege os espaços de convivência homem-mulher. Ele entende que caso se sente com as pernas abertas poderia permanecer assim por “direito cultural adquirido”, mesmo que não tenha razão, mas se dispõe a mudar de posição.

E o que move Fabrício a fechar as pernas? Primeiro podemos pensar que esse gesto está aqui representado na foto. Se fosse um gesto automatizado, desprovido dessa possibilidade de reflexão, certamente não estaria. Mais um indício de que a passagem de um tempo sob regimento do machismo para um tempo de igualdade está acontecendo nele, internamente. A provável rejeição pelo homem machista por mulheres em seu entorno, sua esposa, colegas de trabalho, amigas, etc., também faz com que Fabrício feche as pernas, para que não corra o risco de ficar sem lugar, sem relações.

Outra possibilidade é a de que, assim como para as mulheres, o fechar as pernas é também “fechar” sua sexualidade. Ele começa dizendo que essa foto se deu depois de nosso encontro. Na relação com a pesquisadora-mulher, é bastante pertinente “fechar” a sexualidade.

Foto 12

Fonte: terceiro participante

“E aí é um campo de futebol, já é o estádio do Juventus, da Mooca. E aí ser homem num espaço de um campo de futebol é realmente poder não reproduzir a série de coisas que são colocadas num campo de futebol. Eu amo futebol. Adoro, vivo muito. Só que eu fico muito incomodado com futebol, com um monte de coisas. Por exemplo, quando o goleiro adversário no campo do Juventus pega a bola, eles ficam gritando “filha da puta” toda vez que eles pegam. Fica oooo.. Daí, quando eles chutam, gritam “filha da puta”, e a gente tem um pavor disso tão grande, porque meu, é uma coisa bizzara, né. Até algumas torcidas hoje em dia tão problematizando isso, de não reproduzir cantos homofóbicos, e afins, e o Juventus por mais que seja um time pequeno, um time de terceira divisão no campeonato paulista isso acontece muito. E cê faz cara feia, as pessoas olham feio pra você, né. Outra coisa, canta-se o hino nacional. As pessoas levantam e vão cantar, e a gente, pô, não quero, não compactuo com isso. E ser homem num estádio de futebol é poder não reproduzir essas coisas pra mim, né, de não poder violentar as pessoas, não incentivar essa, esse canto que perdura tanto tempo homofóbico, machista, xenofóbico, muitas vezes, e afins. É muito difícil, porque as pessoas realmente requerem que você tenha um comportamento que tá tendo ali, né, que todos os homens estão compartilhando desse comportamento nesse espaço. E aí eu pensei nisso, nesse jogo.”

“e a gente tem um pavor disso tão grande...” O sujeito da frase indica que Fabrício não está sozinho nesse sentimento, embora se sinta minoria em um estádio de futebol. A torcida e as emoções provocadas pelo jogo, os elementos que os unem – paixão pelo futebol e por um time – convidam a unicidade de comportamento. Na arquibancada ignoram-se as diferenças, e transmite-se a tradição, que começa a enfrentar tensionamentos por parte dessa minoria que deixa de reproduzi-la.

Apenas na fala sobre essa foto a mulher não aparece diretamente. O foco é a relação com os homens que cantam e gritam machismos, homofobias, xenofobias. Talvez ele se sinta oprimido, como o estrangeiro, o que vem de outro lugar. Ele recebe olhares que requisitam sua pertinência ao grupo. Esse é o jogo difícil.

Final da entrevista

_Acho que foi. (pausa) Mas eu fiquei pensando muito nisso. Eu pensei num princípio que pudesse me nortear, pra poder falar. Então, puxa, e aí eu fiquei...ser homem é ter uma série de privilégios, como que eu pudesse transformar isso numas fotos do dia-a-dia, né? Fiquei pensando nisso. Não sei se isso, se eu fiz errado, se consegui te ajudar.

_Acho que o que mais teve em comum nas fotos foi essa coisa do espaço público que... você coloca como perigoso, né?

_É

_Pra mulher e que a figura masculina pode ameaçar. Fiquei pensando nisso, né. Se o homem é perigoso? Se essa imagem que você tem do homem, né, ficou parecendo pra mim que é de perigo.

_Ah, com certeza, pra mim. O homem é uma ques... é... de poder, mesmo, né, de a gente viver num patriarcado e dos privilégios serem dos homens, né, e nas relações do dia-a-dia, nas construções diárias, e o homem sim representa um perigo, ao meu ver.

_Você acha que você já representou?

_Jaaa!

_Já reproduziu isso?

_Já. Uma série de coisas, desde a privada, desde tá andando sozinho numa rua e poder olhar pra uma mina, desde tá no estádio de futebol e gritar, sabe? Claro. Então reproduzi sim, um monte de vezes. A questão é que eu fui problematizando isso no dia-a-dia, e não vou falar nossa! Agora eu sou uma pessoa... não! Eu trabalho isso no dia-a-dia, tento construir isso no dia-a-dia, né?

_O quê que você acha que mais te afetou, pra você querer agir diferente?

_Acho que quando eu entrei em contato com o feminismo, mesmo, né, de... eu fiz parte de coletivos, faço parte de espaços autônomos e afins, e nesses espaços a gente discutia muito as coisas, né. Então eu sempre me aproximei do movimento punk, do movimento anarquista bem antes, mas... eu nunca tinha, realmente parado pra poder problematizar e encarar isso no dia-a-dia, né, e acho que esses movimentos, esses coletivos foram fundamentais, pra, nas relações diárias, a partir do, sei lá, de Simone de Beauvoir, e de outras pessoas, poder problematizar

as coisas no dia-a-dia. E minha companheira também, né? Quando eu a conheci ela não era feminista, depois que ela foi ... se alinhando a esse viés teórico aí de vida...

_tem outras mulheres, assim, que antes dela, ... você falou da louça na casa da.. louça não, das tarefas domésticas na casa da.. mãe, da avó,... na sua família era você, sua...

_eu, minha avó, meu tio, meu irmão e minha irmã. (...) Ah, isso... no dia-a-dia é reproduzido até hoje, né, da mulher cozinhar, e do servir, e estar com a roupa limpa, e tantas outras coisas. E acho que depois que eu saí de lá que consegui tensionar algumas coisas, tanto com minha companheira, quanto nesses outros rolês, que me fizeram tentar enxergar de alguma forma diferente que eu não pudesse reproduzir algumas coisas, né? Mas... fiz um monte de coisas, também, né?

_E o que que.... o que que dá pra reproduzir desse 'outro homem'.

_Como assim?

_O que que é esse outro homem? O que não faz, o que não faz agressão, faz o que?

_(risos). Acho que respeita. Acho que respeita o espaço da pessoa que tá, tá convivendo contigo na sua cidade, na vida. Acho que essa outra pessoa, você busca o que eu busco, é esses outros princípios, né, de, de solidariedade, de apoio mutuo, de autogestão, de acreditar que a gente possa viver num mundo diferente do que a gente vive hoje. E acho que não é uma coisa que a gente faz assim, né. É uma construção do dia-a-dia, e eu pelo menos tento me construir no dia-a-dia repensando, pensando que eu não quero reproduzir uma série de coisas, e que eu quero reproduzir outras.

Análise do caso

Fabício cresceu em uma casa em que as funções de homem e de mulher estavam estabelecidas. Os cuidados com a casa cabiam às mulheres, ele ajudava com as louças. Conta posteriormente que o irmão que permaneceu morando com a mãe segue tendo os mesmos comportamentos, mesmo com suas críticas. Ao sair de casa, ele começa a se deparar com espaços em que estava em jogo sua participação na construção de novas regras, como alguns coletivos dos quais fez parte a partir da faculdade, a casa em que morou com mais 5, 6 pessoas, a sua casa hoje. E claro, sempre há a possibilidade – com chances aumentadas, inclusive – de continuar reproduzindo o funcionamento que fez parte da sua formação: o que conhecemos, em psicanálise, por repetição. É provável que nessa entrevista tenha me escapado o que nessa formação o predispôs a buscar, depois dali, pelos tipos de ambiente nos quais ele se inseriu, ao lado das pessoas com as quais ele conviveu/convive, e que lhe demandaram outras atitudes, enquanto lhe ofereciam outros discursos. Da mesma forma, pode me escapar o que nesses

ambientes e nessas pessoas ainda repete um modo “patriarca” de ser homem, ou de demandar a presença desse homem. Mas o que se sobressai é a marca da diferença que Fabrício busca experienciar. Ele se adapta, fecha as pernas, e lida com as dificuldades de não poder reproduzir tal modo de ser homem, abrindo mão de alguns privilégios, de alguma herança.

Ele precisa reprimir o “homem do patriarcado”. Diz que já agiu como esse homem, e ainda está aprendendo a não agir mais. Esse modo de ser homem ainda está nele, e sua força se revela quando, por exemplo, ele “nem mesmo precisa ver” o medo na cara da mulher com quem ele cruza na rua. Ele carrega a carga da ameaça e da culpa. E a repressão parece ser o principal mecanismo que usa para se defender destas, e que o leva a mudar de passeio. Esses atos também parecem ter uma função de reparação. Para além de uma culpa que podemos perceber quando ele conta em tom de confissão do que já fez de “mal” para as mulheres, essa reparação também parece vir, antecipadamente, para fazer frente ao desejo.

Olhando para as fotos, se as separarmos em dois grupos, um dos espaços externos (ruas, praças) e outro dos internos (cozinha, banheiro, ônibus) suas imagens parecem revelar uma contradição. Aquelas dos espaços externos, na sua maioria retratados com um ângulo bem aberto, representam, na sua fala, perigo. Já aquelas dos espaços internos, com ângulos bem fechados (focando a louça, a privada, as pernas), e que estão para contar de ações pela igualdade, transmitem uma sensação de opressão.

Durante toda a entrevista Fabrício tem dificuldades para nomear o que seria sua forma masculina de ser e agir através de representações positivadas. Quando tenta, logo o não-alguma-coisa retorna, principalmente o “não reproduzir”. O que não-pode-ser é também uma forma de ser. Mas parece que tão ou mais difícil do que reproduzir esse “outro homem”, o é apresentá-lo.

Ao final, quando pergunto a ele como foi participar desse processo, ele relata que “foi interessante”, e logo em seguida diz que “estava muito ansioso” e “aflito”, pois no Termo de Consentimento há um item que diz que o participante pode ser encaminhado para o serviço de atendimento psicológico da USP em caso de alguma necessidade provocada pela pesquisa. E conta de um alívio ao chegar no final e ver que isso não aconteceu. Ele então chegou naquele dia com interesse em dialogar sobre o tema, disse que acreditou que pudesse aprender com o processo e comigo. E também chegou com receio. O que talvez eu tenha entendido como uma timidez, ou formalidade extra por estarmos em um ambiente informal – minha casa, ou mesmo a própria do campo entrevistadora-entrevistado que não se conheciam. Depois percebo que a esse espaço estranho, de funcionamento ainda desconhecido, ele se adaptou, ocupando o seu

lugar de entrevistado, com as pernas bem fechadas, sem me causar qualquer incômodo. Só me contando ao final do seu desconforto, quando já aliviado e seguro.

4.5- Túlio

Túlio tem 35 anos, é branco, designer, não possui filhos. Sua esposa tem a mesma idade e é analista comercial. Ele foi bastante simpático, bem-humorado e disponível na sua participação. Nos encontramos a primeira vez em um café, e na segunda em uma biblioteca. Ambos os lugares próximos à instituição onde trabalha.

Ele começa:

Assim, como eu pensei na questão da masculinidade, questão de ser homem, eu tentei deixar claro nas fotos as coisas que estão no meu dia-a-dia e que me fazem lembrar disso, porque não necessa... Ser homem, ser mulher, é tão natural pra gente, né, é uma coisa tão, é... cotidiana, é, uma coisa animal até, que a gente não percebe quando a gente tá sendo homem e não tá sendo. A não ser por isso que a sociedade coloca pra gente, né, de homem não poder beijar homem, de homem não poder, ou então, a gente não poder ter um relacionamento mais próximo com homem, de amizade, por que isso mostra que você não é tão homem, sabe, essa questão do tabu. De resto, no dia-a-dia a gente acaba sabendo somente porque a gente escolheu um gênero pra se ... se.... relacionar e que não é o seu.

Nessa apresentação de como reverberou para ele o pedido “Fotografe a sua experiência cotidiana de ser homem”, Túlio sinaliza de onde entende que vem sua identidade de gênero: do natural, animal. Essa naturalidade é contrastada com algumas barreiras sociais, seus tabus. Seu afeto por homens é também inato, mas a sociedade barra de alguma forma sua vivência. Assim ele percebe o social pelo desencontro entre seu desejo e as regras sociais. Além disso, quando ele fala da escolha do objeto (gênero que não o seu) para se relacionar, ele torna essa ação voluntária (escolher), e com ela, adquire um contraponto por onde percebe sua masculinidade.

Fonte: quarto participante

Foto 1

_Aí, basicamente é isso. Então, por isso que eu coloquei essa foto com minha esposa, porque, basicamente, assim, o meu contato, a minha vivência com ela é, mostra a questão da minha masculinidade, justamente por eu não, por eu, ter optado pelo sexo oposto na minha cabeça, pensando como homem e como a gente compartilha o momento juntos, né... de eu, mesmo não... tendo aquele estereótipo do machão, não-sei-o-quê, eu e ela a gente compartilha muitos momentos juntos, seja na intimidade, seja na vivência do dia-a-dia mesmo, do cotidiano, homem-mulher, mesmo.

(...)

_Você consegue me dar exemplos, de momentos que você vê essa questão de ser homem do lado dela?

_Sim, é... vários momentos do, na relação, é, às vezes até por... lógico, é, aí eu vou olhar pra minha relação, né?

_Sim.

_De vários momentos a questão de força, né, de... assim, ser homem, ter um pouco mais disso, não no todo, né, mas, precisa abrir isso, precisa fazer não-sei-o-que, sabe, tipo, é..., tem coisas que eu consigo fazer e ela não consegue, e aí, nesse momento eu vejo, né, isso da questão de ser homem ou não.

_aham

_pode ser muito, sei lá, abrangente, mas é isso. Na questão da, do trato, também, né, da minha fisiologia, da questão do amor, e por aí vai, sexo, então assim, ali você acaba vendo, vendo o que é homem o que é mulher, né, não sei. Se eu tô sendo muito abrangente no meu... mas assim, na minha relação com ela basicamente é isso. Acho que essa foto tá aí pra mostrar justamente isso, né, a questão do por que eu me, eu me achar homem nesse processo todo. Né... a gente tem um relacionamento, é, heterossexual, eu me, a minha masculinidade tá ligada a isso também. Então, acho que é isso.

A esposa representa o sexo oposto que lhe dá a dimensão da diferença do seu sexo, mediada por uma relação heterossexual. Aqui, Túlio não diferencia sexo e gênero, e conta que a intimidade do casal (sexual) o faz perceber que ele é homem. A expressão “por eu ter optado por um sexo oposto na minha cabeça”, sugere que para ele a escolha de objeto não é mesmo instintiva, dada pelo corpo biológico, mas é “coisa da nossa cabeça” - “lugar” do pensamento (razão, consciência), como também do inconsciente. É também produção da cabeça (nesse caso de inúmeras cabeças, nos últimos séculos na história humana) que se designou que é homem aquele que tem relação sexual com mulher.

Foto 2

_É, no meu relacionamento, a (nome da esposa) não dirige, por exemplo, então, tudo que a gente depende de, pra dirigir pra ir pra algum lugar, e se locomover pra algum lugar, sou eu que acabo exercendo essa função...como homem. Então, dentro da minha, dentro da minha vida, ser homem também pertence a isso. Eu tô tentando, tô indo com ela, pra, tipo, ela já tem carta, tudo, mas ela tem medo, então eu tô, em vários momentos, indo com ela, dirigir junto com ela, pra ela ir pendendo o medo, tal. Então a gente tá numa construção junto disso. Mas hoje no meu relacionamento, na minha vida, quem dirige em casa sou eu. Então por isso que tem eu dirigindo aí. Então, essa construção tá sendo feita pros dois terem esses momentos, e tal, os dois podem fazer a mesma coisa, mas no momento sou eu. Então aí eu me vejo nessa

_Você falou, “quem dirige em casa”.

_Quem dirige em casa, é, exato. Então na minha casa hoje quem dirige sou eu.

_Eu fiquei pensando noutro sentido de dirigir.

_Não...

_Por que...

_Pode falar.

_Porque naquela hora que você falou “quem dirige”, eu pensei na rua, e não em casa. Dirigir no sentido de carro.

_Ah, entendi. Então, eu coloquei justamente eu no carro por causa disso, eu pensei nessa parte relacionamento, eu como homem na minha casa, não na sociedade. Eu na minha casa hoje, quem tem essa, essa função, sou eu.

_Mas você acha essa função mais ligada ao homem?

_Não, não acho, não acho. Acho que ela é bem abrangente, lógico. Homem e mulher dirige, todo mundo dirige, na cidade, né. Não é nem questão de gênero falando sobre isso

_Sim

_Mas como você pediu pra eu olhar o meu cotidiano

_Sim, sim

_E aí colocar o que eu, hoje eu me vejo nessa função, pensando especificamente no meu dia-a-dia. Mas eu não acho que a mulher, o homem, ou quem seja, isso é uma função ligada a masculinidade, feminilidade, por aí vai. É uma coisa abrangente.

_Aham

_Mas é que no meu cotidiano, sim. Hoje eu tenho essa função lá. Eu queria muito que ela dirigisse, pra eu poder beber.

A fala de Túlio sobre essa foto me trouxe uma dúvida: sobre que “direção” ele se referia? Meu estranhamento veio com a frase, repetida posteriormente, que relaciona dirigir com casa: “quem dirige em casa sou eu”. Na minha escuta, o campo do sentido “direção - automóvel” se rompe e eu entendo “direção da relação”. Ele se apresenta na direção do carro e conta da diferença prática que isso estabelece entre ele e a esposa – homem e mulher da casa. Mas na fala “dirigir em casa” pode ter escapado mais uma representação tradicional do “ser homem”, que exige dele e da esposa (des)construção conjunta.

Foto 3

Foto 4

Fonte: quarto participante.

Foto 3

_Então da forma que eu fui criado, é... a minha mãe me ensinou um pouco do contrário do meu pai, assim...

_hm

_Então essa questão de gênero, de masculinidade, de saber diferenciar as, a... principalmente a questão de... não é porque é uma mulher, que ela tem que ter uma função específica na casa, que tem que ser uma coisa combinada, uma coisa junto, construir as coisas juntos. Então, cê... uma pessoa que, por exemplo, achar que a mulher, quando você casa, a mulher que tem que lavar a louça, a mulher tem que fazer tudo, você tem que... então minha mãe me ensinou muito, de, se... Então, basicamente a minha masculinidade, como eu me vejo como homem hoje, é um pouco mais abrangente justamente por isso. Ela me passou esse conceito.

_hm

_Né, e eu levo pra minha vida. Então tem minha foto, é uma foto minha com minha mãe aí por causa disso. Acho que tipo, o que eu sou homem, hoje, e eu acho que é uma forma super positiva de agir em vários momentos, é, muito do conceito que ela me passou. Aí depois quando vier a foto do meu pai eu te explico como que por que o meu pai não é assim.

Túlio, de uma forma um pouco confusa, atribui à sua mãe a transmissão de uma masculinidade mais positiva do que aquela que seu pai lhe transmitiu. A mãe parece ter lhe

ensinado que cuidar da casa não é uma tarefa que determina o gênero. Voltaremos a esse ponto após a apresentação da foto do pai. Até aqui, ele apresenta as mulheres e fala da construção de sua masculinidade na relação com elas.

Foto 4

_Aqui é a questão de realmente, você possa, pô, precisa de um momento homem, sabe? Momento homem, que eu digo é, você tá com seus amigos bebendo, e conversando sobre coisas às vezes que não pode conversar na frente das meninas, aquela coisa bem do clubinho do bolinha.

_ahm

_Não que isso vá mudar, por que várias vezes que eu tô com meus amigos as meninas tão junto e não muda muito. Mas essa questão também de você ter esse momento, quando você tá com seus amigos, falando sobre coisas que talvez você não quer que as amigas, as meninas ouçam, e por aí vai, ou a minha esposa, a esposa dele, então eu coloquei essa foto pra lembrar dos amigos, também, os amigos mesmo, se encontrar... como as vezes as minas tem também de precisar falar sobre coisas que elas não querem que os homens falam, que os homens ouçam, e que elas se sentir mais a vontade. Essa foto tá aí pra mostrar justamente isso. É meu melhor amigo, a gente bebendo, dando risada, e é isso. Acho que é, eu também me sinto um pouco mais, é, é... Tem essa questão de você tá com, com os amigos mesmo, sabe. Essa questão da construção... daquele homem que às vezes é meio que o padrão, mas com algo diferente, sabe? Quer dizer, eu posso ser uma pessoa na minha casa... com a minha, com a minha, uma relação com minha esposa, com os, com a minha família, mas ao mesmo tempo também tenho isso que tá ligado muito ao padrão homem de, tipo, reunir com os amigos, beber, trocar ideia sobre várias coisas, sabe, então, não sei, eu coloquei essa foto mais pra lembrar disso também.

_Você pode me contar sobre esses temas que vocês podem conversar e que não é legal de...

_Sim, sim. Várias vezes a gente acaba falando sobre, muito música, mesmo, e que as meninas elas não gostam muito do tipo de música que a gente ouve, que é um rock mais pesado, e tal, e a gente acaba fumando cigarro, e as meninas não gostam que a gente fume cigarro, então, assim, é meio que (risos), é meio...

_Você fala “as meninas”, você tá se referindo a sua esposa e...

_À minha esposa, a esposa dele, porque assim, a gente tem uma galera muito grande, assim, e basicamente quando a gente faz esse clube do bolinha, aí, a gente acaba não, as meninas acabam não participando, não porque não é legal pra ... não é que a gente não queira, é mais isso... ah você precisa de um momento com seus amigos também.

_uhum

_Do mesmo jeito que às vezes, quando elas saem com as amigas, você ter um momento pra você. (...) É isso que é complicado, né. São vários temas. Até mulher, mesmo, né, tá muito ligado à gente, de olhar e falar puta, aquela mina é muito legal, e não-sei-o-que, muito bacana, e aí a gente acaba falando sobre essas coisas também, mas, é que, é abrangente. (...)

_Uhum

_Mas a minha esposa várias vezes tá junto comigo nessa também, isso é importante também falar.

(...)

_Você acha que nesses momentos também tem alguma coisa de ... é... porque com essa questão do machismo, também fica um “politicamente correto”. Você acha que nesse momento também isso dá uma suspendida?

_Olha, eu... eu tenho uma visão muito crítica sobre algumas coisas, então mesmo quando eu tô com pessoas que pensam diferente de mim eu acabo não indo pelo senso comum. Então, eu acabo às vezes batendo de frente com alguns pontos de vista justamente pra mostrar pra pessoa que aquilo é dif... que aquilo não é daquela forma que tem que ser pensado, né. Então, quando você disse pra mim que essa questão do ... do macho, de, da pessoa tá ali, e as vezes, cair nessa de conversar sobre coisas que às vezes você não falaria na frente de algumas mulheres, por aí vai, eu sou um pouco diferente desse ponto. Às vezes é isso que até alguns amigos meus mudaram um pouco a forma. Esse amigo mesmo, ele era super machista, super machista mesmo, do tipo: meu, eu não preciso fazer as coisas na minha casa, eu chego na minha casa tenho que ter cama e comida pronta”, sabe, e aí, com o tempo, esse tipo de conversa que a gente tinha, e eu mostrando meu relacionamento com a minha esposa, e aí colocando como era, ele foi mudando um pouco.

“Aqui é a questão de realmente, você possa, pô, precisa de um momento homem”. O que faz dessa cena mais “momento homem” do que as demais? Ele diz que essa se relaciona um pouco mais com o homem “padrão”. O tal Clube do Bolinha, pode ser visto como um espaço seguro ou confortável para o exercício-performance de uma identidade masculina “padrão”. Há uma rotina⁶¹ que forma o campo entre ele e os amigos, com a ajuda de elementos simbólicos como a cerveja, o rock em alto volume, o falar de mulheres sem mulheres, as “meninas”. A relação de amizade – embora ele tenha reconhecido no início que não é possível

⁶¹ Como redução consensual dos sentidos – conceito da Teoria dos Campos (Herrmann, 2001)

viver a intimidade entre homens com muito afeto ou proximidade – é parte dessa rotina que seleciona os sentidos protegidos dentro dos quais se dá tal relação. Há uma semelhança: todos homens. Qual o limite dessa semelhança?

Como a cena vai parecendo bastante estereotipada, e ele havia trazido pensamentos destoantes desse modelo anteriormente, eu quis saber para onde foram essas outras representações, suspeitando de que talvez fossem suprimidas ali. Percebo que eu também criei uma imagem estereotipada de Túlio, e tive dificuldades de integrar os “dois tipos” apresentados, que agora, pensando, não são necessariamente destoantes, apesar de alguns clichês parecerem não caber na mesma cena. Depois ele conta que esse amigo da foto era “super machista”, mas que naquela amizade e naquela cena foi possível partilhar a intimidade da discordância, relativa ao pensar e agir homem de cada um, inclusive afetando e provocando mudanças um no outro.

Túlio hesita em me contar, parece um pouco constrangido quando o faz, sobre um dos temas que eles conversam entre eles e que as mulheres não deveriam ouvir: outras mulheres. Penso que nesse momento o fato de eu ser mulher se antepõe à pesquisadora.

Foto 5

Fonte: quarto participante

Aqui é meu sobrinho, é o (diz seu nome). Então, esse aqui é... eu como homem, ele como um homenzinho, né, então quando eu saio com ele, e aí, por exemplo, aqui eu tinha ido com ele e com a minha esposa no cinema, então é a minha é assim, é uma forma de eu como homem,

também passar algumas... algumas ideias pra ele, sabe, da criança perguntar, eu não tenho filho, então... Eu tenho meu sobrinho então esse é o contato que eu tenho com criança, basicamente.

_hm

_E é um menininho, né. Então a gente, eu coloquei ele mais aí, aí mais pra isso, acho que, a formação dele como, como homem, vai ser um pouco diferente com a gente já ditando algumas coisas em casa que é importante pra ele aprender. Porque, a mãe e o pai dele também é meio ausente, assim, sabe, que é meu irmão. Então, muita briga, e tal, então eu coloquei essa foto mais por isso, acho que eu também como homem me vejo guardião dele, então aí é uma questão minha, mesmo.

_uhum

_Não sei se isso.... é que assim, é muito, aí eu volto na premissa desse... exercício que você me pediu pra fazer. É muito complicado você pensar no que é uma fotografia de, da masculinidade, ou de ser homem. Algumas eu coloquei aí basicamente porque, eu acho que é isso. Mas, em alguns momentos eu coloquei justamente essa questão de ligação com família, questão de criação, as pessoas que fazem parte do meu cotidiano, e que me veem como homem, e eu como homem fazendo parte da vida dessas pessoas tentando mudar algumas coisas que elas veem meio tortas, sabe.

_Hm

_Então essa construção eu acabei pensando nas fotos. Então você vai ver muita coisa ligada a minha família, muita coisa ligada a mim. Mas que basicamente me constroem, constrói o masculino na minha vida, sabe.

_Uma transmissão, do que é ser homem para esse sobrinho.

_Exato, porque, se uma hora ele se descobre gay, por exemplo, ele é meu sobrinho, eu vou ter total papel na, de tentar de alguma forma mostrar pra ele que ele também tá certo, que, sabe, mesmo as vezes tendo uma família muito ... uma família muito conservadora, então isso...

_Você tem?

_Tenho, uma família muito conservadora. E mesmo ao contrário, sabe, eu tô dizendo, lógico que, é, ele é muito criança pra saber isso ainda, mas eu digo que nessa questão da formação, a gente é ponto crucial na mudança ou, simplesmente, de um ombro amigo, ou de uma pessoa que ele pode contar.

Túlio começou e concluiu falando sobre a responsabilidade de transmitir ao seu sobrinho esse seu jeito “diferente” de ser homem. Ao seguir com a fala, ele entra nas suas

relações familiares, aparentemente conflituosas, e precisa voltar à pergunta da pesquisa para não se perder, ou se enveredar por um tema que ele chama: “mas aí é uma questão minha, mesmo”. As heranças que ele quer transmitir ao sobrinho, que não é filho, extrapolam o tema da masculinidade e ele prefere manter-se guardião desse “outro” assunto. Apenas conta que há algo nessas relações, e parece que principalmente entre os homens dessa família, que é visto de forma “torta”, por eles, visões que ele se responsabiliza por tentar mudar. Ele acredita que sua visão é correta, positiva, e é essa que busca transmitir ao sobrinho.

O painel do filme (Capitão América – Guerra Civil) do cinema é interessante pois mostra uma cena de disputa de olhares entre dois grupos que se opõem, e Túlio e o sobrinho estão no meio. Posteriormente ele conta da relação entre o pai e o irmão, e essa imagem ganha um novo sentido, a ser desenvolvido posteriormente.

Foto 6

Foto 7

Fonte: quarto participante.

Foto 6

_Esse aqui é meu cachorro. Como eu não tenho filho... E aí tem essa brincadeira, né, do tipo, pessoa falar que meu cachorro é cachorro de menino... de mulher.

_Ah é? Como que é um cachorro de mulher?

_Então, é isso que é o problema, né. As pessoas acham que cachorro pequenininho, super fofinho, é cachorro de menina, né.

_É...

_Homem tem que andar com cachorrãaaaao... Inclusive esse meu amigo, ele fala, ele tem um yorkshire, e aí ele não anda com ele na rua porque ele acha que ele não anda com o cachorro que ele tem vergonha. (risos) (...) Quer dizer que o cara tem que andar com um pitbull na rua, um pastor alemão, pra ele se mostrar o macho? E não, sinceramente, né? A questão mesmo de você, é o seu animal de estimação, por aí vai, então eu coloquei aí pra gente... chamar um pouco pra esse tema mesmo. Por que tem isso, uma galera não gosta ... falo, meu, isso é besteira, cara. Tipo: você acha que alguém vai olhar pra você na rua e vai falar que você é gay, que você tem um yorkshire? Logico! Falo: porra!

_Esse olhar dele tá, não tá nada delicado, ne?

_Cê vê que os dois tão meio mala na foto, né meu. (...) Eu tive uma época uma crise de síndrome do pânico, com ansiedade forte. Foi por estresse. (...) E quando eu tive isso, eu resolvi, de alguma forma, ter algo a mais na minha vida pra me, pra... me... distrair um pouco, sabe? E aí foi quando ele veio.

Túlio tem uma relação com seu cachorro que, segundo ele, não se deixa afetar por preconceitos, como acontece com seu amigo. É o terceiro exemplo de outro homem que ele traz e usa para se diferenciar.

Esse relato nos mostra o quão irracional pode ser uma representação que dá a alguns homens sustento para o lugar de macho.

Foto 7

_Pela questão da vaidade. Tem uma outra foto também, mas, questão da vaidade, de você, dessa construção do homem que não pode ser, não pode ter cuidado com a barba, não pode ter cuidado com a pele, não pode ter cuidado com o cabelo, não sei... Sabe? Não pode se depilar... Então acho que, na minha construção como homem eu sou livre desse tipo de amarra, sabe? Não tenho muito isso, do tipo, que nem eu disse, desse macho alfa, que tem que ser aquele ogro, e tal, então, eu, Túlio, como homem, não me percebo dessa forma. Então, eu me deixo, me deixo, eu acho que tem coisas que não dá pra você falar assim: Puta ficaria... Não, eu sei que assim é melhor, eu, sei lá, sem um pêlo no sovaco, mas eu não tô nem aí pra isso, sabe, de deixar só pra dizer que eu sou homem. Prefiro mostrar o contrário. A mesma coisa

aqui: ter vaidade, se cuidar também, e por aí vai. Acho que na minha construção do masculino eu trago isso muito forte.

_E você acha que isso é desde sempre, ou teve...

_Foi desde sempre, pra mim. Desde mais novo. Por que eu sempre fui vaidoso, né, mas eu sempre fui meio larga... vaidoso meio largado, que eu digo é assim, então, eu, os meus momentos, sozinho, Túlio, eu super me cuidava, sempre me cuidei. Mas sempre andei um estilo mais despojado.

_hm

_Isso, às vezes, mascara um pouco. E antigamente era muito pra isso, mesmo. Sabe?

_Hmm

_D'eu querer ter esses momentos meus, e tal, de ter um pouco mais de vaidade, mas o meu jeito mostrava que eu continuava sendo o machão, sabe? Com o tempo, isso falo quando eu era mais jovem, mesmo, bem mais jovem. Hoje eu tô com, vou fazer 35 anos, então, faz um bom tempo que eu já não sou assim. Né? Hoje em dia já não tô nem aí pra nada, sabe? De mostrar isso, de falar que eu faço.... de ter um julgamento. Mas antigamente essa questão do julgamento ela existia entre seus próprios amigos. Então você ficava as vezes sofrendo piadinha. Então eu era um outro cara.

_aham

_Então, isso também é a construção do meu, do homem, né, pra mim.

Construção é uma boa palavra para o que Túlio descreve: implica em algo que não está acabado, um processo de transformação, de se olhar e se (re)pensar. Houve um Túlio que precisou esconder sua vaidade e os cuidados com sua aparência no estilo despojado, largado, de macho. E há um, agora, que se exhibe, com vaidade, realizando esses cuidados, o que para ele significa a libertação de algumas amarras.

Foto 8

Foto 9

Fonte: quarto participante.

Foto 8:

_Daí, com meu pai. Então. Esse senhor (diz seu nome), ele é um cara super... ograão. É o cara que, quando eu era mais novo, tava andando de carro, e falar: meu, tá vendo a menina? Bate na bunda dela! No carro. Aí eu falo: “Cê tá louco?” Tipo, era esse tipo de coisa que eu via, sabe? E... é muito da criação que o meu pai teve também, porque meu avô era super machista também, mas era uma visão que ele sempre teve e que eu não gostava. Era uma, um perfil meio que eu não gostava. E... principalmente na forma de lidar com as pessoas, né. Aquela questão de, desde... até mesmo de preconceito com... preconceito com o homossexuais, ou negros, meu pai ele tem um pouco... apesar de ser meu pai, né, cê olha assim, mas... eu amo meu pai, de todas as formas. Sei que ele tem os pontos, os defeitos deles, mas, se eu fosse uma pessoa que tivesse levado muito o que o meu pai fala, à risca, e não tivesse minha própria personalidade, eu não tivesse o contrabalanço da minha mãe, eu seria uma pessoa totalmente diferente do que eu sou hoje.

_aham

_Então coloquei meu pai aí justamente pra lembrar disso. Acho que dentro das famílias, às vezes existe, é, esse lado que pode puxar mais o homem pra ser um cara mais, é, ograão, um cara mais bruto, sabe, em algumas partes. Só que geralmente a voz da mulher é abafada por

esse cara. Então, muitas vezes a mulher, quando ela tem voz na família, como a minha mãe tem, de meu pai respeitar o que ela fala, isso ajuda um pouco na formação, porque, eu peguei o que é bom na minha mãe, peguei o que é bom no meu pai. Meu pai pode ser ruim em várias coisas, nesse ponto, mas em outras ele é super bom. Então acabei pegando um pouco dos dois. E aí vai da minha construção também como pessoa, minha personalidade. Por que eu podia ter falado “ferre-se” pro restante, entendeu? E ... me parecer um pouco mais com o meu pai. Mas não, eu resolvi me construir de uma forma diferente, né.

_É... eu fiquei imaginando como é que fica essa convivência, né.

_É bem difícil

_Por que seu pai faz, manda passar a mão na bunda, e sua mãe fala: ó, homem também lava a louça.

_Exato

_Então, e em casa? Como é que....

_eu acho que por isso que eles estão juntos a tanto tempo, né. Eles acabam sendo um o oposto do outro, e aí um meio que complementa o problema que o outro tem. Minha mãe sempre foi muito de ouvir. Minha mãe sempre foi muito de falar o que ela acha, mas de uma forma mais doce, sabe? E meu pai, ele é muito visceral, então assim, nas coisas que ele falava, então é sempre aquilo, é sempre aquela coisa, sabe, “cara, você tem que trabalhar, tem que ser não-sei-o-que, por causa disso, e disso...” De alguma forma, na minha educação me ajudou muito, por eu ser um pouco mais obstinado a ir atrás das coisas e tal, com essa parte do meu pai. Por que minha mãe, ela acabou sendo dona de casa por muito tempo. Então, minha mãe saiu fora do mercado de trabalho quando ela me teve. Eu sou o filho mais velho, somos em três irmãos. Eu sou o filho mais velho. Então são diferenças de dois anos pra cada um. Então minha mãe teve três anos, numa diferença de cinco anos, teve três filhos numa diferença de cinco anos. Então minha mãe foi por muito tempo, meu pai era bancário, então, trabalhou muito tempo em banco, e minha mãe sempre tra.. ficou em casa. Então meio que ela não tinha nem como saber um pouco mais, a minha mãe tinha 19 anos quando ela teve, me, tipo, 20 anos quando ela me teve.

_hmm

_Então também era uma construção da menina pra mulher, ainda, sabe? Então ela acabou, meu pai era mais velho, 10 anos mais velho que ela, então ela acaba aprendendo muita coisa com meu pai, na vida. (...)E o meu pai ele é super xiita com isso, sabe, um cara de direita, conservador... Mas.... é, ele tem todo esse pensamento construído daquela pessoa que, cara, cê é homem, cê é homem, sabe? Uma mulher, você tem que... namorar com uma mulher que,

sabe? tipo, vai te dar um filho, que vai cuidar da casa. e no final das contas a (nome da esposa) é totalmente o oposto disso, tipo, ela dá na cara das pessoas, sabe, tipo, falar assim: Não, eu não tenho que ser assim, sabe? No meu relacionamento com a (nome da esposa) é super aberto por conta disso, aberto que eu digo nesse ponto é, não existe o que você faz e o que eu faço, determinado por gênero. Todo mundo faz tudo, por que a gente usa a mesma casa, é nossa, dos dois. Entendeu? Então, muito, ele foi aprendendo muito com a gente também, nesse ponto. Então acho que, voltando ao que você me perguntou, a construção em casa, ela acabou dando certo justamente por ter os opostos. Então uma hora meu pai falava uma coisa, né, e a minha mãe às vezes falava a mesma coisa que ele, só que de uma maneira diferente. Cabe você ouvir aquilo e explorar, você tira, mesmo da coisa ruim, você tira coisas boas, né? Então acaba acontecendo isso na minha vida toda, né. E na minha família, os homens são machistas. E as mulheres eram super diferentes, assim, nesse ponto. Né, de não ser muito, ter voz em casa. Sempre tiveram. Não é aquela mulher submissa. Sabe? Ah, o homem, o que ele falou, baixa a orelha e tal. Então as mulheres sempre tiveram muita voz. Até porque a minha vó, ela tinha muita voz. Ela tinha mais voz que meu vô.

_hm

_ Então, aquela mulher forte, guerreira. Então, isso acabou dando o tom pras mulheres da família. (...) Lógico que a vida, ela ensina um monte de coisas pra gente mesmo fora de casa, mas, é o berço que te mostra, os primeiros momentos, e tudo mais, a construção...acho que é isso.

O pai de Túlio lhe transmitiu um jeito “ogirão” de ser homem, desrespeitoso e até abusivo com as mulheres, o que ele acredita ter sido uma herança passada do avô para o pai. Mas algo aconteceu que interrompeu ou alterou tal transmissão. A hipótese da voz materna ativa é apresentada por Túlio, mas, segundo ele, a avó também tinha voz. É provável que junto a tais vozes, algo mais tenha favorecido com que Túlio exercesse outros modos de ser homem, e ele mesmo diz: “a vida ensina um monte de coisas pra gente mesmo fora de casa”. Acredito que fora de casa estava/está um contexto que tanto requisitou quanto autorizou Túlio a romper com a herança “ogra”, e conseguir respeitar as mulheres para além de dentro de casa. Nesse momento, que começa quando ele se recusa a “passar a mão na bunda” da garota na rua, e se consolida quando ele pode mostrar suas vaidades e pode escolher uma parceira com um perfil diferente do que o pai desejou para ele, Túlio consegue inclusive inverter a transmissão e mostrar ao pai uma forma não-ogra de ser homem.

A posição da mãe, tão jovem, e tão mais jovem que o marido – que é colocado como a principal fonte de conhecimentos sobre o mundo para ela –, mulher que abriu mão do trabalho para cuidar dos filhos e que não continuou os estudos, poderia corroborar com a transmissão do modelo patriarcal e machista que o pai, provedor e dono do conhecimento, trazia e transmitia de herança. Porém, na fala de Túlio ele reconhece que, por mais que a mãe habitasse esse cenário, sua voz dava o tom da relação e afetou a transmissão. Num momento ele a coloca quase como tradutora do pai, aquela que dizia o mesmo que ele, mas de forma diferente. Isso parece tê-lo ensinado a filtrar, transformar os discursos. Túlio filtra os defeitos do pai para conseguir ver a boa herança, se identificar, ter afeto. É esse afeto que, ao final, pesa na fala sobre o pai.

Foto 9

_E aí a questão da construção também do que eu... d'eu com os meus pares, né, assim, que eu digo, é... a minha família, o meu irmão, meu sobrinho, o meu... tenho essa, essa, esse negócio de abraçar, de estar junto, de beijar, sabe, de afeto, mesmo, por eles, e é muito, às vezes é meio difícil você ver em algumas famílias, até a relação entre irmãos, de ser aquela coisa mais travada.

_Hm

_Tudo bem, você tem alguns momentos de você dar um abraço no seu irmão

_Aniversário e Natal...

_Aniversario e Natal, você dá um abraço, um beijo no seu irmão, sabe?

_Aham

_E a gente não, sabe, meu irmão... Então por exemplo, meu irmão tá numa puta “bad”, lá, tá desempregado, tal. Ontem eu fiquei basicamente a tarde inteira conversando com meu irmão. Eu coloquei essa foto mais pra mostrar isso, né, ali a família, mesmo, o meu irmão, e o filho dele, nessa questão do masculino e muitas coisas de, muita questão de como meu irmão me procura pra pedir uma orientação, pra pedir conselho, de como eu sou pra ele o irmão mais velho, mas também como ele fala, um guru pra ele.

_uhum

_E acho isso muito bonito, porque é difícil as vezes pr'um homem também se colocar, falando porra, meu, eu, eu não tenho pai, mas eu tenho um irmão, sabe? Por que hoje ele não consegue, meu pai não fala com meu irmão mais. Chegou um momento que criou um atrito tão grande entre eles, que o meu pai não conversa mais com o meu irmão.

_Caramba

Então toda vez que ele vai querer tocar num assunto sobre alguma coisa, falar com meu pai, ou meu pai falar com ele, é sempre atrito. Eles não batem muito. Não é? E aí acaba meio que eu sendo meio que para-raio dessas coisas. (...) Então, essa construção tipo, então, eu como homem ali, como um agente ali dentro daquela casa também, acabo tendo esse afeto com meu irmão quase como um pai pra ele. (...) Então é isso. Eu coloquei mais por essa questão do afeto, mesmo. Do homem, sabe?

Mais uma vez o afeto na fala de Túlio é algo que se sobressai. Ele apresenta o irmão e o sobrinho nessa foto em um tom de voz suave, sorri quando fala. Ele começa demonstrando esse afeto e termina nomeando.

Como antecipei no comentário sobre a foto do cinema, ele e o sobrinho estão no meio de um conflito entre seu pai e seu irmão. O pai e provedor da casa parece cobrar do filho (seu irmão) que ele trabalhe e sustente seu filho, como ele o fez. Ele está desempregado e teve um filho jovem, como sua mãe. Túlio não é pai, como ele disse algumas vezes, mas trabalha e é casado. Pode discordar com o pai, mas não briga, como faz o irmão. Na relação com o irmão mais novo, no contexto desse conflito, às vezes ocupa um lugar do pai, de uma figura paterna que pode oferecer afeto, compreensão e conselho, como um guru, que consegue adivinhar as necessidades do irmão.

O homem Túlio existe com afeto. Ele marca esse seu jeito de ser e de ser um homem assim, por reconhecer esse aspecto como diferente, ausente em outros homens, como no próprio pai, mas que não lhe retira masculinidade, apenas a diferencia.

Foto 10

Foto 11

Fonte: quarto participante.

Foto 10

— É, aí é, é o que eu falei pra você, que lá em casa a gente não tem... o departamento.... o departamento é de todo mundo. Lá é serviços gerais, como eu te falei, a gente brinca. E é isso, aqui eu cozinhando na minha casa. Esse aí é uma parte que eu cuido mais, lá em casa quem cozinha sou eu, esse monte de coisa, adoro cozinhar, inclusive, é uma das coisas que eu adoro, mesmo. E essa foto foi a (nome da esposa) que tirou, eu falei: meu, preciso tirar uma foto aqui, o masculino, do homem aqui em casa, porque eu que cozinho aqui nessa casa, eu que sou dono desse departamento. Ela: meu, tem que ser você mesmo. E ela tirou a foto. E é isso, acho que lá em casa, desde o momento que a gente foi morar junto, tal. Então, aqui é como se a gente tivesse numa, num lugar que a gente, todo mundo faz de tudo pra manter esse lugar em pé, sabe?

—hum

—Não tem isso aqui é coisa de homem, isso aqui é coisa de mulher. Como eu te disse, existem as coisas que meio que possibilitam ela fazer, por ela não ter força e aí eu tenho. Então acaba me pedindo. Mas é só isso. Só essa mudança que existe. De resto, quando ela não pode fazer uma coisa eu faço, a mesma coisa pra ela, então esse é um momento de eu na minha casa, tinha acabado de chegar, eu já peguei, vesti, tipo coloquei uma roupa pra ficar em casa, já fui

fazer comida, e ela tava na sala, sabe? Então assim, tipo, vai lá, fica de boa que eu vou fazer comida. Né? Totalmente inverso do que, tava conversando com você sobre como era as vezes na minha família, ne? Do tipo, meu pai chegava em casa do trabalho, como minha mãe era dona de casa, tinha que estar tudo prontinho, pra ele comer e tal. E se não tivesse, reclamava. Então na minha casa não é assim.

_E ela que bateu a foto. Vocês conversaram sobre essa tarefa?

_Conversei, conversei.

_Como é que foi?

_Falei pra ela de como que ia ser, de como que, como era o processo. Eu mostrei a... o que eu assinei, que você explica lá um pouco, tal. Ela achou super legal. Só achou, “pô, vai ser difícil, porque não é fácil”. Eu falei assim: “é, pensa você fala... tirando foto sobre a sua feminilidade.”

_aham

_Né, sobre ser mulher. Ela: “é, não é fácil”. Eu falei: “você vai me ajudar em alguns momentos”. E ela me ajudou, tirando foto em alguns momentos e tal. Mas é isso. Ela, achou super legal. Não é a toa que, tipo, pra mim e pra minha esposa o jogo é aberto, entendeu? Falei, tipo: puta, vou encontrar com a Mariana, vou não-sei-o-que. Que pra ela não tem problema, sabe? Tipo: “Vai lá ajuda a Mariana.”

_Uma pesquisadora mulher.

_Uma pesquisadora séeria!

_(risos)

_(risos) Né, porque em alguns casos pode rolar esporra, né, meu. Pode: como assim você vai se encontrar com uma ? Por que que eu coloquei a minha foto aí, do, dessa questão do...

_Mas deixa eu só voltar nesse ponto. Você acha que, por eu ser mulher... E se fosse um homem? Tirando essa questão da sua relação com ela e de você jogar aberto e dizer, mas aqui comigo, né, o jeito de falar? Você acha que muda alguma coisa?

_Eu acho que, pela questão do tema, não.

_ahm

_Como eu te disse, eu sou assim no meu dia-a-dia. Eu não tô fazendo um tipo, aqui. Então, acho que se fosse homem eu taria respondendo as mesmas coisas sobre mim.

_Aham

_Né, até porque, pô, vou colocar pra uma pesquisa algo que eu não sou, vou ser falso, né? Então, seria meio estranho.

Túlio, com essa foto, estabelece mais uma diferença entre ele e outro homem, que entendo como aquele da masculinidade tradicional. De forma diferente à relação dos pais – que se enquadra no modelo tradicional – ele cozinha para a esposa enquanto ela descansa na sala. Sua presença na foto como fotógrafa me leva a perguntar sobre sua participação no processo. Túlio conta que ele escolheu a cena, compartilhou com ela a ideia, e teve seu incentivo e clique. De certa forma ela manteve de pé o lugar que ele quis apontar na foto. Respondendo à minha pergunta, ele conta que contou a ela sobre a participação na pesquisa, e que essa incluiria encontros com uma pesquisadora mulher. Eu marco esse ponto (mulher) na minha fala, e ele marca outro: “pesquisadora séria”. Essa troca parece buscar dar relevância ao atributo que importa, e ao mesmo tempo dispara a explicação de outra diferença entre ele e/ou eles (o casal), e outros homens e casais: para eles isso não é problema, não dispara ciúmes ou desconfianças. O reforço sobre a seriedade da pesquisadora parece amparar essa negativa. Da mesma forma, quando ele conta que a esposa achou legal a pesquisa, ou sua participação, e isso o leva a dizer “não é à toa que... o jogo é aberto”, ou seja, o incentivo da esposa corrobora sua aposta nessa forma de se relacionar. Uma forma que estabelece diferença entre as mulheres: a esposa, a amiga, a pesquisadora.

Foto 11

_ Então, e aqui é a questão de... eu me cuidar, também, né, da questão de, pô... muitas vezes eu vejo, é... e aí eu volto à questão da minha família, né, de tipo... Meu pai tem um problema, e não vai no médico, fala: ‘Não, não vou no médico. Eu vou, tipo, eu vou ser forte, isso aí vai passar, eu vou tomar alguma coisa, e tal’... E aí, não, tipo, eu tava com um problema que começou num sábado, ou num domingo, e na segunda-feira, na terça, eu fui pro hospital, sabe. E a questão de você não ter isso, também, acho que você precisa. E nesse dia eu perdi a minha virgindaaade! (risos)

_(risos)

_Perdi a minha virgindade, do homem, e tal (risos)

_(risos)

_Por que eu acabei tomando, tomando uma.... um contraste, né, pela via...

_Via anal

_Via anal, e aí, porra, cara, aí cê fica abalado. (risos)

_(risos)

_Pô, agora, fiquei abalado, cê fica abalado. Eu tô brincando, mas tipo... nesse dia eu acabei indo pro hospital, e aí essa questão de se cuidar, de ir atrás do, dum tratamento, ir atrás de

alguma coisa, não ficar ligado a isso, que tipo, que você é mais forte do que outra pessoa, então você vai resistir. Existe muito isso de tipo a pessoa ser durona, e tal, comigo não tem, por isso que acabei mostrando essa foto, eu com essa cara de bunda aí. Mas é... é basicamente isso. Eu coloquei essa foto pra simbolizar o que eu, se eu tenho um problema eu vou atrás. Igual... Quando eu tive o problema de ansiedade, é... eu fui atrás de, eu tentei com psicólogo, e eu via que meu problema não era... relação. Né. Ansiedade, isso foi gerado um trauma no meu cérebro, né. E a questão da serotonina, mesmo. Então eu precisava tomar remédio. E aí, porra, meu, eu ver a galera falando... ou, psiquiatra é medico de louco. Você pode, não tem que ir num psiquiatra. E mesmo assim eu falei: não, cara, acho que se tem um profissional que pode me ajudar é esse cara. (...) E aí eu fui atrás, e aí é muito de mim, sabe, do Túlio, como eu me vejo, tipo, eu preciso de ajuda. Esse lance de eu pedir ajuda, de eu ir atrás de ajuda, faz parte do homem que eu sou.

Em mais uma cena, o espelho negativo de Túlio é o pai, e ao mesmo tempo, o homem “tradicional” – aquele que se recusa a procurar ajuda médica. Ele não é esse homem.

Túlio usa a palavra cuidado quando fala de saúde e estética, ou vaidade. Nos seus cuidados com a saúde, ser forte significa procurar ajuda, fazer o tratamento indicado pelo profissional. Diferente de resistir aos sintomas, ou se curar sozinho. Quando anuncia o que aconteceu no momento anterior a foto, a “perda da virgindade masculina”, Túlio o faz mudando o tom, de sério para brincalhão, e dou risadas junto com ele. Uma forma de suspender o constrangimento “tradicional” relativo ao tema dos exames ou procedimentos médicos no ânus dos homens, um tabu. É possível para ele falar sobre esse tema, com relativa tranquilidade, mas parece que facilita usar da brincadeira. Essa talvez tenha uma função: atenuar o processo de quebra desse tabu e de transformação do homem regido por ele.

Foto 12

Fonte: quarto participante

Então, é a questão que eu te disse àquela hora. Questão de se cuidar, tal. Eu, por exemplo, raspo embaixo do braço, odeio, acho que é ruim porque, porra, meu, é muito melhor você ter um braço lisinho aqui pra você passar um roll-on, sabe. Tem aquele lance do cara usar spray, eu gosto de roll-on, e aí que é mais fácil pra passar, não fica ensebado. Então eu me cuido, e aí volto de novo aquele ponto de você, dessa questão da vaidade, de você também se, fazer as coisas que você achar mais prática, sem colocar a questão do gênero na frente. O que é melhor pra você? Sabe? O que você gosta mais? Ah, você raspa o braço, cê é bicha! Não, cara, acho que não tem nada a ver, sabe? Então, eu não tenho esse bloqueio. Então essa construção do masculino minha ela é diferente nesse ponto. Eu não ligo nesse tipo de coisa. Eu só não acho que eu chegaria ao extremo do Cristiano Ronaldo, do cara ser extremamente vaidoso, aí eu acho que também já é um problema. Ser extremamente vaidoso é,... tudo bem, é a pessoa ali, a gente não pode também ter esse preconceito. Mas eu já acho que aquilo é o extremo. Eu tento ser um meio termo. Nesse ponto. Ou então não me colocar amarra mesmo, do tipo, esse tipo de coisa é minha vaidade, eu gosto assim, acabou.

Túlio entende que uma questão de gênero muitas vezes é colocada entre o indivíduo e o que ele deseja fazer ou ser, interferindo nas suas escolhas. Alguns cuidados que ele tem com seu corpo são considerados próprios do feminino, mas ele entende que essa pertinência é uma construção que não lhe faz sentido, ele sabe que raspar os pelos das axilas não o transformará em um homossexual ou uma mulher. Ele diz também que um exagero na vaidade representa

um excesso, sinaliza problema, mas não parece relacionar tal problema à uma perda de masculinidade. Atender a uma “questão de gênero” que se coloca entre ele e seu desejo significa, para ele, uma amarra. Túlio preza/ busca ser livre desse tipo de amarra.

Ao final da entrevista, pergunto:

_E aí, como é que foi?

_Ah, eu acho que, assim, Mariana, eu acho que, eu acho legal, eu gosto, às vezes, que nem a, você, eu te conheci através da (nome de uma amiga que o indicou), né. Às vezes eu tenho esses papos com ela. E ela é muito cabeça. Então as vezes eu quero saber as coisas que ela acha, sabe. O que cê acha disso? Pergunto... As me... Assim, eu sempre tive um relacionamento muito legal com mulheres. Mesmo! Assim, de amizade. Não ficar só ligado, por exemplo, pessoa fala, “ah, que homem não pode ser amigo de mulher”, sabe? Eu nunca tive muito isso. Pra mim, lógico, em alguns momentos, quando você é solteiro, mulheres que você se relaciona, às vezes você tem atração, e acaba rolando. Mas pra mim nunca foi uma, uma coisa óbvia, do tipo: não, eu só tô tendo interesse de ter amizade com essa menina por causa disso. Eu sempre tive muitas mulheres, e assim, é, fui meio que tipo, aquela pessoa que ouvia, entendia o lado, sabe, da pessoa... A mesma coisa com elas, às vezes eu contava coisa minha. Pra você ter uma ideia, dos vários relacionamentos que eu tive na minha vida, nenhum dos meus relacionamentos acabou com atrito. Do tipo brigou, sabe? Não rolava mais o afeto de ser uma pessoa que tava ficando com ela, ou um namorado, mas eu mantive a amizade. Então, assim, sempre tive muito isso na minha vida, então acho que é por causa do jeito que eu sou mesmo, de conseguir ouvir, de conseguir entender, e é da forma como eu me relaciono com as pessoas. Sou uma pessoa que não tem inimigo, sabe? Aquela coisa de ter tretinha com os outros. Esse é o meu jeito, do Túlio. Então acho que eu ser um pouco mais comunicativo também me ajudou muito na minha vida, sabe, de eu ter isso, de expor, e também não ter vergonha de expor sobre as coisas que aconteceram comigo. (...) É como eu disse no começo, isso é tão suuu... tão natural, pra gente, se a gente não tratar dentro desse processo, de como é o seu trato do masculino, como homem, com outras pessoas, outros gêneros, ou seu próprio gênero, você não consegue olhar pra você tirando, tirando a foto, entende isso?

_Como é que é?

_É, eu só consigo entender eu como homem aí, tendo essa parte da masculinidade, quando eu olho pra fora.

_hm

“Como é a minha relação com as pessoas. Quando eu olho pra dentro, é o que eu te disse, aí é o meu, a minha vaidade, aí é a minha forma de me relacionar com os meus pares, ou com a minha família, mas é sempre isso, sempre tem um terceiro na jogada pra eu conseguir entender como é que é. Né, por que, como eu disse, é natural pra mim ser homem, você não acorda todo dia falando “eu sou homem”. Então, é, você tem que sempre olhar pra fora, tentar buscar nesses outros pontos pra você entender. (...) E é, esse, essa convivência com pessoas que já tem uma visão um pouco mais aprimorada sobre isso que fazem com que você aprenda e você começa a pensar, puta, é verdade. (...) Então assim, existe muito... entre os homens, essa cultura um pouco de, olha, apontar o dedo e falar: é assim, é assado. Ninguém pensa no meio termo. Ninguém pensa que isso não é dessa forma que é construída. Que simplesmente as pessoas se relacionam. (...) Então é isso, acho que é a, questão da construção do gênero, é, ela vem sim, com aquela lente do que seus pais te passaram, né, de como você aprendeu, mas cabe a você, é, entender um pouco mais ou se colocar, colocar sua personalidade no meio e tentar entender, ser curioso, buscar, sabe, conhecimento sobre isso. Porque eu te disse, aprendi também muito com mulheres, o que é ser feminista, sabe? E eu dou muito valor a essa luta. (...) Mas é isso. Essa construção do cara. Isso aí.

Análise do caso

Túlio conta que para se ver como homem foi preciso fazer um exercício no olhar, já que para ele essa é uma experiência, de certa forma, natural. Podemos, de outra forma, dizer que ser homem se trata de parte integrada e indissociável do Túlio-todo, o que vale também para os demais casos. O que vai se desenhando do homem Túlio – e aqui nós também fazemos esse exercício de depuração – a partir de cada foto em que ele tenta responder ao pedido da pesquisa é, principalmente, o que lhe difere do homem tradicional, “ogirão”, machista, sem que isso estabeleça uma oposição completa, já que há “tradições” que permanecem nele. Ele demonstra afeto, pode ser amigo de mulheres sem interesse sexual, realiza tarefas domésticas, sai com o cachorrinho sem se envergonhar, se depila. Diferente dos outros entrevistados até agora, ele positiva essas ações e maneiras de ser como partes do Túlio homem, da mesma forma que o faz quando se refere às referências tradicionalmente relacionadas com o masculino com as quais ele se identifica, como ter vida sexual com a esposa, dirigir e beber cerveja com os amigos.

Na construção de sua masculinidade, Túlio dá créditos principais ao seu pai e à sua mãe, juntos, e à relação entre eles, às suas diferenças somadas. O pai é machista em vários pontos, mas respeita a esposa. A mãe deixou o emprego para cuidar dos filhos e não estudou, mas não

é submissa ao marido, tem voz forte, mesmo quando doce. É na relação entre eles que os pontos altos e baixos de cada um puderam ser notados por Túlio. É na sua relação com eles, e da mesma forma com a esposa, com as amigas, os amigos, etc., que Túlio pode identificar em si aspectos do masculino, tantas vezes misturados com outros aspectos de cada relação. Como ele mesmo explica, para cada foto, ele partiu de uma referência “de fora”, que muitas vezes era a não identificação com o típico machista, lugar que seu pai ocupou por algumas vezes.

Túlio se coloca como um homem diferente. Há uma valorização, um reconhecimento de que sua diferença é para o melhor, mas não há uma oposição completa, como: homem ou não-homem, nem uma implicação do tipo: não homem tradicional, logo, mulher ou gay. Não há também a sugestão de um novo modelo. Ele repete algumas vezes que está se referindo a particularidades dele. As referências externas que aparecem nas características que Túlio trouxe, parecem ser possibilidades dentre várias, que podem fazer parte do cotidiano.

Do início ao fim da entrevista, Túlio fala de afeto. Praticamente todas as suas fotos trazem as pessoas mais próximas a ele, e suas falas demonstram seus sentimentos por essas pessoas. E ele está ali, junto delas. Pouco antes de nos despedir, ele se desculpa por ter me deixado esperando por ele numa outra data em que marcamos a entrevista, quando aconteceu um mal-entendido. Disse que “ficou triste” quando viu que eu tinha me deslocado para encontrá-lo, em vão. Não há como falar do homem Túlio sem falar do afeto, que até comigo apareceu. É também parte de sua personalidade não se colocar em conflito com as pessoas, sejam elas seu pai, seu irmão, ou as mulheres – esposa, ex-namoradas, colegas de trabalho, pesquisadora, etc., um caminho que tende a favorecer que o afeto permaneça. Dessa forma, com esses dois aspectos que perpassam a relação de Túlio com as pessoas, é compreensível que ele não entre em disputas de gêneros, e não se sinta ameaçado pelas conquistas feministas.

4.6- Arthur

Arthur tem 34 anos, é branco, casado, tem um filho e é vendedor. Sua companheira tem 30 anos e é representante comercial. Tivemos dificuldades para conseguir nos encontrar para a entrevista. Durante as tentativas de agendá-la, ele sempre reforçava o quanto estava disponível e interessado em participar, apesar das nossas dificuldades com os horários, e seu interesse se confirmou na entrevista.

Foto 1

Fonte: quinto participante

_Foi até bom que coloquei uma foto do meu pai aí. (risos) Tem minha família ali, eu, minha mãe e meu pai. Meu pai, ele é descendente de nortistas, então acho que o mundo desde essa existência foi criado meio que no machismo, né. Então, sei lá, meu pai é muito machista. Até peguei uma foto dele, até o extremo. E hoje ele é mais maleável. Com o decorrer do tempo ele foi vendo umas coisas que minha irmã fazia, que a gente fazia, amigos, acho que o mundo também, informação. E com o tempo mesmo ele foi se atualizando mais, ele foi se moldando mais ao mundo, mas no fundo no fundo ele é muito machista. Até coisas que eu, minha mãe e minha irmã não concordávamos. Coisas de, vai, de não aceitar que minha mãe trabalhasse, ele sempre quis ser o varão da casa. Graças a deus ele sempre teve condição de trabalhar, de sustentar a casa, dois filhos e tal, ele conseguiu. É que hoje em dia é difícil, né.

_Sua mãe queria trabalhar?

_Na época ela trabalhava até eu nascer. Aí ela ficou de licença maternidade e meu pai deu a opção de ela escolher. E ela escolheu não trabalhar. Só que com o incentivo dele de ela não trabalhar. E eles trabalhavam na mesma empresa. E não sei se ela teve namorado lá, é uma história assim, aí ele não queria que ela voltasse a trabalhar lá, mas ela podia trabalhar em outro lugar. Aí ela resolveu não trabalhar. Mas depois que nasceu minha irmã e num certo tempo em que a gente estava maior, ela quis voltar a trabalhar e ele não foi de acordo. Eu ouvi isso. Mas no fundo no fundo dava pra perceber que tinha um pouco de ciúmes, de ela sair de casa e largar os filhos também, né. E tem a parte também de ela fazer algumas coisas sozinha, e ele sempre foi com ela em supermercado, nunca deixou ela ir sozinha. E por ele

também ter a parte financeira na mão dele, (...) Ele sempre foi centralizador nessa questão. Então eu e minha irmã nunca fomos de acordo então, assim, eu vivenciando isso com meu pai e eu pego também o exemplo da questão socioeconômica, os casais de hoje em dia que marido e mulher trabalham, conseguem desenvolver muito mais coisas juntos, conquistar coisas juntos do que quando só o homem trabalha ou quando só a mulher trabalha. Conheço também casais hoje, casais novos, que só a mulher trabalha e o marido fica em casa, faz faxina, limpa a casa e cuida dos filhos. Conheço também. Também, sou, assim, sou bem flexível nessa parte. Se acontecesse comigo, se minha esposa tivesse condições de trabalhar e bancar a casa... eu não sei se eu aceitaria porque já tenho uma vida ativa de trabalho, tal, acho que minha renda é uma renda legal pra família, mas acho que se fosse o contrário acho que eu aceitaria, não teria nenhum problema. (...) Só que eu sou... agora, falando da parte dos dois trabalhar, tudo que meu pai "proibiu", tudo que meu pai era contra minha mãe fazer, sou a favor de minha esposa fazer até porque, acho que, tirando a parte familiar, econômica da família, cada um tem que ter sua vida particular, cada um tem que ter sua independência também. Aí nessa parte eu não me vejo machista, não.

_Com sua mãe, você acha que aprendeu alguma coisa, assim, sobre...

_Tudo!

_Não sobre tudo, mas eu falo especificamente sobre essa questão, de ser homem.

_Ah, sei lá, quando uma mãe ensina os modos de uma mulher pro homem, é... acho que o homem acaba sabendo tratar melhor uma mulher. E minha mãe sempre, tudo, as coisas negativas que levei do meu pai, apesar de meu pai ter tido mãe, ter tido irmã, mas ele é o filho mais velho. Ele foi criado pra ser o homem da casa, com onze anos ele já trabalhava, então teve muitos irmãos, uma vida difícil, no início e tal. Hoje em dia dá pra ver que ele é o mais... assim, mais brutão, apesar de tudo tem o coração mole, é carinhoso, assim, e tal, do jeito dele né. (...) quando a gente era pequeno eu deitava no colo dele, passava a mão, deitava no sofá, colocava minha mão na perna dele, fazia carinho e tal. Só que ao mesmo tempo em que ele é carinhoso, ele é meio brutão, sabe? A hora de chamar a atenção, de corrigir, de repreender, ele é bruto. Tipo, ele xinga, ele ofende, ele grita. É o jeito dele, E agora, com os netos, não é. Parece um bobão. (risos) É... mas, assim, voltando à pergunta sobre o que aprendi com minha mãe, ah... uma que eu tinha uma irmã, então assim, tudo que ela ensinava pra mim e pra minha irmã ela ensinava igual. (...). Então, tanto sobre tarefas de casa, lavar louça, cozinhar, eu sei fazer tudo dentro de casa. Minha mãe me ensinou. Então sei passar roupa, sei pregar botão em camisa.(...) E em questão, assim, de modos de mulher, sabe? Questão de ir no banheiro, caprichar ali na pontaria, (risos) porque você tem uma irmã e uma mãe em casa, né... então

manter o banheiro limpo. Minha mãe me ensinou isso, então, igual, um exemplo que pode ser besta ou não, não sei. Acho um absurdo ir no banheiro de um homem e ver a bacia toda suja, pingada. (...) Então, assim, coisas que minha mãe me ensinou porque tem mulher em casa que usa o banheiro... então eu cheguei a usar o banheiro, sei lá, às vezes você está numa balada, num barzinho e o banheiro do homem tá lotado, aí assim, já acabei indo, e você entra no banheiro de mulher, toda aquela sujeira, tudo respingado também, aí você vê que não é só o homem, você vê que é a mulher também. Aí eu não sei se isso tem alguma coisa legal, não sei é coisa de modos e educação, machismo, feminismo, mas assim... eu aprendi a ser assim, pensando na mulher. Porque minha mãe falava, olha, mulher é mais fácil de pegar doença de pegar qualquer coisa no banheiro, então tem que manter o vaso limpo, sua irmã usa o banheiro, eu também, então toma cuidado... e é feio. Então toda a parte educativa, higiênica, quanto a parte também, sei lá, de estar pensando na visão da mulher.

Arthur começa a falar de sua história apresentando seu pai. Ao longo da entrevista, já anticipo, ele será uma figura central, a quem Arthur vai recorrer o tempo todo para falar de si, pelas diferenças entre eles, suas semelhanças, e pela relação entre os dois. A princípio, ele destaca, o pai lhe apresentou um jeito machista de ser homem com o qual ele não se identifica, em partes (“*Aí nessa parte eu não me vejo machista*”). Sou eu quem lhe peço para falar da mãe, e ele me conta que com ela aprendeu a considerar a mulher, a agir pensando em suas necessidades (o que parece se confundir com sua fragilidade, como na susceptibilidade a contrair de doenças ou “qualquer coisa” a partir dos “respingos” que os homens deixam nos banheiros). E há também, nesse trecho, o que ele pôde apreender sobre ser homem a partir de como presenciou a relação entre o pai e a mãe, uma relação de desigualdade, onde a vida pessoal e profissional da mulher esteve submetida ao desejo do homem.

Foto 2

Fonte: quinto participante

_Essa aqui com os amigos e primos. (...) Estamos num barzinho. Próximo de casa. Quer perguntar alguma coisa?

_O que essa foto te remete, sobre a masculinidade, seu jeito de ser homem? É a mesma pergunta pra todas. O que você pensou?

_Sei lá, aí tem uma quantidade de homens, de amigos, né? Cada um com seu jeito, seus pensamentos, mas... sei lá. Eu coloquei essa foto porque pensei em pegar uma roda de homens que é diferente de conversa de mulher, acredito eu. Então, sei lá. Da mesma forma que rola besteira na roda de mulher, também rola na roda de homem. Mas a gente brinca, né... na roda de mulher deve falar muito mais besteira que na roda de homem. Só que na nossa roda é tudo verdadeiro, ninguém é falso, todo mundo se gosta... a gente brinca né? (risos) Quando um amigo vira as costas e vai embora a gente não fica olhando roupa, não fala mal... né? (risos) Então, assim, se o amigo está barrigudo a gente chega, bate na barriga, e fala "ou, mas você engordou, hem? Está barrigudo!", e a mulher chega e fala "ah, nossa, como você está linda, emagreceu, e quando vira as costas têm umas que falam, nossa, ela engordou, né?" (risos).

_Mas você percebe isso mesmo?

_Olha, em algumas mulheres sim. Eu já cheguei a presenciar em algumas amigas, né. E, sei lá, e já vi, presenciei. Em roda de homem é difícil você ver, um homem elogiar um cara, depois que ele vira as costas e pega e mete o pau. Pelo contrário, acho que o homem é mais sarrista. O homem fala a verdade, fala brincando, mas fala, para o amigo. Até falando a verdade, mas tirando uma com a cara. Acho que esse é um instinto do homem diferente da mulher, né. De repente se você chegar e brincar com uma amiga sua numa roda de mulher, "nossa, como você

engordou". Acho que isso não existe numa roda de mulher. Então tem essa diferença, não sei como você pode julgar isso. Acho que tem essa parte legal do homem. Que é diferente da mulher. Então, sei lá. E assim, eu peguei essa roda de amigos também porque esse amigo de azul brinca muito comigo, me zoa muito, falando que eu sou metrossexual, que faço a barba, cabelo. Ele sempre raspou o cabelo careca, primeira roupa que ele vê no guarda-roupa ele pega, e pronto. E um dia a gente foi comprar roupa juntos, ele que é meu amigo de infância, então muitas vezes a gente faz essas coisas juntos, fizemos jiu-jitsu juntos, eu sou padrinho dos filhos dele. Viajamos juntos, tomamos banho juntos no mesmo vestiário, porque, ia pra sítio, futebol e tal. E quando a gente era solteiro e tava em rodas de mulheres, ele sempre brincava comigo. Ele falava, "ah, o Arthur se ficar três meses sem pegar uma mulher ele vira viado, porque ele é muito metrossexual". Fica me zuando, né, vira gay e tal. Nesse dia mesmo tava as mulheres lá, aí teve uma hora que foi todo mundo pra uma mesa, só, e ele ficou brincando, e tocou nesse assunto. Esse é meu cunhado na ponta aqui. Aí ele ficou brincando. Esse é meu primo, e esse é um amigo. Aí ele falou "vocês já viram o Arthur tomando banho? Aí minha esposa baixou a cabeça, assim, e começou a rir, né? Meu, ele é muito detalhista, esfrega até a sobranalha. Vocês já viram alguém esfregar o cotovelo? Um homem esfregar o cotovelo?". E começou a me zoar, e eu virei a bola da vez, né. Aí ele falou até brincando pra minha esposa, "se você ficar seis meses sem dar pro Arthur ele vira viado. Não para de dar pra ele não", brincando né? E aí todo mundo ria da minha cara e tal, porque... eu não me acho assim tão metrossexual, porque eu conheço mais gente que, vixe, o cara é muito pior. Pra mim é aquilo que minha mãe me ensinou, sei lá, a tomar banho, tomava banho com minha irmã, mãe, tomava com meu pai, muito também, e nessa parte de higiene eu acho que tenho muito mais o estilo do meu pai do que da minha mãe e irmã, né. E, sei lá, meus amigos pegam muito no meu pé nessa parte. Mas minha mãe também fala, é que hoje eu melhorei bastante, mas antes era mais, assim, nessa parte. Então vejo que comparando, eu com meus amigos, cunhado, primo... o mais próximo de mim nessa parte de se cuidar, se preocupar, tal... com roupa, higiene, aparência e tal é meu cunhado. Mas, a grande maioria dos meus amigos não é igual ao que eu sou, não, é difícil. Conheço poucos, alguns até mais, né, igual eu falei. Mas, nessa parte também, assim, eu não ligo não. Me identifico um pouco com essa parte aí.

Arthur apresenta a foto, mas no início parece não saber o que dizer. Faz algumas pausas, e pede para que eu faça perguntas. Diz que ali tem homens e fala de uma diferença entre homens e mulheres, com relação à sinceridade entre amigos/amigas, e atribui essa diferença ao instinto. Depois ele traz uma diferença entre ele – “metrossexual” – e os demais homens da roda, e como

essa diferença pode ser entendida: pelo amigo, como risco de ser “viado”, e para ele, uma variação, advinda da forma como aprendeu a cuidar da higiene com a mãe. Dessa forma ele nega a hipótese (sincera) do amigo. Seus cuidados com a aparência não ameaçam uma mudança na sua heterossexualidade.

Foto 3

Fonte: quinto participante

“Aí é meu filho, né. Apreendi muita coisa com ele, depois do nascimento dele. (...) Sempre pensei muito na minha mãe e no meu pai, até hoje, assim. Foi uma criação do meu pai, sei lá, não sei se tá na essência de uma forma que, ou da criação dele, do exemplo de vida dele, algumas coisas que minha vó contava que ele fazia, minha mãe. Não sei se eu cabei, isso ficando no meu inconsciente, e... ou de uma forma que, sei lá, eu joguei essa responsabilidade pra mim, então, numa época a gente trabalhou por conta, a família inteira tinha o próprio negócio, né? Então eu queria tomar conta de tudo, fazia o meu trabalho, queria fazer o do meu pai, sabe, queria que ele trabalhasse menos, mesmo ele sendo centralizador, me freando um pouco. E acho que antes de ser pai, eu já tinha um pouco desse paternalismo com os meus pais, às vezes parecia que eu era pai deles, (risos) e às vezes até hoje parece. Querendo mandar em algumas coisas do meu pai e da minha mãe, querendo proteger eles, tudo que eles vão fazer de diferente, dizia “toma cuidado, você vai em algum lugar que não estão acostumados, fico dando orientação”... Apesar de ter sido jovem, adolescente, todo mundo tem um pouco de criança, moleque, adolescente... já fiz loucuras também, mas nessa parte aí de família, sou muito família, sou muito preocupado, com minha irmã, meu pai, todo mundo. Com os amigos, também. Em geral, sou assim. E com meu filho, fiquei pior... pior ou melhor ainda. Sou muito

preocupado com ele. Alimentação, higiene, roupa. Com o que ele tá fazendo, o que ele tá pensando, as atitudes dele, criação. Então, isso me fortaleceu bastante, acho que mudei muito, mudei da água pro vinho. Filho muda muito a gente, né. ... Mas, não sei se consigo definir.

_Agora fala da questão da masculinidade nessa foto, nessa relação... você contou como o pai e a mãe transmitiram pra você. Como que agora fica...

_Então, eu falei nessa coisa de essência masculina, não sei se... Eu tenho uma sobrinha, que é filha da minha irmã, e ela é totalmente diferente, e ele veio totalmente assim moleque, modo de cumprimentar, falar, se comportar, andar. Acho que tem essa parte diferenciada, de andar, falar, da parte feminina e masculina. Então foram coisas que meu pai nunca forçou nada, como andar, agir, falar, cumprimentar, e eu também não fico pegando no pé dele dizendo "isso é de menino, isso é de menina". Sabe? Ele vai na casa da minha sobrinha, ele brinca na cozinha, que eu já vi gente falar "ah, eu não deixo meu filho brincar com cozinha". Uns amigos da minha esposa comentam isso, acham um absurdo. Aí tem um casal de amigos que são professores de história, e a gente tava falando, e eles são bem alternativos, descolados, com a mente aberta, e tal. E eles falavam "meu, você acredita que a mulher falou isso, que deu uma cozinha pra um filho, acho um absurdo isso". Eu também achei um absurdo, fui de acordo com eles, e tal. E porque eu não fico forçando nada, o que é de menino e o que é de menina, pra ele, e...

_O que você acha um absurdo?

_Essa questão de o menino não poder brincar de cozinha, com a menina. Sempre brinquei com a minha irmã, de cozinha, de um monte de coisa... e nunca deixei de ter meu lado masculino, assim, de ser. E essa foto é que, depois não aparece, mas eu tava sem camiseta nessa foto aí, aí ele, eu sentei e já tirei a foto, essa foto. E ele perguntou "papai, também quero tirar a camiseta. Homem pode tirar a camiseta, né?", assim, coisa que eu não ensino. Uma vez eu estava sem camiseta e ele tirou a camiseta pra brincar comigo, queria ficar igual, eu tava de bermuda e chinelo, aí ele chegou pra minha esposa e disse "mãe, tira a camiseta também, vamos ficar todo mundo sem camiseta", e ela falou "filho, mulher não pode tirar a camiseta", aí foi explicar, né? Aí ele gravou, acho que foi uma vez só. Aí tirei a foto, ele tirou a camiseta pra brincar. E da foto, masculinidade, é isso, sei lá, não tenho muito o que falar. Peguei mais a parte do filho aí.

Para Arthur a masculinidade é naturalizada. Ele já usou “instinto” e “essência” para dizer dela. E seu filho “veio” assim, com jeito de menino. O oposto disso seria “forçar” alguma coisa. Mas isso não aconteceu com ele, Arthur, o pai não o forçou, e ele também não precisou

forçar o filho. Na sequência ele mostra que considera forçado dar uma cozinha para um menino, concordando com os amigos de mente aberta. Parece, para ele, natural que o menino brinque com a cozinha da menina, mas não com a sua própria. Em seguida ele dá um exemplo que contradiz a naturalização da masculinidade, contando como a criança aprende que mulheres não ficam sem camiseta, ainda que seja ouvindo essa regra uma vez só.

Foto 4

Foto 5

Fonte: quinto participante

Foto 4

_Quem são?

_Minha esposa e meu filho. Peguei mais essa foto também porque era um passeio de domingo. (...) _Estávamos indo passear. E ele nem sabia pedalar direito, aí a gente saiu pra ensinar ele. Hoje ele anda de bicicleta, não tem nem três anos. E tem muitas fotos nossas de passeios nossos com minha mãe, meu pai, que, meu pai sempre tirava foto, registrava. Ele sempre gostou de tirar foto, registrar, acho que puxei um pouco pra ele nisso aí. Na maioria dos nossos passeios eu saio pouco nas fotos, saio mais registrando. (risos) Aí a parte de companheirismo, também,

a parte da masculinidade, disso, de acompanhar o filho e a esposa num passeio, pra mostrar pra ele que a gente é família, que estamos juntos dele. Que ela passeia bastante com ele, durante a semana, ou quando estou trabalhando, ocupado no final de semana. Ela sempre está com ele em algum lugar. Eu vou bastante junto, assim, mas mais no final de semana, de repente à noite. Aí eu tirei assim, mais pra parte, sei lá, que acho que, a parte da masculinidade, ser homem, sei lá, acho que tem isso também. Arcar com as responsabilidades, acompanhar a família, mostrar pro filho os valores da família, sei lá. Meu pai sempre acompanhou a gente em um monte de lugar. Geralmente pra passeios, ia junto. Minha mãe também. Então, pelo menos, metade do que ele passou pra gente, se eu passar pra ele está bom. (risos)

Arthur fala das transmissões entre as gerações de sua família. Apesar de ter colocado o pai como muito machista no início da conversa, pelo menos a metade da herança que recebeu do pai ele quer transmitir ao filho. Parte dela está em “acompanhar” a família. Como na sua família de origem, a mulher passa mais tempo com o filho, e o homem os acompanha no tempo que pode. Na foto ele ocupa o lugar do fotógrafo, e registra a ação de ensinar o filho a pedalar, protagonizada pela esposa, naquele momento. A diferença da distância entre a esposa e seu filho, e entre ele e o filho, parece representar a transmissão de uma masculinidade, juntamente com a de uma paternidade, parecidas com aquelas que herdou do pai/dos pais.

Foto 5

Então, eu trabalho vendendo ferro e aço, e essa foto aí foi numa obra que visitei. Então o pessoal fala, "ah, você é vendedor, não faz nada, fica andando de carro o dia inteiro, entra num cliente e sai, não se estressa", imagina, olha o trânsito que eu pego! (risos) Então essa é uma obra, aí eu ando com bota dentro do carro, porque chega numa obra dessas e como vou entrar com sapato? Aí o sapato, suja tudo o pé. Então tem que trocar bota dentro do carro, aí vou com bota, e entro, tem que procurar o mestre de obras, tem que procurar o engenheiro, e na obra é um barato que você vê diversos tipos de homens, assim. A questão da masculinidade, você pega esse pessoal de nível intelectual mais baixo, de nível cultural mais baixo, o pessoal vai buscar lá do norte, pessoal que não tá acostumado aqui. Um pessoal da roça, paga alojamento pra eles ficarem aqui uma temporada, aí depois eles voltam pra lá, e pagam de volta pra eles voltarem. Aí o pessoal vai buscar mão de obra fora, então você chega aqui e vê que o pessoal são, do que eu falei do meu pai, de como ele foi criado, isso aqui é três, quatro vezes pior, assim, sabe? O pessoal é bem, uma visão bem fechada, o que é ser homem, assim, pra eles, sabe? Você não vê vaidade, você vê brutalidade, um tratando o outro. Aí quando você

chega dentro do escritório da obra, que é o alojamento, que você vai falar com o engenheiro ali, aí você vê que é outra situação, você falar com uma pessoa que é mais instruída, estudada, só que o legal que eu vejo é que os engenheiros têm que ter o mesmo jogo de cintura pra falar com os "peão", o pessoal que... eu já cheguei em obra pra entrar em reunião com o engenheiro e... entrar mestre de obra na sala e comunicar que ele ia fazer um serviço, aí o engenheiro fala "não faz assim, faz assado". Aí ele pegar e falar assim pro engenheiro "pô, eu trabalho faz trinta anos com essa merda de obra aí fazendo isso e você falando que vai dar errado, você nem sabe do que eu tô falando", tipo, desrespeitando o engenheiro. O engenheiro que estudou sete anos, pra estar ali tocando a obra, mas o mestre de obras está lá, acostumado com a parte prática, né, aí chegou e falou que a teoria do engenheiro estava errada, então, além de desrespeitar a parte, sei lá, intelectual, a parte técnica, ele desrespeita também o ser humano que tá ali, eu tava ali também, ele nem me conhecia, a parte da educação também, você vê que muda um pouco. A gente não vê de onde essa pessoa veio, como ela foi criada e tal, você vê que ele é um bom profissional, que ele sabe trabalhar, mas naquele momento ele achava que ele tava certo. Não tinha eu, não tinha ninguém. Esse é o diferente de pessoas assim. E, sei lá, ele bateu no peito e falou assim "se der errado eu garanto", aí o engenheiro até brincou, "beleza, você garante, mas se der errado aí depois quem assina sou eu e quem vai preso sou eu". Aí ele saiu dando risada, assim. Não sei se o que eu tô falando vai contribuir com seu trabalho, a forma com que você vai fazer análise disso aí. Mas assim, se tivesse que fazer eu faria, sei lá, já fiz em pescaria, mas... igual, em todo final de obra eu vou, o pessoal com uns baldão, uns duzentos litros de água, aí o pessoal joga a água no corpo, assim, passa o sabonete no corpo inteiro. Todo mundo se lava no mesmo barril, aí eu vi aquilo lá e pensei, nossa, acho que eu sozinho no barril até faria, mas no barril que todo mundo tá se lavando ali, né. (risos)

_(risos) Muito diferente do que você aprendeu com sua mãe.

_É. (risos) Todo mundo se lavando com a mesma água. Sei lá, é bem diferente, tem essa parte da masculinidade, também, que eu não sei se eu faria ou não, mas... aí... dei um pouco mais de valor ao meu trabalho. Pensei, ainda bem que estou aqui.

Arthur se coloca entre o jeito “engenheiro/ intelectual” e o jeito “peão” de ser homem. A troca de sapatos e botas me faz pensar nas trocas de vestes que ele precisa fazer para estar com esses tipos tão diferentes de homens. Se a situação lhe exigir, ele pode ser capaz de encarar a água suja do barril, se banhar da grosseria, do desrespeito, da brutalidade, da herança nortista, do norte paterno, deixando de lado a higiene que a mãe lhe ensinou. Além disso, penso também

no calçado que ele troca quando entra para a entrevista. Qual o jogo de cintura que essa situação lhe requer? Esses trânsitos sinalizam alguma coisa sobre a dinâmica de sua masculinidade.

Foto 6

Fonte: quinto participante

_Ah, essa foto acho que remete à mesma coisa do... mais ou menos aquela do passeio, mas essa foto foi meu primeiro dia de férias, de junho. E aí minha esposa tirou a foto e postou lá, falou, "ah, primeiro dia de férias do papai em casa, bagunçando e tal". Aí assim, é... sei lá. A parte,... qual a pergunta que você fez mesmo de todas as fotos? (risos)

_O que você vê de masculinidade aí? Qual sua experiência cotidiana de ser homem? Como é sua experiência de ser homem? O que essa foto fala disso?

_Essa foto pode não mostrar muito, mas assim, nesse dia um... sei lá, é um momento de realização, de comprometimento, de realização. Primeiro dia de férias, sempre trabalhei por conta, nunca tive férias. Acho que por isso eu entrei... depois eu te conto melhor, não sei se tem a ver com seu trabalho, mas eu entrei em uma estafa muito grande, de estresse, quando eu trabalhava por conta. Aí tive um distúrbio de ansiedade...

_Faço ideia, treze anos...

_É, tive um distúrbio de ansiedade, entrei com estresse alto e tive início de depressão. Aí nesse início de depressão emagreci doze quilos em um mês, deflinhei. É... aí assim, trabalhava muito, muito, tive uma empresa, vinte e três funcionários. Hoje não tenho mais. Mas... essa foto remete aí um pouco de, sei lá, de realização, assim, tanto profissional, quanto familiar, com... como meta, de ter alcançado meus objetivos. Então, po, trabalhei um ano e agora estou de férias, vou poder curtir com minha família. Então é uma parte de lazer que eu, assim, conhecia mas não conhecia os trinta dias. (...) Hoje dou muito valor à vida e ao prazer do que ao

trabalho, sei lá, à preocupação... apesar de ser ainda uma pessoa muito ansiosa, ainda muito preocupada com as coisas, eu sou bem menos hoje. E essa foto eu peguei por isso, foi meu primeiro dia de férias e toda vez que olho pra ela sinto vontade de ter férias de novo. (risos)

_(risos) E esse Hulk?

_É, então. É engraçado que dos primeiros personagens do Vingadores que ele se identificou foi com o Hulk. Um jeito meio do avô, assim, meio brutão. E foi o que eu falei do que está um pouco na essência também. Porque apesar de ter aprendido tudo isso com minha mãe, quando eu fico muito nervoso... Eu tento ser muito equilibrado, assim, depois da faculdade, depois de algumas leituras, que li alguns livros, e depois da depressão também, eu tento sempre ver as coisas de tudo quanto é lado, interpretar as coisas de dois três jeitos. Por que aquela pessoa está me falando aquilo? Tento analisar, antes de concluir algo sobre qualquer pessoa. Mas com os mais próximos, assim, com meu pai, com minha mãe, e até com meu filho e minha esposa, quando eu fico nervoso eu saio um pouco fora do eixo. É que somos seres humanos, né? (risos) Quando eu fico nervoso fico muito ignorante. Aí eu acabo ofendendo as pessoas, acabo falando coisas a mais, que eu não queria. Então essa parte, essa essência do meu pai, da brutalidade também eu guardei um pouquinho também.

_Aí você fica meio Hulk?

_Fico meio Hulk.

Para Arthur, a essência de sua masculinidade está no jeito bruto que veio do pai. O que a mãe lhe ensinou, os livros, e a experiência da depressão, tiveram a função de amenizar essa brutalidade, de “melhorá-lo”, e melhorar sua convivência no mundo. Seus 13 anos de trabalho “por conta” foram junto do pai, numa empresa familiar. Essa experiência o adoeceu. Estar tanto tempo “por conta”, tão imerso em um funcionamento próximo à tal essência, administrando a relação com o pai ao mesmo tempo em que administrava o negócio da família, lhe causou alguns danos. Até que ele mudou sua vida profissional e pode finalmente descansar, com a ajuda de terapia e tratamento médico nessa transição.

Foto 7

Foto 8

Fonte: quinto participante

Foto 7

É, de obra também eu peguei, que é meu dia-a-dia, né? Então é uma obra particular, que eu também falo com os proprietários, aí é um empreendedor particular, ele que toca a obra dele, é o dono que fala com o engenheiro, então é uma coisa mais diferente, eu trato no dia-a-dia com ele, e é uma pessoa também que é arquiteto, o pai tem uma fábrica, e eles constroem meio assim por hobby. Aí você vê que é um cara arquiteto, sei lá, é, você vê que ele é uma pessoa mais instruída assim, e conversando com ele poucas vezes deu pra ver que ele tinha um pouco do meu jeito, assim, de lidar com a família, com as coisas do dia-a-dia, parte do pensamento também. Coloquei essa foto mais pelo meu dia-a-dia mesmo, o que eu frequento, às vezes o cliente quer me mostrar a obra, então, assim, aqui, nesses andaimes, as escadas não estavam prontas, então eles usam escada de madeira, tive que subir degrau por degrau das escadas de madeira.(...) Então, tem homem que tem medo de altura, e eu nessa parte de adrenalina, aventura, sempre gostei, nunca liguei, nunca tive medo de altura. E então me identifiquei muito, atendendo em obra, assim. Igual meu pai, meu pai faz de tudo em casa. Entende um pouco da parte elétrica, entende de alvenaria, madeiramento. Meu pai fez o telhado da minha

casa, né. Ele construiu uma casa enorme, meu pai... tudo que meu pai fazia, eu acompanhava ele. Nessa parte de masculinidade eu gosto muito, assim, dessa parte do homem. É difícil ver um homem, hoje eu encontro muito, que não gosta de mexer com ferramenta, que não sabe trocar lâmpada, que não sabe trocar um botijão de gás. (...) E eu sempre gostei muito de ferramenta, desde pequeno. "Pai, deixa eu brincar com essa ferramenta, tal e tal", minha diversão era bater um prego... gostava muito disso também. Então, assim, dentro de manutenção de casa, desde quando eu comprei e reformei minha casa, e... aí a gente, eu fiz de tudo. Furei parede, coloquei cortina, instalei chuveiro, porta-sabonete do banheiro, porta-toalha, eu que instalei tudo, tudo que aprendi com meu pai, né? Até meu sogro ficou abismado, porque ele também gosta, só que ele não sabia que eu sabia fazer tudo. Então, coisas que aprendi com meu pai também, né?

Aqui Arthur faz o exercício de notar as suas diferenças e semelhanças com o arquiteto, dono da obra. Na sua imaginação, esses profissionais que tanto estudaram parecem não ter, ou ter superado, uma essência bruta. Isso os difere, ou ao menos nivela. Mas quando ele encontra semelhanças entre os dois, isso parece deixá-lo feliz; essa aproximação lhe valoriza. Enfim, ele pode reconhecer que a sua herança paterna também lhe proporcionou coisas boas, como o espírito aventureiro de escalar as obras sem medo de altura, a capacidade de realizar tarefas que não lhe exigiram estudos, faculdade, mas que tem valor, lhe trazem reconhecimento entre os homens mais velhos, como o sogro, que também sabe realizar tais tarefas, e é um diferencial entre os homens de hoje, mais acostumados com os livros, e que terceirizam esses trabalhos. Ele reforça esse valor quando fala da próxima foto.

Foto 8

_Tem uma foto conferindo o óleo de manhã. Igual meu cunhado fala, "pô, nem confiro o óleo, paro num posto de gasolina e mando o cara olhar". Às vezes a pessoa pode ser enganada, ou às vezes você não conhece... então, até eu comprar, tirar esse carro zero em 2010 eu tive muito carro velho. (Risos) Então tinha meus possantes. Tinha que fazer manutenção, tomar conta. Se não, o carro já era velho, já era acabadinho. Se eu não tomasse conta, então, ia ficar na mão. Então, assim, essa questão de trocar óleo, já troquei freio, pastilha de freio do carro do meu pai. Eu abria carburador com meu pai, vela de carro antigamente do motor eu trocava com meu pai, trocava vela de carro. Então, assim, de mecânica eu tenho uma noção bem ampla, em questão dos leigos, se comparar com os leigos.
(...)

_Isso também você aprendeu com o pai?

_É, com meu pai, com meu pai. (...) Tem muita mulher que eu conheço que confere o óleo, tem uma tia minha que confere o óleo. Mas assim, é mais homem que você vê fazendo isso, e tal. Aprendi isso com meu pai, e com alguns amigos também, mas também gosto muito dessa parte, essa parte masculina.

Foto 9

Fonte: quinto participante

_E tem essa parte das tarefas de casa, aí, que minha mãe ensinou e eu continuo fazendo, dividindo o trabalho. Meu cunhado é mais novo que eu e é bem machista nessa parte de tarefa de casa, ele acha que minha irmã tem que fazer tudo... nós não fomos criados assim. (...) Meu pai achava que minha mãe não trabalhava e por isso tinha que ficar dentro de casa. Minha irmã ficava puta com isso, falava um monte. E eu também não gostava, eu ajudava minha mãe, dava uma mão pra minha mãe, lavava o quintal, às vezes até nem lixo pra fora eu colocava. E eu vejo alguns amigos assim, naquela roda de amigos mesmo, se você pegar, tem amigos ali que não fazem, tem amigos que fazem. Tem um amigo lá que mora sozinho, então ele faz tudo dentro de casa, né? (...) E eu também sempre fiz, e eu vejo que meu cunhado e alguns amigos que tenho, também que, sabe, acha que homem não deve fazer serviço de casa, que é coisa da mulher. Po, se os dois trabalham - esse é meu pensamento, pelo menos - isso eu não aprendi com minha mãe, acho que é um pouco de “semancol”, de pensar no parceiro, no próximo. Po, tá cuidando do meu filho, tá cuidando da casa, a maioria das comidas em casa é ela que faz,

mas assim, po, os dois chegam cansados em casa, por que só um tem que fazer... então é uma questão de parceria, ali, no dia-a-dia.

(...)_E como foi você com sua esposa, pra vocês decidirem como faz com as tarefas de casa, como foi esse processo?

_Ah, não tem combinado, não tem nada certo. Eu chego em casa e pergunto se tem roupa pra lavar, pergunto "quer que eu ponha?", às vezes ela diz que vai pôr e pra eu brincar com o A., ele quer atenção. Aí eu vou lá brincar com meu filho. "Ah, tem roupa pra lavar? Tem, põe lá", "Ah, já tá na máquina já, só tem que colocar sabão e amaciante e põe pra bater, faz isso lá que depois eu estendo". (...) Eu lavo o banheiro, que ela gosta que eu lave o banheiro, e eu faço a parte do fundo e ela faz a parte da frente de casa. Então, assim, não é nada combinado. Às vezes tem louça pra lavar e ela tá cansada, me pede pra lavar, aí eu lavo. Às vezes eu vejo que tem louça pra lavar e vou lá e lavo. Mas como ela tá chegando mais cedo, normalmente quando eu chego ela já fez praticamente tudo.

Arthur mais uma vez se compara com outros homens e se percebe diferente daqueles que acreditam que tarefas de casa são coisas de mulher. Vê na história da irmã e do cunhado a repetição da história dos pais, onde o homem não se responsabiliza por esses cuidados. Mas não percebe a repetição que acontece na sua história, quando *ajuda* a esposa assim como *ajudava* a mãe, ou seja, ele desempenha tarefas domésticas, mas, pelo relato, conta que a mulher continua determinado o que é preciso ser feito.

Foto 10

Fonte: quinto participante

_É, de manhã, quando eu tava fazendo crepioca. Já comeu crepioca?

_Uma vez só.

_É bem fácil. Você quebra dois ovos numa tigela, farinha da tapioca, a gente coloca duas ou três colheres. Daí você põe bem um fiozinho de azeite na frigideira (...).

_Quem tirou a foto?

_Minha esposa. Acho que não cheguei a mandar. Teve uma que eu joguei pra cima. (Risos) Detalhe, tem vários detalhes nessa foto aí. Essa louça eu tinha lavado anteriormente, essas pastilhas em casa, que eu tinha colocado, essas pastilhas aqui... como a gente tava apertado de grana, e tal, e não podia pagar o pedreiro, até pelo motivo que a gente ia mexer na cozinha. Aí eu falei, pô, já que é pra mexer e gastar, ... e ela queria colocar a pastilha roxa e tal, aí eu falei, ah, vamos colocar então. Aí fiz o orçamento com três pedreiros, e um deles ficou praticamente um terço do valor do que o primeiro tinha cobrado. Só que a gente viu que era bem mais simples a mão-de-obra dele e tal, tinha que ficar no pé, acompanhando todo dia. Chegou na parte da pastilha, e ele falou assim, "seu Arthur, eu nunca coloquei isso aí não" (risos). Aí eu já tinha visto como fazia também, aí eu tenho noção básica de obra, que sempre vi meu pai fazendo as coisas, entrei lá no Youtube e vi uma aula sobre como aplicar pastilhas, tirei meio dia do meu trabalho e fui ajudar o pedreiro a instalar. Aí esqueci de comprar o cimento branco pra colocar a pastilha, e aí eu num podia perder mais tempo de trabalho,... aí eu falei, seja o que deus quiser, vou fazer com massa cinza mesmo. (...) Vi na internet e ia fazer do jeito que eu vi. Aí peguei uma madeirinha, fui batendo, e essas pastilhas aí da foto eu que coloquei. Depois a gente juntou com rejunte branco. O correto é usar a massa branca, que ela própria serve de rejunte. Aí eu fiz uma coisa totalmente ao contrário, que, acho que nunca ninguém tinha feito. (Risos)

_Agora você pode criar o seu próprio vídeo para dar a opção.

_É, foi uma parte aí, sei lá, da masculinidade, que acho que a mulher não faria. Apesar que eu vi uma mulher na... naquele programa "É de casa", que passa sábado na Globo, uma mulher que ela faz de tudo. Ela é bem nova, só que ela faz tudo dentro de casa. Ela é empreiteira, faz trabalho de pedreira, faz de tudo. Coloca piso, aplica piso... ela tem várias vídeo-aulas sobre como fazer as coisas em casa. E é mulher, né? Ela pinta, reboca, faz tudo. Eu tava até vendo isso aí, acho que foi a única mulher que vi fazendo isso até hoje.

Arthur conta da cena principal da foto: ele cozinhando. Me passa a receita da crepioca e mostra que ele sabe mesmo fazer, não foi só uma pose para a foto. É interessante que ele usa o plural “a gente coloca duas ou três colheres”, e inclui a mulher na cena, ela não estava apenas

fotografando. Em seguida ele fala de outras cenas anteriores àquele momento, e a de colocar pastilha na parede é definida como a “parte da masculinidade”, marcando a diferença entre essa ação e as demais.

Foto 11

Fonte: quinto participante

_Essa é do trânsito, né? Que é meu dia-a-dia.

_E o que tem aí, de masculinidade?

_Acho que o trânsito hoje em dia não tem mais coisa de masculinidade, né. Trânsito é uma coisa mista. Mas, sei lá... tem aquela coisa do...

_Como é o seu jeito no trânsito?

_Então, justamente isso, eu já fui mais nervoso no trânsito... gostava de correr, acelerar. Aquela parte de nervosismo, de alguém fechar, de fazer alguma besteira. Não à toa, mas se alguém me prejudicar, ou me xingar, sabe... já respondi bastante nessa parte do trânsito. Hoje em dia eu sou bem mais calmo. Aquilo que te falei, o Arthur pós-depressão.

_Você acha que foi isso que mudou...

_Ah, acho que mudou bastante. Acho que a idade também, né, maturidade também, com o tempo a gente vai pensando. O mundo do jeito que tá, as pessoas matando por nada também. Então tem um monte de coisa que leva a gente repensar as coisas e ser mais calmo. E aí quando a gente é mais jovem a gente pensa que pode muita coisa, né, meio inconsequente, mas a gente vai mudando com o tempo. Mas eu já fui mais inconsequente, com o trânsito, mas graças a deus nunca fiz nenhuma besteira, nunca prejudiquei ninguém. Nunca..., já bati o carro e tal, mas nunca fiz nenhuma besteira que tenha fugido ou prejudicado alguém que... sei lá, chegar em casa e pôr a cabeça no travesseiro e não dormir preocupado. Mas já fui mais nervosinho

no trânsito. Hoje em dia sou bem tranquilo, dou passagem pra todo mundo, sabe? Sou mais educado no trânsito. Questão de pedestre assim, nunca fui mal-educado, sempre dei preferência. Desde pequeno minha mãe sempre me ensinou a respeitar bastante os idosos e tal, nessa parte, então... até mesmo professora idosa, pedestre, tudo... tia, tio, sei lá. Quando via um colega desrespeitando um idoso sempre ficava bravo. Nunca gostei dessa parte. Tem um lixinho ali também. É, tem uma coisa que nunca me esqueço, dessa parte do trânsito, acho que eu tinha uns seis anos de idade. Foi antes dos oito. Meu pai comprou um salgadinho pra mim na padaria, aí eu tava em um lugar desconhecido e tinha um barzinho na frente, cheio de gente. Aí eu comprei, não sei, sorvete. Sei que peguei a embalagem e joguei na rua e meu pai parou o carro e falou "desce do carro, desce e pega". E quando eu olhei pro bar, todo mundo olhando... e vi que alguns estavam dando risada, outros admirando a atitude do meu pai, e tal. E às vezes meu pai fumava, o chão do carro dele era cheio de caixa de cigarro amassada, papel, e antigamente não tinha aquele saquinho de lixo, e meu pai aos finais de semana sempre limpava o carro dele, tirava essas coisas de lá. Então, sei lá, essa parte masculina... sei lá, responsabilidade social, até, com o meio-ambiente, higiene e tal, essa parte não foi minha mãe que me ensinou, por incrível que pareça, mas foi meu pai. Ele fez isso comigo e fiquei morrendo de vergonha. Isso marcou muito pra mim. E se você anda no meu carro, igual, falei pra você que fiz um lanchinho agora à tarde. Meu pai e minha mãe sempre me ensinou a pensar no próximo, essa parte da responsabilidade do homem, também, o que você não quer pra você também não faça pros outros, né. Então aprendi essa parte também, e comecei a praticar isso no trânsito também, com o tempo.

Parece confuso para Arthur dizer o que há de masculinidade na história dele a partir dessa foto. Primeiro ele associa masculinidade a desrespeito, brutalidade, reações mais agressivas no trânsito. E educação e calma à feminilidade, que aprendeu com a mãe. Depois se lembra de uma cena em que o pai, de uma forma não delicada, ensinou-lhe a ser educado. E então a masculinidade ganha sentido de responsabilidade e preocupação com o outro, com o meio ambiente.

Foto 12

Fonte: quinto participante

_É, mandei hoje também porque é meu cotidiano. Porque nessa hora eu tava falando com minha mãe no telefone, aí tive que encostar o carro, aí parei, aí tem que dar atenção pra minha mãe, conversar com minha esposa, aí liguei... tinha acabado de deixar o gerente, eu tinha te ligado. Aí meu coordenador me ligou, tinha que responder alguns e-mails... então, assim, esse é meu dia-a-dia também. Às vezes tenho que ficar abrindo o notebook várias vezes no carro, aí tem aquela coisa de, assim, masculinidade. Ah, de você achar que pode tudo, eu sei que é perigoso, eu sei que posso ser assaltado aí, sei que alguém pode vir e bater o carro, mas é aquela coisa meio que da coragem, né, acho que a mulher é mais cautelosa, e o homem já é mais... tem mulher que não, mas não generalizando né, porque tem as suas exceções, mas na maior parte eu acho que uma mulher não faria isso que eu faço, aí, de repente, a parte do homem, assim, de estar parando em qualquer lugar, abrindo o notebook, respondendo... e o carro tava em movimento aí.

_E ainda tirando fotos...

_E assim, aí, sei lá. Eu tirei essa foto, acho que tava faltando, só tinha onze fotos, pensei que tava faltando. Pensei "não acredito, não consigo dar atenção pra Mariana porque ela falou, meu, esse cara é enrolado ou ele tá com má vontade, não quer mais nada". Não é questão de má vontade nem nada. É porque, meu, assim, minha rotina hoje. Tem dia que acordo às sete, tem dia que acordo às seis... (...) E na questão de participar aqui, te mandar o retorno das fotos, e tal. Então, assim, acordo...

_Pra eu não ficar mal com você.

_É.. então, assim, acordava de manhã. Meu, whatsapp, orçamento, trabalho. E mês passado foi muito corrido também, não bati minha meta. Então trabalhei dobrado mês passado. Aí então, devia ter tirado foto naquele momento, putz, devia ter tirado, não tirei.

_Eu não senti você indisponível. Sua agenda... varia bastante né?

_Queria deixar bem claro. É, é esse o problema também. (...) Então aí seis horas chego em casa, e tenho que dar atenção pro meu filho. E eu sou banhador oficial nele. Eu que dou banho nele todos os dias. Aí dá banho, e brinca, e tal e janta. Aí chega dez e meia da noite, aí tem que fazer alguma coisa ou então, aí eu lembrava. E quando eu ia ver, pegava no sono, então, puta, vacilei, dormi ontem. Aí não fazia as fotos e ficava pensando, "como vou fazer essas fotos?"

Achar que se pode de tudo por ser homem é perigoso, Arthur pode sofrer um assalto. Enquanto arca com os compromissos do trabalho, com o chefe e com o cliente, ele fala ao telefone com a mãe, com a esposa e comigo: pausa no trabalho de homem para dar atenção às mulheres.

Ele tenta cumprir com responsabilidade o compromisso que fez comigo quando aceitou participar da pesquisa, mas tem alguns “vacilos”, se esquece, adia. Como ele se sente mal quando sente que alguém está mal com ele, em vários momentos das tentativas de marcar esse encontro ele me escrevia se desculpando, dizendo o quanto estava ocupado, mas continuava disposto a participar, para que ficasse tudo bem entre nós. Ao final ele cumpre o compromisso, honra com sua responsabilidade assumida, e me traz as 12 fotos. Até correu risco de ser assaltado para atingir a meta. Quando ele começa a falar sobre a foto, penso que o assalto poderia ser o de não encontrar relação entre a foto e masculinidade, o que se repetiu no começo da descrição de outras fotos.

Final da entrevista:

_E então, como foi? Agora acho que a gente...

_Foi todas as fotos já?

_Foi. O que você pensou, assim? Das ideias que vinham pra representar a masculinidade em fotos, foi difícil?

_Ah, não é nem questão de representar a masculinidade. É que não me preocupo, assim, pegando a coisa geral, "eu preciso representar a masculinidade"... eu não me preocupo com isso. Sei lá, eu sei que sou e o que eu vivo no meu dia-a-dia e quis te apresentar pra você poder

fazer sua comparação, sua análise, seu estudo perante isso. Não me preocupei, queria apenas te passar meu dia-a-dia...

_É que o tema é masculinidade e eu pedi as fotos... Quando eu falo "represente seu cotidiano de ser homem"...

_É, aí... você falou o que é ser, o que eu represento disso? Ah, eu represento o que eu sou no meu dia-a-dia.

_Você acha difícil separar isso, né? O que é ser homem e o que é ser o Arthur, por exemplo. Dizer "isso me remete especificamente à masculinidade"...

_Ah, aquela parte do... apesar que não tem nenhuma foto aí, mas aquela parte que eu, sei que não tem nada a ver, igual, citei que têm homens que não fazem, mas assim, é... sei lá, eu me orgulho e me sinto na parte, assim, o que me remete assim na parte de manutenção de casa. Sabe? A questão de você não precisar pagar uma pessoa pra fazer a manutenção em casa, sabe, a questão de ir na casa de um tio pra trocar o botijão da casa dele porque ele não troca. Coisa besta que faz parte do meu dia-a-dia, cresci e vi isso com meu pai, mas isso é uma diferenciação que hoje em dia muito homem não faz. Hoje a maioria dos homens que conheço não faz isso, tem que pagar pra fazer... e eu não preciso disso hoje, né? E a questão de, sei lá, conhecer um pouco do carro também, de não ser enganado por um mecânico.(...) Então acho que isso tem uma diferença grande de mim, de homens pra outros homens, e principalmente de homem pra mulher, que é uma diferença gritante, né? De algumas coisas que conheço e que mulher não tem conhecimento.

_(...) Mais alguma coisa. Acho que minha pergunta é essa. Tem alguma coisa do seu jeito de ser homem que não tá aí nas fotos, que a gente não falou e que você queira acrescentar? A sua esposa que tirou essa foto, né?

_É.

_Vocês conversaram sobre a pesquisa?

_Conversei, expliquei pra ela. Falei pouco, bem por cima, assim. Falei que ia vir aqui hoje e tal, falei que ia participar. Aí falei que fiquei bem interessado, falei como eu já tinha feito terapia, que gosto dessa parte de psicologia. Aí falei, ah, vou participar e tal. E ela falou, "ah, você não tem tempo nem pra você, você vai ficar prometendo, tudo você faz correndo, você vai conseguir ajudar a menina e tal? Vai prometer uma coisa e não vai conseguir cumprir. Vai ficar enrolando...", aí no dia das fotos. Aí tem umas três semanas que falo pra ela.. E ela me lembrava também de tirar as fotos. E ela também esquecia. Aí teve um dia de manhã que, por coincidência, tive que estender as roupas, que pus pra bater cedinho, e aí aqui... foi um dia que acordei mais cedo, porque quem faz essas coisas de manhã geralmente é ela, eu faço só à

noite. De manhã eu não fico... quem faz a crepioca de manhã é ela, quem estende a roupa de manhã é ela, mas como eu acordei mais cedo e ela estava enrolada, e meu filho pra ajudar acordou mais cedo nesse dia. E quando ele acorda mais cedo atrapalha, tem que dar atenção. Aí fui fazendo as coisas. Aí fui fazendo as coisas e falei pra ela, "ah, beleza, você está ocupada aí então tira a foto rapidinho aí pra mim", aí tirou. Aí foi isso que aconteceu, mas, falei com ela. Aí tava até comentando que ia ter que falar algumas coisas, e ela comentou comigo, "você vai contar pra ela o jeito que você toma banho?" (risos) igual estava falando pra você. Aí ela até brincou. Aí teve essa parte aí também.

(risos)

_Acho que é isso. É isso aí. Ah, outra coisa que não tem aí também, sei lá, da minha parte mais jovem. Que eu sempre andei de skate a vida inteira, sempre gostei de empinar, de coisas radicais. Depois a gente ficou um pouco maior, andava com meus primos que surfavam, gostava de surfar também, fui fazer jiu-jitsu, então sempre gostei assim da parte mais radical, sabe? A parte mais aventureira. Esse sempre foi meu estilo. Mudei bastante depois que eu fiquei mais velho e precisava trabalhar e não podia mais machucar, né? Agora se eu machucar e ficar sem dirigir, sem trabalhar, posso perder meu emprego ou não vender, ou acontecer alguma coisa. Mas tenho ainda skate e prancha, estou pensando em vender. (risos) Tem mulher também que gosta mais dessa parte, das coisas radicais, mas a porcentagem em relação aos homens é bem menos, né, e tem homem também que não gosta dessa parte. E tem isso também. Sei lá, a gente tava numa roda e falamos, futebol, ah, todo mundo joga futebol. Né? Agora quero ver um homem pegar, andar de skate e pular um, sei lá, pular uma lixeira, uma escada, um caixote, né, sei lá, eu fazia muito isso. E o pessoal falava "nossa, o Arthur anda de skate pra caramba e tal, desce nossa rua empinando de bicicleta". Que a gente mora numa ladeira. Aí eu desci a ladeira empinando. Aí falava isso, "Arthur, desce a rua empinando aí pra o pessoal ver", aí eu descia, e sempre gostei dessa parte radical, assim...

_Coisas que te destacavam...

_É, coisas anormais que muita gente não fazia. (risos) E eu fazia. (...)

_Seu filho já tem skate?

_Já. Uma das primeiras coisas que dei pro meu filho foi um skate, quando ele era pequenininho eu desci a rua da minha mãe de skate e ele viu e ficou alucinado. "Nossa, você viu o pai de skate?!" E começou a andar de skate, queria andar com o meu. (...) Tem isso aí então, que passei pra ele e acho que ele vai gostar, viu? (risos)

Análise do caso

Durante a entrevista, eu fiquei com a sensação de que Arthur “fugia” do tema, e nesse final ele confirma que da pergunta da pesquisa “fotografe a sua experiência cotidiana de ser homem”, ele ficou com a primeira parte, sem se “preocupar” em colocar sua masculinidade. Logo em seguida ele conta que as fotos em que ele aparece fazendo as atividades domésticas, além de não serem exatamente um retrato de sua masculinidade, também não são do seu cotidiano, pois normalmente seria a esposa naquele lugar, naquele momento. Houve a preocupação de me mostrar um Arthur atuante naquele papel, talvez mais do que ele seja de fato. É possível ver que ele não está fisicamente virado para o fogão e para a máquina de lavar; está posando para a foto.

O que ele conseguiu relacionar com masculinidade e percorreu toda a entrevista é algo que aprendeu com o pai: realizar tarefas de construção e “manutenção” da casa. Arthur se orgulha disso. Essas tarefas representam também a manutenção de sua casa-família (de origem) nele, a herança que carrega do pai, da relação entre os pais, e que ele transmite ao filho. E para justificar tais tarefas como masculinas, ele se compara com outros homens e com mulheres que fazem ou deixam de fazer o mesmo, e confirma matematicamente que são tarefas de homem.

Outra relação que ele faz da sua história com a masculinidade diz respeito a algo que ficou para trás, e não está nas fotografias: seu espírito aventureiro, sua paixão por esportes radicais. Para conferir se esse também é um aspecto masculino, ele faz o mesmo teste anterior, e comprova que sim (ao menos pelas suas referências), já que a maioria dos interessados e dedicados aos esportes radicais são homens.

Assim como o pai, Arthur parece estar atento à necessidade de adaptações no seu jeito de ser homem considerando o mundo em que vive. Essa adaptação vem no sentido de educar a brutalidade da “essência” desse homem, por um lado, e por outro, de se separar do pai, atento às repetições e outros aspectos reativos nessa relação que poderiam lhe fazer mal e que não servem nem à família que ele constrói, nem à vida profissional que quer para si. Isso aconteceu principalmente quando convivia com o pai no trabalho (em uma empresa que representava o sonho profissional do pai), e percebia que a demanda emocional de lidar com ele naquele contexto era excessiva e prejudicava sua saúde.

Ao final, tive também a sensação de que o tom que prevaleceu na sua forma de participar veio da responsabilidade que ele sentia em honrar com o compromisso que fez comigo. O fato de ter compartilhado sobre a pesquisa com a esposa, e o foco da conversa entre eles ter sido o da possibilidade ou não de realizá-la, ao invés do conteúdo do trabalho, suas ideias a respeito, me confirmam essa sensação. Acredito que ele teve interesse em participar,

sim, mas penso que o seu interesse tinha bastante relação com o fato de eu ser psicóloga, e ele ter vivido uma experiência de terapia que foi significativa para ele, o que ele também aponta no final. Depois de finalizada a entrevista, ele me contou com mais detalhes o que aconteceu entre ele e o pai quando tinham a empresa familiar, e como se deu o processo de encerramento da empresa, com os impactos nas relações da família. Nesse momento me vi exercendo uma escuta terapêutica, indo além do meu lugar de pesquisadora. Esse lugar também me remeteu ao da mãe, mulher compreensiva, que lhe dava atenção, com quem tinha diálogo, e que, assim como provavelmente muitas outras mulheres que conheceu na vida, lhe proporcionou um espaço para educar (no meu caso, eu diria refletir sobre) sua brutalidade essencial.

4.7- Análise do conjunto

Primeiramente, destacamos alguns aspectos gerais sobre o conteúdo das 60 fotografias apresentadas pelos entrevistados: eles estão fisicamente presentes em 27 das fotos, sendo 25 de três entrevistados, e os outros dois (Danilo e Fabrício) só mostraram parte de suas pernas em uma foto, cada. 21 fotos trazem espaços públicos, e 39, espaços privados. Dez fotos contêm familiares dos entrevistados, e nove estão ligadas às suas profissões (de três deles). Onze fotos mostram elementos mais clichês do universo masculino: carros - 5; cervejas - 3; futebol - 2, e revistas de mulher nua - 1. Em quatro fotos temos cenas de trabalho doméstico, sendo três delas na cozinha, de três participantes, mostrando louças lavadas por eles.

Com poucas exceções (especialmente de parte das fotos de Fabrício), as fotografias retratam a masculinidade em ângulos bem fechados, com foco em objetos ou pessoas. Os temas não variam muito, o que remete a uma baixa criatividade para ir além dos estereótipos para apresentar diferentes ângulos de captura sobre o assunto abordado.

Os enquadramentos fechados causam a impressão de restrição no campo e no trânsito desses homens pelos espaços. Parecem uma forma de apresentar suas identidades masculinas de forma circunscrita, centradas nos seus corpos, em tarefas que desempenham, e nas suas relações com aqueles que são próximos. Ao mesmo tempo em que são focadas neles, trazem a masculinidade de forma mais tradicional e estereotipada (coisas de homem, trabalhos de homem, comportamentos de homem) e parece que uma parte importante das particularidades fica de fora.

Três deles apresentaram fotos de arquivos, o que pode ser uma tentativa de resgatar algo do passado, já conhecido, e também transpor uma dificuldade que aquela tarefa de fotografar o presente implicava.

As fotos, por si só, não respondem aos problemas dessa pesquisa. É na junção das fotografias com os discursos sobre elas no encontro do sujeito com a pesquisadora que se torna possível surgir os questionamentos e as tensões que favorecem as interpretações que buscamos, essas sim, material para a nossa produção de conhecimento.

As entrevistas com os cinco homens nos trazem a dimensão de como é construída e percebida a nossa identidade de gênero: através das relações, no encontro e no embate com o outro, inclusive com o outro-eu, a imagem do espelho na própria fotografia. O principal "outro" que apareceu para lhes ajudar a falar sobre eles foi a mulher, muitas vezes como um outro-oposto (a mãe de Lucas, e as mulheres que não fazem trabalhos de manutenção de casa nem esportes radicais, de Arthur). A mulher também apareceu como alguém que precisa de proteção dos homens (nas falas de Lucas e Fabrício), e ainda como aquela que os ensina/solicita deles um modo de agir mais igualitário nas relações entre gêneros, ou mais feminista (como a esposa de Fabrício e as amigas com quem morou, a colega de trabalho de Túlio, sua esposa e sua mãe).

Dos cinco entrevistados, dois (Túlio e Fabrício) deram bastante ênfase às suas origens, às relações com os pais, mais especificamente. Os demais focaram nas suas relações atuais, com amigos, amigas, colegas de trabalho e companheiras, e, no caso particular de Lucas, nos homens com quem se relaciona e os quais admira. À exceção de Lucas, todos eles trouxeram a dimensão de uma masculinidade que precisou se adequar às demandas do tempo de hoje, colocando, de alguma forma, uma diferença não só entre o agora e o tempo do "homem das cavernas", mas entre o hoje e o tempo da infância, ou o tempo em que os pais lhes apresentaram o mundo, lhes ensinavam como ser homens. Falaram da transição de um tempo em que o homem não lavava a louça (seus pais), para um tempo em que o casal o faz, mesmo que a mulher ainda tenha que dizer ao homem que é hora de o fazer. A cena do homem que lava a louça, performatizada em três fotos por três participantes e na fala de mais um deles, parece representar, para eles, o disfarce ideal do homem que se adequou, sob o qual fechamos uma *gestalt* do quadro – o disfarce, no conceito de Herrmann (2001, p146), tem esse efeito – a partir do qual concluiríamos que ele não é machista na relação com a companheira.

Lucas se diferencia dos demais por ter apresentado basicamente homens como figuras de identificação e de contraponto. Esses foram "o outro" apresentado por ele, em quem, na maioria das vezes, ele se projetava para se apresentar. Há entre ele e os outros homens pouca diferenciação. Já entre ele e a mãe, há uma completa oposição. Ele não traz a necessidade de

adaptação que os demais fizeram, mas no momento inicial também quis contar que não é "machista", quando reconhece o direito da mulher de entrar ou não na dança. Porém, Lucas não demonstrou apreender que para que a mulher tenha mesmo a condição de igual, ela também precisa ter as mesmas condições de conduzir danças, sozinha ou em parceria. De certa forma, ele mantém a mulher em uma posição oposta e distante de si, e assim, afasta dele a feminilidade.

Fabrizio coloca o outro-mulher como quem deve ser protegida de seus (e dos outros homens) impulsos dominadores, patriarcais, sexuais, aqueles que ele parece sentir, em parte, reprimidos, em parte, elaborados, mas não extintos. A adaptação que ele faz, vem no sentido de cuidar daquilo que pode escapar. Se polígia para não cometer o crime de ocupar um lugar mais espaçoso do que o que lhe é próprio, e que invade o espaço alheio (da mulher). Considera a mulher, não quer ser machista, mas esse é um exercício que lhe requer esforços constantes. A identidade de homem não-machista (ele não se diz feminista), é sentida como em construção. Ele precisa estar atento e vigilante para não recair no seu oposto, um lugar conhecido, já vivido. Fabrizio se percebe em construção e tem dificuldades em dizer como é sua identidade de homem agora, através de representações positivadas ("ser isso", no lugar de "não-ser aquilo").

Danilo admira e idealiza as mulheres, grupo que, segundo ele, evoluiu ao longo da história. Vê o homem como aquele que ainda carrega grosseria, agressividade, desde as cavernas, mas não se vê nesse o homem. Ao reconhecer em si aspectos do feminino (sensibilidade, por exemplo), tem dificuldades em se nomear homem (um homem sensível), e procura representações no 'ser gay' e 'ser mulher' para questionar quem ele é. Entende que ao se aproximar de aspectos femininos, evolui também. Parece que a identidade masculina fica sob ameaça quando as representações do macho agressivo das cavernas não se sustentam na racionalidade contemporânea. Ao invés de pensar numa evolução do homem, ele embarca na evolução na mulher, via identificação.

Arthur tem a mulher como referência para diferenciar o seu gênero/sexo. Quando vai dizer de algo seu que é masculino, precisa conferir se esse algo está "mais presente" nos homens do que nas mulheres, e assim, pode confirmar sua identidade masculina. Essa não é mais aquela que ele traz na sua essência, que lhe foi transmitida pelo pai. A mãe foi a primeira mulher que se colocou entre ele e a herança paterna-patriarcal; ela também tinha herança própria para transmitir, embora também ressoasse nela o patriarcado. Em seguida vieram os livros (estudos) e outros homens (principalmente aqueles educados por mais livros) e mulheres, a demandar que a pedra bruta fosse melhor lapidada.

Túlio entende que é natural sentir-se homem. Esse não é um tema sobre o qual pensa a respeito, no seu cotidiano. A demanda por pensar nisso vem do encontro com o outro que lhe

exige barrar seu desejo, como na expressão do carinho que sente por outros homens, que não pode acontecer por preconceitos sociais. Ele percebe uma desidentificação com o pai aparentemente cedo na sua história, que atribui à potência da voz da mãe e das demais mulheres da família. Enquanto o pai parece ter exercido uma masculinidade (na relação com a mulher) fora de casa e outra dentro, Túlio parece ter conseguido integrar melhor esse dentro e fora, considerando a voz potente da mulher nos dois lugares.

Um ponto importante sobre a forma de perceber a sua identidade masculina é que Túlio reconhece alguns desejos (carinho com homens, amizade com mulheres, vaidade) como parte do homem que é, e entende as barreiras sociais que o atrapalham de vivê-los como construções sem sentido, que não merecem ser reforçadas. Assim, questionando os sentidos dessas construções, ele filtra o preconceito que deveria incorporar, e pode viver alguns desses desejos sem senti-los como ameaças à sua masculinidade.

Esse ponto, a respeito de Túlio, vem ao encontro do que entendemos como via de uma transformação bastante positiva das masculinidades contemporâneas: quando se muda o jeito de falar e de fazer masculinos, as performances, mudam-se os sentidos da masculinidade, expande-se o que cabe “dentro” de uma identidade masculina. Isso é possível quando o homem olha para o seu desejo, olha para o desencontro entre esse e o modelo de masculinidade hegemônico do seu contexto social, e como um artesão, transforma as roupas desse guarda-roupas representacional que estão apertadas, largas, frouxas, rasgadas, em outras que lhe caem bem, feitas sob a medida de sua subjetividade. Um processo nada simples ou fácil, análogo ao que se dá na clínica psicanalítica, quando a/o paciente, ao se deparar com as suas contradições, seus avessos, seus desencontros entre o *eu que fala e pensa* e o *eu que sou*, se põe a reajustar as suas representações, para proteger seu corpo invisível de uma nudez imprópria para o mundo civilizado, resultando em uma noção identitária que, se a análise transcorrer bem, estará mais próxima do seu desejo. E como nada é fixo ou permanente, esse processo se repete até o fim de cada vida, cada cultura, cada chance de encontro-construção de si e de mundo.

5- Considerações finais

Nosso trabalho se propôs, dentro dos limites de seu recorte, a falar do homem e sua masculinidade, considerando a duplicidade que carrega a palavra homem. Primeiramente, como aquele que é tido como oposto à mulher, o indivíduo de sexo e gênero masculino, e em segundo, homem como sinônimo de humanidade: nós. Esse ponto nos interessa porque não há o homem isoladamente. E o sinônimo não é casual, o homem foi por muito tempo – e ainda o é frequentemente – a referência para se dizer e pensar a humanidade. A mulher, nesse caso, é negada ou, no mínimo, dependente, versão do homem. Quando essa relação muda, quando a mulher se emancipa e requer a sua existência como ser independente e igual, esse fato afeta ambos homem e humanidade.

No capítulo anterior, apresentamos e analisamos cinco narrativas de masculinidades oferecidas por nossos entrevistados através das fotos e falas de cada um. As representações de masculinidade trazidas por eles, e que puderam aparecer no encontro com a pesquisa e com a pesquisadora, mostraram quatro homens tentando integrar em suas identidades masculinas representações com referências à modelos de masculinidades “tradicionais”, retratadas pela maioria deles como jeitos “machistas”, herdados de seus pais e algumas vezes reconhecidamente reproduzidas nas suas experiências cotidianas, juntamente à representações compatíveis com ideais de igualdade de gênero, as quais eles, por vezes, experienciam, por outras, se esforçam para se apropriarem, e outras ainda negam, mostrando contradições em seus discursos, revelando parte de seus desejos.

Dentre as representações constatadas e que se amparam nos modelos tradicionais de masculinidade, estão as separações das profissões e tarefas próprias para homens daquelas outras próprias para mulheres, a função do homem de proteger a mulher, a exaltação da força física do homem como mínima diferença corporal e simbólica que diferencia os dois gêneros – e que justifica a divisão de tarefas e a proteção citadas, e os momentos de convivência com grupos exclusivos de homens, mediados por cerveja, frequentemente.

Como exemplos de integração entre as representações citadas acima e um modelo que preza a igualdade de gênero, temos a experiência de alguns deles de, junto com a cerveja, poder compartilhar vivências individuais que são feminilizados pelo grupo, como cuidados estéticos com o corpo e comportamentos não-dominadores que têm com suas companheiras, suportando a repressão ou desaprovação de seus pares. Outra representação desse ajuste ao modelo igualitário são as cenas em que se colocam desempenhando tarefas domésticas, representadas

nas fotografias e falas como exemplo emblemático de uma masculinidade não-machista na relação com a esposa.

Encontramos também no material das entrevistas a dificuldade, partilhada por três deles, de ilustrarem representações de masculinidade com as quais eles conseguissem se identificar imediatamente, ou soubessem verbalizá-las, nomeá-las. Diante disso, era frequente que eles recorressem a representações de masculinidades tradicionais para depois se diferenciarem dessas, como se dissessem: “essa foto mostra isso, mas o que eu quero mostrar é um pouco diferente.” A impressão trazida por essas falas e suas reticências é que faltavam palavras que dessem conta dos sentidos que eles queriam expressar. Talvez sejam experiências de ser homem que são sentidas, mas não simbolizadas, ou organizadas.

Lógicas diferentes encontramos nos outros dois, nas quais essas reticências praticamente não apareceram. Um deles reproduziu nas fotografias e vivências relatadas boa parte de um modelo de masculinidade viril, expresso em representações de força, autocontrole, rituais entre homens, protagonismo masculino, trazendo a convicção de um saber de si sem dúvidas, com autoridade, e sem qualquer menção à necessidade de se adequar a modelos diferentes. É também seguro de que já integrou a igualdade de gênero às suas práticas de masculinidade, negando a incompatibilidade entre práticas de dominação e práticas igualitárias.

Já o outro participante trazia, também com segurança, mas de forma diferente, a sua masculinidade amparada em características e vivências suas, sem a necessidade de atribuir a elas um gênero, reconhecendo que a atribuição cultural de sentidos aos gêneros pode não representar o seu desejo, e assim ele prefere aliviar o peso dessas construções dando ênfase maior à sua experiência.

O encontro com essas representações e esse material só foi possível dado o contexto específico dessa pesquisa acadêmica, feita por uma pesquisadora mulher da mesma geração que os homens entrevistados, entre os anos de 2013 a 2017, na capital paulistana. É digno de nota que esses homens aceitaram conversar com uma mulher que colocava em questão as suas masculinidades. Imagine a mesma pesquisa feita com os pais dos nossos entrevistados. É fácil pensar que as respostas não seriam as mesmas. Agora imagine perguntar a um homem na década de 40 do século passado algo parecido com “O que é ser homem, para você?”. Seria, no mínimo, uma grande ousadia. E provavelmente ainda o é em alguns contextos no Brasil e afora.

As cinco entrevistas nos deram a dimensão de como a masculinidade não se dissocia da identidade global do sujeito, e sua forma de vivê-la está completamente arraigada na sua

personalidade. Aquele sujeito com aspectos mais obsessivos vai dizer da sua masculinidade e vivê-la com traços de sua obsessão. Aquele outro que fala de si, do seu trabalho, de sua família, suas viagens, de forma narcisista, também apresenta assim a sua masculinidade. Essas, juntas com as (demais) transmissões hereditárias nas dinâmicas familiares, são as singularidades, as variâncias, que nos remetem à dimensão individual da masculinidade, ou que há variadas singulares formas de se viver a masculinidade, entendendo que não só os homens a vivem em alguma dimensão.

Por outro lado, o contexto social e cultural em que os entrevistados vivem nos fazem pensar na dimensão coletiva da masculinidade, a dimensão cultural e psíquica compartilhada dentro de uma mesma realidade. Nesse tempo e nesse lugar em que habitam os nossos entrevistados, a identidade masculina é aquela vivida sob suspeita de crise.

Quando perguntamos: há uma crise da masculinidade?, temos que perguntar a que crise se refere a pergunta? E crise para quem? A noção dessa crise pressupõe o sofrimento do homem diante da perda de um lugar historicamente (visto e vivido como) estável, naturalizado. A emancipação da mulher, além de abalar a relação dominação X submissão, acaba colocando em cheque os limites das diferenças entre os dois gêneros, já que a dominação é uma forte referência para o masculino. O abalo nas representações identitárias vem de um abalo na relação de poder entre os gêneros. E essa relação de poder é o que torna gênero um problema. Como Butler aponta, o problema não está nas diferenças, mas na desigualdade que é estabelecida pelos sentidos das diferenças. (Butler 1990/2015)

Os limites das diferenças entre o masculino e o feminino são os da fantasia⁶², já que as identidades são “ilusões de ótica”⁶³. Até que ponto pode haver uma transformação na masculinidade e ainda haver masculinidade? E por que (ainda?) importa que “haja” masculinidade, ou que a masculinidade seja uma condição significativa na identidade de um homem? Lembremos da primeira pergunta feita às gestantes: “É menino ou menina?” A marca do gênero é, na maioria das vezes, a primeira marca que carregamos. É uma marca expressiva. Algumas vezes, quando ouvimos falar em uma não-identidade de gênero, esta acaba reproduzindo uma outra identidade, mesmo que amplie o repertório de representações na busca por abarcar a pluralidade dos desejos e práticas sexuais, dos afetos, das formas de se colocar frente ao outro. Parece difícil dizer dela, da não-identidade, sem se referir às representações tradicionais de masculino e feminino em algum momento, ainda que para negá-las. Isso porque estamos questionando as identidades em um momento de (possível) transição de paradigmas,

⁶² No sentido freudiano

⁶³ Herrmann dizia que o eu é uma ilusão de ótica. (1999)

do identitário para o pós-identitário. Não sabemos se o novo paradigma vai se consolidar, ou vai continuar como um vetor que coexiste, talvez como forma de resistência.

Nesse contexto, acreditamos que um ajuste das roupagens identitárias é uma possibilidade viável para esse tempo em que as incertezas são reconhecidas. Esse ajuste pode acontecer a partir dos embates que o homem vive nas relações, que colocam em cheque algumas representações de masculinidade que, embora arraigadas histórica e psiquicamente, são convidadas ou forçadas a saírem da cena atual. A própria história cultural e também a história psíquica oferecem ao homem os instrumentos para pensar e viver tais ajustes, como a tesoura, a linha e a fita métrica do costureiro-artesão de vestes sob medida.

Contudo, tal ajuste só é possível quando o indivíduo não se sente tão ameaçado. A mínima confiança no outro-diferente como alguém que pode contribuir com a sua construção identitária e não como quem vem lhe tirar de si, ou tomar-lhe algo para si, é fundamental para que ele se abra às transformações. Além disso, é bastante relevante ter a mínima crença de que o *eu* é ser de disfarces; encena e transita em um mundo carregado de ficções, mundo humano que é. Como sugere Danilo, nesse ponto os artistas têm vantagem. A arte sensibiliza para essa visão de mundo, ela provoca/é criação, em meio a tantas repetições. “Repetir, repetir, até ficar diferente”, disse certa feita o poeta Manoel de Barros (2010, p. 300)

Sensibilidade é atributo humano, não de gênero. A razão idem. A invenção da razão como atributo masculino e como oposta ou incompatível com a emoção e a sensibilidade, atributos feminilizados, e que por uma lógica absurda⁶⁴ tanto justificou a dominação masculina durante séculos de história humana, nos causou/causa danos incomensuráveis, sob a promessa de uma civilização altamente desenvolvida, tecnológica, eficiente, prática. Sobre isso, outro artista canta:

Enquanto os homens exercem seus podres poderes
Motos e fuscas avançam os sinais vermelhos
E perdem os verdes somos uns boçais (...)
Será que nunca faremos senão confirmar
A incompetência da américa católica
Que sempre precisará de ridículos tiranos?
Será, será que será, que será, que será
Será que esta minha estúpida retórica
Terá que soar, terá que se ouvir por mais mil anos?
Enquanto os homens exercem seus podres poderes
índios e padres e bichas, negros e mulheres

⁶⁴ Nos referimos ao sentido contido na ideia de “princípio do absurdo”, de Fabio Herrmann, que diz de algo que quando atinge e ultrapassa o seu limite, revela o seu contrário. (Herrmann, 1999a, p 17) Um exemplo retirado daqui seria a percepção da fragilidade capturada no limite da postura machista, impositiva, dura de Lucas na relação com a pesquisadora.

E adolescentes fazem o carnaval
 Queria querer cantar afinado com eles
 Silenciar em respeito ao seu transe, num êxtase
 Ser indecente mas tudo é muito mau
 Ou então cada paisano e cada capataz
 Com sua burrice fará jorrar sangue demais
 Nos pantanais, nas cidades, caatingas e nos gerais
 Será que apenas os hermetismos pascoais
 Os toms, os miltons, seus sons e seus dons geniais
 Nos salvam, nos salvarão dessas trevas e nada mais?
 Enquanto os homens exercem seus podres poderes
 Morrer e matar de fome, de raiva e de sede
 São tantas vezes gestos naturais
 Caetano Veloso (Podres poderes, 1984)

O absurdo da confusão de sentidos da irracionalidade humana com a racionalidade masculina revela o que Herrmann chamou de contágio – uma fusão entre desejo e real e que tem como efeito a dissolução do sujeito (2001, p. 150). A arte, como a da poesia colocada aqui pelos versos musicados de Caetano e o verso em prosa de Manoel, têm a potência de nos proteger desse contágio, já que extrapola a racionalidade e sua gramática normativa, usufruindo de seu caráter ficcional no encontro com a subjetivação dos mundos. De forma análoga, a Psicanálise, com seu método próprio, a interpretação, elucida o contorno do desejo dos sujeitos, a parcela do real subjetivada em cada um, ou cada grupo.

A Psicanálise é uma ciência que pode tomar a razão em consideração, como objeto de estudo, por exemplo, visto que não é sustentada por essa lógica. Nossa ciência, desde Freud, tem nas ficções literárias a principal fonte de influência para a produção de seus conhecimentos e de sua prática. Nesse sentido, Psicanálise se junta à arte como forma de resistência à norma racional.

Uma Psicanálise para o nosso tempo, além do pressuposto atemporal colocado acima, é aquela atenta às perguntas do nosso tempo. Se para a época de Freud a masculinidade não era uma questão, para a nossa, ignorá-la também seria uma.

Temos aqui homens em defesa de uma certa masculinidade, masculinidades tensionadas na sua proximidade ou contágio com feminilidades. Há defesas declaradas contra identidades machistas, ao mesmo tempo em que há defesas mais veladas contra identidades não-machistas. Estamos diante de homens femininos em suas masculinidades?

Em uma sociedade que nos seus últimos estágios possibilitou a emergência de uma multiplicação de representações identitárias, afrouxando as fronteiras mercadológicas e virtuais, e assim também afrouxou fronteiras de diferenças, como as do campo do gênero, novos sentidos de masculinidade têm como limite a multiplicidade das subjetividades de cada

homem, de cada sujeito que se reconheça homem, enquanto esse reconhecimento ainda fizer sentido. Porém, dada a rapidez dessa multiplicação, e, de forma paradoxal, com as cobranças sociais por tomadas rápidas de posicionamentos (ser contra X ser a favor; concordar X discordar; ser feminista X não ser feminista ⁶⁵) talvez a demanda que nos é comunicada seja a da possibilidade de sustentação de um trânsito representacional⁶⁶, a tolerância de um tempo para reorganizar as representações que estão em vórtice, um espaço para viver a incerteza. Essa que não é um atributo feminino, mas humano. Assim temos homens com h minúsculo, como o de humanidade.

⁶⁵ Basta acessar algumas reportagens em sites jornalísticos mais difundidos na mídia, com notícias minimamente polêmicas, e ler os comentários dos internautas, para se ter exemplos dessa demanda apressada por uma tomada de posição, que acaba vetando diálogos abertos a ponderar as discordâncias e aprofundar os conhecimentos.

⁶⁶ Herrmann chamou de expectativa de trânsito o estado em que “o paciente está privado de um campo eficiente para suas representações” um estado de angústia, na situação analítica, que se dá logo em seguida à ruptura de campo. (2001, p. 60)

REFERÊNCIAS

Ambra, P. (2015) *O que é um homem? Psicanálise e história da masculinidade no ocidente*. São Paulo: Annablume.

Ambra, P. e Silva Junior, N. (2016). O gênero no divã. *Brasileiros*. Recuperado de <http://brasileiros.com.br/2016/06/o-genero-no-diva/>

Ayouch, T (2014) As diferenças entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. *Revista Brasileira de Psicanálise*, V 48, n. 4, pp 58-72.

Badinter, E (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira

Barros, M (2010). *Poesia completa*. Editora Leya

Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman*; tradução Varlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Beauvoir, S (1967) *O Segundo Sexo*, 2a ed, Vol. 2. São Paulo: Difusão Européia do Livro

Birman, J. (2014). O sujeito da diferença e a multidão. *Ide*, 36(57), 25-40.

Bosco, A. (2009) *Entre a essência e a construção: experiências cotidianas do feminismo a partir da produção fotográfica de jovens mulheres paulistas*. (Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo)

Botelho, J. B., & Weigel, V A C.M.. (2011). Comunidade sateré-mawé Y'Apirehyt: ritual e saúde na periferia urbana de Manaus. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 18(3), 723-744

Bourdieu, P (1998) *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 31

Bulamah, L.C. (2016) *História de uma regra não escrita: a proscrição da homossexualidade masculina no movimento psicanalítico*. São Paulo: Annablume.

Butler & Rubin, (1994/ 2003) *Tráfico Sexual – entrevista com Gayle Rubin*. *Cadernos Pagu*, Campinas: Unicamp, 21, p. 157-209.

Butler, J. (1990/2015) Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade. 8a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Butler, J (1997) *The Psychic life of power*. California: Standford University Press, 1997.

Bleichmar, E.D. (1985) *O feminismo espontâneo da histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

Campilho, M. (2014). *Jóquei*. Portugal: Tinta da China

Connell, R. W. (1995). *Masculinities*. Berkeley, CA: University of California Press
Courbin, A., Courtine J-J. e Vigarello, G. (orgs.) (2012/2013) História da Virilidade. Petrópolis: Vozes.

Cortine (2012/2013c) A Virilidade em Crise? In: Courbin, A., Courtine J-J. e Vigarello, G. (orgs.) (2012/2013) História da Virilidade. Petrópolis: Vozes

Corbertt, K. (2009). *Boyhoods: Rethinking Masculinities* Yale University Press

Corbertt, K. (2008) Gender Now. *Psychoanalytic Dialogues* 18: 838-856.

Costa, Jurandir Freire (1995). *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escuta

Chorodow, N. (1978) *The reproduction of Mothering: Psychoanalysis and Sociology of Gender*. Berkeley, Los Angeles, London : University of California Press

Danon, G. and Lauru, D. (2015). Interview With Jean Laplanche. *The Psychoanalytic Review*: Vol. 102, Special Issue: French Psychoanalysis, pp. 709-718.

Dubois, P. (2007). *O Ato Fotográfico*, Campinas: Papirus.

Dunker, C. I. L (2015) Hipótese sobre o Brasil. *Brasileiros*. Recuperado de <http://brasileiros.com.br/2015/08/hipotese-sobre-o-brasil/>

Dunker, C. I. L. (2016) Como diagnosticar o Brasil neste momento de crise profunda? Há cura possível? [Entrevista concedida para Daniela Smid] Recuperado de <https://psicanalise-e-politica.psibr.com.br/>

Herrmann, F. (1999a). *O que é psicanálise - para iniciantes ou não*. (13a ed.) São Paulo: HePsiché. 153 p.

Herrmann, F. (1999b). *A psique e o eu*. São Paulo: Hepsyché.

Herrmann, F. (2001a). *Introdução à teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, L. (2007) *Andaimes do real: a construção de um pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Freud, 1905/1996, *Três ensaios sobre sexualidade*. FREUD, S. Obras Completas, Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. VII

Freud, S. (1909/2006). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Vol. X pp.12-133. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1924/2011). A dissolução do complexo de Édipo. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Volume 16. (203-213) São Paulo: Companhia das Letras

Freud, S. (1925/ 2011) Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: Obras completas, volume 16 : O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925) / Sigmund Freud ; tradução Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Freud, S. (1933/1996) Conferência XXXIII Feminilidade. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930/2006). O mal-estar na civilização. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. XI. (pp.73-148). Rio de Janeiro: Imago Editora.

Funck, S. B. (2008) Pedagogias do espaço doméstico: quartos para meninos e a construção de masculinidades. In: Guilhardi-Lucena, M. I. & Oliveira, F. Representações do Masculino: mídia, literatura e sociedade. Campinas, SP. Editora Alínea.

Ferreira, V. V. S. (2015) Ministério pastoral feminino: um olhar sobre o discurso das pastoras batistas de São Paulo e o discurso dos líderes da ordem dos pastores batistas do Brasil de São Paulo (OPBB-SP) sobre o ministério pastoral feminino. [Anais do V Congresso da ANPTECRE “Religião, Direitos Humanos e Laicidade]

Filgueiras, J. M. (2006) A Educação Moral e Cívica e sua produção didática: 1969-1993. (Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Foucault, M. (1976/2011) *História da sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Edições Graal.

Foucault, M. (1984/2011) *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. São Paulo: Edições Graal.

Foucault, M. (1984/2011) *História da sexualidade III: o cuidado de si*. São Paulo: Edições Graal.

Frosh, S. (1994) *Sexual Difference: Masculinity & Psychoanalysis*. London: Routledge

Frosh, S. & Phoenix, A. (2001) Positioned by “Hegemonic” Masculinities: A Study of London Boys’ Narrative of Identity. *Australian Psychologist*, v 36 (1) pp 27-35.

Gayle Rubin (1984). Thinking Sex: Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In Abelow, H.; Barale, M. e Halperin, D. (Eds) *The Lesbian and Gay Studies Reader*, New York: Routledge.

Goldenberg, R. (2016) *O gênero em questão*. Recuperado de <https://ricardogoldenberg.files.wordpress.com/2016/11/o-gecc82nero-em-questacc83o5.pdf>

Herrmann, F. (2001). *Introdução à teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Izeckson, V. (2013) Quando era perigoso ser homem. Recrutamento compulsório, condição masculina e classificação social no Brasil. In: Del Priore, M. e Amantino, M. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP.

Klein, M. (1932/1997). A psicanálise de crianças. In: *Obras completas de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago

Lemos, F (2013) Entrevista com Joan Scott. *Mandrágora*, v.19, (19) pp 161-164.

Louro, G. L. (1997) *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Editora Vozes

Louro, G. L. (2004) *Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Autêntica Editora

Louro, G. L. (2010) *O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade*. Autêntica Editora

Manzi Filho, R. (2014) Seria o falo uma questão anatômica ou não? *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 48 (4).

Matos, Marlise. (2010). Movimento e teoria feminista: é possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global?. *Revista de Sociologia e Política*, 18(36), 67-92. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782010000200006>

Monteiro, M. (2013) Masculinidades em revista: 1960-1990. In: Del Priore, M. e Amantino, M. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP.

Muller, A. (2013) Não se nasce viril, torna-se: juventude e virilidade “anos 1968”. In: Del Priore, M. e Amantino, M. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP.

Muszcak, S. *Violência e masculinidade: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero*. (Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo)

Neiva-Silva, L. & Koller, S. H. (2002) O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 237-250

Newsom, J. S. (Diretora) (2015) *The mask you live in*. [Documentário]

Nolasco, Sócrates. (1993) *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco,.

Santos, H. L. L. e Ambra, P. E. S. (2013) *Violência e interpretação: uma leitura psicanalítica da violência e de sua interpretação nas manifestações políticas de junho de 2013*.

[Trabalho apresentado no XIII Jornada Corpolingüagem / V Encontro Outrarte: As voltas do parafuso: interpretação e enigma na literatura e na psicanálise - UFRJ]

Oliveira, M. P. (2011) *Ser ou Apare-ser: eis a questão! Uma lógica possível de construção identitária adolescente no mundo virtual*. (Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia).

Poli, M. C. (2007) Medusa e o Gozo: uma leitura da diferença sexual em Psicanálise. *Ágora*. Rio de Janeiro: (X) 2. pp 279-294

Porchat, P. (2007) *Gênero, Psicanálise e Judith Butler – do Transexualismo à política*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Porchat, P. (2013) Tópicos e desafios para uma psicanálise queer. In: Teixeira Filho, F. S. [et al] (orgs) *Queering: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea*. Cuiabá: EdUFMT.

Romera, M. L. C. (2002). Postura interrogante-interpretante: por quem os sinos doam??? (47-57). In: Leda Maria Codeço Barone; Andrea Giovannetti; Leda Herrmann; Marilsa Taffarel; Rubia Mara do Nascimento Zecchin. (Org.). *O Psicanalista: hoje e amanhã O II Encontro Psicanalítico da Teoria dos Campos por escrito*. São Paulo: Casa do Psicólogo

Sartre, M. (2012/2013a) Virilidades Gregas. In: Courbin, A., Courtine J-J. e Vigarello, G. (orgs.) (2012/2013) *História da Virilidade. 1. A invenção da virilidade Da Antiguidade às Luzes*. Petrópolis: Vozes

Sofio, F. (2015) *Literacura: Psicanálise como forma literária*. São Paulo: Fap-Unifesp

Scott (1989) *Gênero uma categoria útil para a análise histórica*. Recife: Publicação da ONG S.O.S. Corpo de Recife

Scott, J. (2005) O enigma da igualdade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13 (1)

Stoller R. (1968) *Sex and gender: the development of masculinity and femininity*. New York: Science House

Sarti, C. A. 2004. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(2): 264.

Tagliamento, G. & Tonelli, M. J. F. (2010) (Não) Trabalho E Masculinidades Produzidas em Contextos Familiares De Camadas Médias. *Psicologia & Sociedade*; 22 (2): 345-354, 2010

Vitor Melo (2013) Novas Performances públicas masculinas: o esporte, a ginástica, a educação física (século XIX). In: Del Priore, M. e Amantino, M. (Orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: UNESP.

Weeks, J. (2000) A sexualidade e o corpo. In: Louro, Guacira L. org. (2000) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica

ANEXO A – Questionário de dados

Pesquisa: A masculinidade nos homens: representações de gênero de jovens paulistanos

Pesquisadora: Mariana Paula Oliveira

Instituto de Psicologia

Universidade de São Paulo - SP

Questionário - Dados do entrevistado

(Obs.: os dados que o identificam serão mantidos em sigilo)

Data:

Nome:

Data de nascimento:

Profissão:

Renda mensal (individual):

Orientação sexual:

Estado civil:

Cor/ raça:

Filhos/as: () Sim/ Quantidade e idade de cada:

() Não

Enteados/as: () Sim/ Quantidade e idade de cada:

() Não

Dados da companheira

Idade:

Profissão:

Renda mensal (individual):

Cor/ raça:

ANEXO B - Consentimento informado para participação em pesquisa

Você foi convidado para participar da pesquisa para elaboração da tese de doutorado: “A masculinidade nos homens: representações de gênero de jovens paulistanos”, a ser realizada pela pesquisadora Mariana Paula Oliveira, aluna do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob orientação da Professora Doutora Audrey Setton Lopes de Souza.

Essa pesquisa pretende analisar como o homem percebe e retrata a sua identidade masculina, ou a sua experiência de ser homem. Para isso, contaremos com a participação de homens de 24 a 35 anos, casados ou amasiados, pertencentes às classes médias paulistanas.

Você será orientado a tirar 12 fotos, durante um período de tempo estipulado, na tentativa de responder à demanda: “Fotografe a sua experiência cotidiana de ser homem”. Posteriormente, você passará por uma entrevista, feita pela pesquisadora, na qual você falará sobre as fotografias que produziu. Estimamos que essa entrevista dure entre 30 minutos a 2 horas. O local da entrevista será escolhido junto ao participante, visando a sua comodidade. Em caso de custos gerados pela participação, a pesquisadora se compromete a ressarcir-los integralmente.

Caso você resolva se identificar ou identificar outras pessoas em alguma das imagens, incorrendo no comprometimento da confidencialidade de sua participação, pedimos que o faça mediante o preenchimento do formulário de autorização de uso da imagem em anexo. Alternativamente, caso você queira fotografar pessoas ou você mesmo, mas não quiser ser identificado, serão utilizados recursos de alteração de imagens (as imagens serão editadas com alto contraste), como forma de preservar a confidencialidade.

A sua participação nesse estudo é voluntária e poderá ser interrompida se você assim o desejar, sem nenhuma consequência para você.

Sobre benefícios e riscos:

Investigar a construção da identidade de gênero, além de produzir conhecimento acerca da subjetividade, também nos favorece a pensar sobre as relações entre gêneros. O participante estará contribuindo para a construção de uma prototeoria psicanalítica que, entre outras, amparam o fazer clínico e institucional da/do profissional psi. Para o participante, é uma oportunidade como esta de pensar sobre si, se olhar, se questionar. O autoconhecimento, mesmo que com alguma angústia envolvida em seu processo, é um aliado do crescimento pessoal.

Um possível risco da pesquisa é o de, ao pensar sobre a sua identidade e condição masculina, o participante passe por algum desconforto ou abalo identitário/emocional. Caso isso lhe aconteça, a você será oferecido o encaminhado para a Clínica de Psicologia da Universidade de São Paulo, que dispõe de acompanhamento psicológico gratuito.

Em qualquer momento você poderá entrar em contato com a pesquisadora através do telefone (11) XXXXXXXX para esclarecimentos.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, para esclarecimentos com relação às dúvidas éticas do projeto: Av. Professor Mello Moraes, 1721 – Bloco G, 2º andar, sala 27. CEP 05508-030 - Cidade Universitária - São Paulo/SP. E-mail: ceph.ip@usp.br - Telefone: (11) 3091-4182

Esse termo foi elaborado em duas vias, as quais devem ser rubricadas em todas as suas páginas e assinadas na última página pelo participante da pesquisa e pelo pesquisador, devendo cada parte ficar de posse de uma via.

Eu, _____, RG _____,
concordo em participar da pesquisa “A masculinidade nos homens: representações de gênero na fala e na fotografia de jovens paulistanos” nos termos acima explicitados.

_____ Assinatura do Participante

_____ Assinatura da Pesquisadora

São Paulo, ____ de _____ de 20 ____.